NICODEMOS ARAÚJO

O MUNICÍPIO DE CRUZ

022610
L0000022610

ACARAÚ - CEARÁ
1989

SUMÁRIO

DADOS GERAIS DO MUNICÍPIO 23

POVOAMENTO 31

FORMAÇÃO POLÍTICA 39

FORMAÇÃO RELIGIOSA 63

ENSINO E EDUCAÇÃO 87

ASPECTOS SOCIAL E CULTURAL 101

SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL 115

VIDA ECONÔMICA 121

TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO 131

SERVIÇOS E ÓRGÃOS PÚBLICOS 139

JERICOACOARA 147

APRESENTAÇÃO

É gratificante atender ao convite a mim feito para apresentar o "MUNICÍPIO DE CRUZ", mais uma obra de Nicodemos Araújo que, na sua humildade de sábio, chama apenas de "notas". Mas é um trabalho feito com ciência e onde, em nenhum momento, faltou a amor e a dedicação.

Nicodemos Araújo já se impôs a toda esta região do Vale do Acaraú não só pela lhaneza de pessoa que o caracteriza mas também pelo bem-querer à sua terra e à sua gente. Pioneiro em nossa região, seus trabalhos de pesquisas históricas serão daqui para frente fonte de consulta obrigatória para quem quiser fazer a História do Vale do Acaraú.

A obra que ora apresento, estruturada em moldes semelhantes aos utilizados naquelas em que o autor guardou os fatos históricos do Município de Acaraú, do de Bela Cruz e do de Santana do Acaraú, conserva a paixão pela pesquisa, a objetividade da narração e isto já é uma garantia do seu valor.

O autor recolhe, como perspicaz pesquisador, todas as ocorrências principais que fazem a história dos habitantes do recém-criado Município de Cruz, levando sua busca aos primórdios da civilização aqui implantada, adentrando-se nos meandros da sua formação cultural, política, religiosa, educacional, econômica e social e estendendo-se até à descrição dos fatos relacionados com a hoje nacionalmente conhecida enseada de Jericoacoara. Não contente com tão extenuante tarefa, qual semeador, vai plantando nos seus leitores sementes de otimismo, de amor à terra comum e, quando se faz necessário, de paz. Historiador, ele faz o passado influir no futuro. Inteligente, metódico, arguto, ele sabe que a História é a mestra da vida; e entendê-la é condição indispensável para um caminhar seguro em busca do desenvolvimento de qualquer comunidade humana.

Num Estado carente de memória, em que as tradições nem sempre são cultuadas e os acontecimentos não têm registro para a posteridade, o trabalho de Nicodemos Araújo tem importância fundamental. E para os que aqui nasceram, ou aqui residem, "MUNICÍPIO DE CRUZ" será sempre um monumento erguido à memória de quantos, pelo próprio esforço e iniciativa, trabalharam para construir a história da terra. Monumento que saiu da inteligência e boa vontade de um amigo que se torna, agora, um conterrâneo de coração.

Cruz, maio de 1989
Pe. Manoel Valdery da Rocha

PALAVRAS AOS LEITORES

Com o presente opúsculo, lançamos à publicidade mais algumas notas. Desta vez sobre o município de Cruz, recentemente instalado aqui na Região do Baixo Acaraú.

São apontamentos relativos a alguns aspectos da vida daquela unidade da federação cearense.

Como sempre o fazemos, ao compilar as presentes notas, tivemos por objetivo apenas contribuir, na medida de nossas possibilidades, para que aquele novo município ribeirinho seja mais conhecido em seu potencial e em suas peculiaridades.

Lamentamos sinceramente que nossas condições físicas, não nos tenham permitido apresentar um trabalho digno de apreciação, daqueles que se interessam pelo assunto aqui focalizado.

Sem elementos para oferecer à comunidade cruzense um estudo sério e aprofundado, como é nosso desejo, apenas registramos fatos e fizemos anotações, tudo assim perfuntoriamente, usando o escasso material que conseguimos colher, em deficientes fontes de pesquisas.

Desta maneira, nos limitamos a mencionar alguns fatos, sem sequer tecer comentários sobre este ou aquele registro.

Os possíveis leitores terão aqui, portanto, unicamente um punhado de notas coligadas sem nenhuma pretensão.

E, imitando um historiador emérito, baseamos estes sucintos apontamentos no "documento, na tradição escrita, na tradição oral e na realidade presente".

Sem condições de oferecer à população cruzense um presente mais útil, no primeiro aniversário de seu município, aqui trouxemos nossa oferta de pobre. Ela representa o óbulo da viúva, de que nos fala São Lucas (21,4), mesmo porque estas notas são tudo o que nos é dado apresentar.

"Cada um dá o que tem".

Nicodemos Araújo
Acaraú, dezembro de 1989

NOME DO MUNICIPIO

O Topônimo Cruz, segundo a tradição, começou a ser conhecido em princípios do século XVIII.

E essa denominação, ao que se diz, teve origem em uma cruz fincada sobre a sepultura de um **retirante** que morrera de fome, na seca de 1725.

Aliás, em nosso trabalho "Município de Acaraú", editado em 1971, por um engano tipográfico, saiu 1825, em vez de 1725.

Falam, também, de outro motivo que dera lugar à mencionada cruz: teria morrido ali não uma vítima da terrível calamidade climatérica que então atingiu em cheio a Capitania do Ceará, mas um genro teria sido assassinado, pelo próprio sogro, por questões amorosas. Uma lagoa vizinha era chamada de Lagoa da Cruz.

O eminente historiador Raimundo Girão confirma isso, em seu livro "Os Municípios Cearenses e Seus Distritos", p. 268.

Todavia, a primeira versão é que vem sendo aceita pela população local, desde a povoação hoje cidade.

No ano da graça de 1884, quando os construtores da capela do então lugarejo, procuravam o nome de um padroeiro para a mesma, o cruzense Francisco Bernardino de Albuquerque sugeriu o de São Francisco, de quem era fervoroso devoto. A escolha foi aceita por unanimidade. E, de imediato, se fez encomenda da imagem do Poverelo de Assis, por intermédio do Pe. Antônio Xavier Maria de Castro, então Vigário da Freguesia de Acaraú, a cujo território pertencia o povoado nascente.

Em consequência, durante algum tempo a povação foi chamada de São Francisco da Cruz.

Inobstante, o nome que ficou mesmo foi somente Cruz, com o qual foi criado o Distrito, com o qual foi criada a Paróquia, foi instituída a Subprefeitura e, finalmente, foi criado o Município.

CIDADE DE CRUZ

A cidade de Cruz está plantada em terreno plano e bonito, ocupando uma área estimada em seis quilômetros quadrados.

Emoldura-se a leste, pelo carnaubal verdejante da Ribeira do rio legendário; a oeste, pelos cajueirais virentes representados em sua linda Bandeira; ao norte, pela histórica lagoa onde fincaram a cruz que deu o topônimo sagrado; e,

pelo sul, com a tradicional "Lagoa dos Talos", "onde a marreca, a jaçanã, o tetéu, cantam ao luar, sonorizando o céu". Ao lado marcam presenças os bairros de Brasília e Malvinas.

Tal como fala o festejado poeta José Alcides Pinto, é "a cidade uma menina sorrindo; sorrindo em seu frescor adolescente". A cidade garota que "mostra a todos, em sua nobreza, seu perfil fascinante e garboso".

Paira ali, como uma bênção do Criador, nas asas da esperança e do amor, o sopro do progresso, indicando ao seu povo o caminho iuminoso do porvir.

Aqui e ali, lembrando sentinelas indormidas da cidade e de sua gente, coqueiros, mangueiras, cajueiros, castanholas, figuram enfeites colossais, oferecendo a todos a beleza da ramagem, a suavidade da sombra e a riqueza do oxigênio.

E, dentro da cidade princesa, mirando-se no exemplo das abelhas em suas colmeias, vive, trabalha e fraterniza uma comunidade que deseja crescer, para tornar grande o seu torrão nativo.

Os Prefeitos Joaquim Rocha de Vasconcelos, João Jaime Ferreira Gomes e Francisco Adenor Martins, de Acaraú, e João Muniz Sobrinho, de Cruz, sancionaram leis limitando as áreas urbanas e suburbana da cidade, elevando-a á Subprefeitura, e denominando ruas e praças.

Pelas leis 3/86 e 8/86, do Prefeito Jonas Muniz, a cidade conta, em sua área central: uma Praça, uma Avenida, 13 Ruas e 5 Travessas, assim denominadas:

Praça Mons. José Edson Magalhães
Avenida 14 de Janeiro
Rua Tte. José Muniz
Rua Mons. Sabino
Rua Vereador Mundico Martins
Rua Padre Valdery
Rua Cel. Teixeira Pinto
Rua Celso Araújo
Rua 7 de setembro
Rua Capitão Antônio Raimundo
Rua 6 de abril
Rua Antônio Muniz
Rua Tte. Albano
Rua Bernardino Farias
Rua Prof. João Pereira
Travessa Raimundo Pinto
Travessa Duca Silveira
Travessa Prof. Fabião
Travessa Miguel Albano
Travessa José de Bena

Todos esses logradouros estão numerados e emplacados, pelo Prefeito João Muniz Sobrinho, que já mandou levantar a planta topográfica da cidade.

O perímetro urbano da cidade de Cruz é estimado em 5 Km². E dentro dessa área se contam 1.300 prédios, sendo 900 residenciais e 350 destinados a outras finalidades, com uma população presumível de 4.000 habitantes.

O primeiro Prefeito do município, Jonas Muniz, construiu 40 mil m² de calçamento, ao passo que o segundo Prefeito, Antônio Raimundo de Araújo Neto dotou à cidade de mais 18.000 m². Tudo calçamento com juntura de cimento.

No que alude às praças da sede municipal, o Prefeito João Muniz Sobrinho construiu a Praça Antônio Malaquia, com estrado e auditório, e o Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto construiu a Praça Francisco Araújo Muniz, com uma fonte luminosa. Aliás, o Prefeito João Muniz Sobrinho também construiu uma praça em Caiçara, com 3.600 m² de calçamento.

É assim a cidade de Cruz, hospitaleira e amiga, em sua simpática fisionomia urbana. Ergue-se, ao norte, a majestosa Igreja Matriz, onde a imagem querida do Seráfico de Assis, há mais de um século, assiste o desenvolvimento da urbe, no labor construtivo de sua gente; e ao sul, a gigantesca chaminé da IACANORTE se levanta no espaço azul, apontando para o alto, para o infinito, para Deus.

DADOS GERAIS

LOCALIZAÇÃO

O município de Cruz está localizado na Micro região do litoral de Camocim e Acaraú — 56.

SUPERFICIE

Seu território mede 780 quilômetros quadrados, ou seja: 270 Km² do distrito de Cruz e 510 Km² do distrito de Jericoacoara.

DISTÂNCIA DA CAPITAL

A distância entre a cidade de Cruz e a Capital do Estado do Ceará, é de 243 quilômetros.

POPULAÇÃO

Conforme os números apurados no Recenseamento Geral do Brasil, realizado pela Fundação IBGE, em 1980, o distrito de Cruz, contava, então, 8.850 habitantes, e o distrito de Jericoacoara contava 9.640, que, somados, perfaziam um total de 18.490 habitantes.

Feitos os cálculos do aumento populacional, ano a ano, nestes 6 anos, isto é, de 1981 a 1986, na base geralmente usada, de dois e meio por cento ao ano, o efetivo demográfico do município de Cruz, soma, atualmente, 21.430 habitantes.

Quanto ao perímetro urbano das duas vilas, contavam elas, então, 2.312 e 733, respectivamente, totalizando 3.045 habitantes. Presentemente a população da cidade de Cruz é de 3048 habitantes, contados pela SUCAM.

CRIAÇÃO DO DISTRITO

O distrito de Cruz foi criado pela Lei estadual nº 4.440, de 30 de dezembro de 1958, aprovado pela Câmara Municipal de Acaraú, em 28 de maio de 1957.

CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

A Paróquia de Cruz foi criada por Portaria datada de 17 de março de 1958, firmada por Dom José Tupinambá da Frota, então Bispo da Diócese de Sobral.

ELEVAÇÃO A SUBPREFEITURA

A vila de Cruz foi elevada à categoria de Subprefeitura, pela Lei municipal nº 242, datada de 28 de maio de 1963.

CRIAÇÃO DO MUNICIPIO

O município de Cruz foi criado por força da Lei estadual nº 11.002, de 14 de janeiro de 1985.

CLIMA

Não obstante a temporatura ser um pouco baixa nos meses do inverno, e um pouco alta nos meses de outubro a dezembro, o clima do município de Cruz é ameno e saudável, para o que contribui a proximidade do mar. É o chamado "clima litorâneo". Segundo Pompeu Sobrinho, "a temperatura média do litoral do Nordeste oscila entre 26º e 27º".

ASPECTO FISICO

Localizado, como está, no Baixo Acaraú, aqui no extremo norte do Ceará, o município de Cruz possui, em seu aspecto físico, as características próprias da região. O terreno em que assenta o município é quase todo plano, notando-se o barro **massapê** a leste, na Ribeira do Acaraú, onde a oiticica ostenta a sua "ramada hospitaleira e amiga", e onde a carnaubeira ergue, em vertical, o gracioso estipe, afirmando-se a "heróica imperatriz dos domínios do agreste, e a expressão triunfal da vida do Nordeste", tal como diz o poeta Genuino de Castro. Na quase totalidade de sua superfície, os terrenos são arenosos. É de notar-se, apenas, alguns pontos pedregosos e meia dúzia de elevações mais pronunciadas. Entre estas sobressai o famoso promontório chamado Jericoacoara, que mede 100 metros de altura, aproximadamente. A orla marinha, em grande parte é pontilhada de dunas movediças, entre as quais se formam pequeninas lagoas. E a praia quase toda é juncada de coqueiros, cujas palmas, tangidas pelos ventos marítimos, "lembram asas de enormes pássaros pré-históricos". Aqui e ali salienta-se a mata exuberante, em sua **tropicalidade**, com seus enormes cajueirais que representam um possante suporte da economia municipal. É assim o aspecto topográfico do município de Cruz; um verdadeiro encanto da natureza.

REVESTIMENTO FLORISTICO

Relativamente a riqueza florística do município de Cruz, além da carnaubeira, que Fernando Denis garantiu "pode, por si só, suprir as necessidades de uma nação inteira", e o Príncipe Antônio Tomás adiantou que "dá sustento e colmo protetor, e cama e luz ao pobre", existem na Ribeira, o juazeiro, o mofumbo **orelha-de-onça**, a oiticica, o sabiá, a

marizeira e outros. Na zona da mata nota-se, em grande quantidade, o marmeleiro, umburana, pau-ferro, catanduba, etc. E na beira-mar são os manguezais viridentes, em suas várias espécies.

TERRENOS PEDREGOSOS

Em todo o território do município de Cruz, existem terrenos pedregosos nas seguintes localidades: Cidade de Cruz, Cajueirinho, Jenipapeiro e Cedro.

OROGRAFIA

Não existem serras no município de Cruz. Afora o Serrote de Jericoacoara, há o Serrote do Cajueirinho, Morro do Maxixeiro, Alto do Cedro, Morro da Casa Grande e Alto do Poço Doce.

MINÉRIOS

No que alude a existência de minérios no território do município, dizem que o naturalista Feijó teria descoberto uma mina de ferro no Serrote de Jericoacoara. E informa o Tabelião Neon Sales Lopes, que, em 1940, esteve em seu Cartório, aqui na cidade de Acaraú, um engenheiro, tentando registrar uma mina de ferro que detectara no mesmo promontório. Fala, também, o historiador Alvaro Gurgel de Alencar, em seu "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo", referindo-se ao município de Acaraú, que "em seu solo existem minas de ouro, ferro e prata, não exploradas".

RESERVAS HIDROGRÁFICAS

Com referência às reservas hidrográficas do município de Cruz, tem ele, em primeiro lugar, o oceano, com 42 quilômetros de costa, isto é, desde seus limites com o distrito de Aranaú, no lugar "Formosa", até a enseada de Jericoacoara, e daí ao lagamar de **Guriu**, nas extremas de Camocim. E no que concerne à água doce, aquela unidade cearense é banhada, a Leste, pelo Rio Acaraú, que é o segundo do Estado do Ceará, e o terceiro do Nordeste, em extensão e capacidade hidrográfica.

Na verdade, o nosso legendário **Rio das Garças**, com seus 320 Km de curso e vasão média anual de um bilhão e oitocentos milhões de metros cúbicos, ocupa 14.500 Km² de área. "Suas nascentes vêm da Serra das Matas, a 5 Km da **cabeceira** do Quixeramobim. Ao longo de seu curso, ele banha os municípios de: Tamboril, Macaraú, Groairas,

Sobral, Nova Russa, Ipueira, Reriutaba, Carlré, Ipú, Massapê, Santana do Acaraú, Morrinhos, Marco, Bela Cruz, Cruz e Acaraú. Vai lançar-se ao mar a 5 Km da cidade de Acaraú, por dois braços — **Mosqueiro** e **Cacimbas** — estando sua foz localizada a 2º 52' 36" de Latitude Sul e 3º 0' 12" de Longitude L do Rio de Janeiro."

RIACHOS E CÓRREGOS

Cruz é banhado, também, pelo Riacho Doce, que nasce na Lagoa da Gijoca e deságua na praia denominada **Rancho do Peixe.**

Cruzam o território do município de Cruz, 41 córregos, sendo 16 no distrito da sede municipal, e 25 no distrito de Jericoacoara. Os 16 localizados no distrito de Cruz, são os seguintes: Córrego dos Cavalos, que nasce no Guaraná e deságua no Córrego do Cedro, já no distrito de Aranaú — Córrego das Varas, nasce na Fazenda Santo Estevão, nos limites entre Cruz e Aranaú, e despeja no Lagamar, perto de Gameleirinha — Córrego. do Jenipapeiro, tem suas nascentes em Maçaranduba e sua foz na Lagoa do Jenipapeiro — Córrego do Zacarias, nasce na fazenda **Zacarias** e deságua na Lagoa do Zacarias — Córrego de São José, tem suas nascentes no lugar São José e barra no Córrego da Poeira — Córrego do Cajueirinho, nasce na Baixa das Pitombeiras e tem sua foz no Poço Doce — Córrego de São Francisco, nasce em Cunhaú e despeja no Salgado Grande, já no distrito de Aranaú — Córrego da Canafístula, corre entre Caldeirão e o Açude da Prata — Córrego da Cruz, tem suas nascentes no Correguinho Do João Muniz e derrama suas águas na Lagoa da Cruz — Córrego do Atoleiro; é um terreno alagadiço, localizado ao sul do Córrego do Medeiros — Córrego do Caetetú, vai de Caetetú para a Camboa da Cruz — Córrego do Cunhaú, corre da Cacimba do Zé Antunes para o Rio da Cruz — Correguinho, nasce em Maçaranduba, toma a denominação de Cóg. do Canema e barra na Lagoa Salgada — Cóg. das Pitombeiras, tem suas nascentes em Frei Jorge e deságua no Cajueirinho — Córrego do Leite, nasce na Lagoa Velha e desemboca no Tope, já no distrito de Aranaú — Córrego do Cedro, nasce em São José e despeja no Córrego da Poeira, também em Aranaú.

Dos 25 localizados no distrito de Jericoacoara, 14 despejam na Lagoa da Gijoca. São os seguintes: Córrego do Jacinto, que nasce nos Morros — Córrego do Urubu, que nasce na Mata do Cipó — Córrego das Chapadas, que nasce nas Chapadas — Córrego do Venâncio, que vem do Córrego da Forquilha — Córrego Perdido, que tem suas nascentes no Borges — Córrego dos Nunes, nasce na Lagoa das

Umburanas — Córrego do Mourão, que nasce em Maria Velha, no município de Bela Cruz — Córrego do Paraguai, que nasce na Aroeira — Córrego das Panelas, que vem das Chapadas — Córrego dos Anas, que tem suas nascentes em Santo Estevão — Córrego do Cruzeiro, que nasce na Baixinha — Córrego da Caiçara, que vem das Chapadas — Córrego do Boi, que nasce também nas Chapadas — Córrego dos Bentos, que vem da Lagoa das Garrafas — Córrego dos Profetas, que vai da Lagoa do Monteiro e ali chega com nome de Olheiros. — Os outros 10 (dez) são os seguintes: Córrego da Forquilha, que tem suas nascentes em Milhome e sua foz na Lagoa do Guriú — Córrego do Ziú, nasce no Córrego do João Francisco e deságua no Lagamar da Formosa — Córrego do Borges, flui do Córrego Perdido para o Córrego de Dentro — Córrego do Piquiseiro, nasce na Chapada do Piquiseiro e despeja no Lago do Guriú, já no município de Camocim — Córrego de Dentro, que nasce no lugar Santo Isidro, no município de Bela Cruz, e tem sua foz no Lago do Guriú — Córrego do Carrapato, flui do Lagamar para a Lagoa Formosa — Córrego do João Francisco, que corre também do Lagamar para Lagoa Formosa — Córrego da Carnaubeira, que flui da Lagoa da Gijoca para a Lagoa da Caiçara — Correguinho, que vem do lugar Carrasco, em Bela Cruz, para a Lagoa do João Francisco — Córrego do Baixio, que suas nascentes nas matas da Gijoca e deságua no Córrego de Dentro.

LAGAMARES

Existem no município de Cruz os seguintes lagamares: Lagamar da Formosa e Lagamar do Guriú.

ILHAS

As ilhas ali existentes são as seguintes: Ilha do Aguiar — Ilha das Porteiras — Ilha do Mangue Seco — Ilha das Pitombeiras.

LAGOAS

Conta-se no município de Cruz 40 lagoas, que armazenam água não só para os rebanhos, mas também para muita gente que mora em suas vizinhanças. E quase tão importante como a água, é o peixe que ali se encontra em várias espécies. São 16 no distrito-sede e 24 no distrito de Jericoacoara.

Distrito de CRUZ: Lagoa Seca (1) — Lagoa Seca (2) — Lagoa do Belém — Lagoa do Jenipapeiro — Lagoa dos Tucuns — Lagoa do Zacarias — Lagoa da Cruz — Lagoa

dos Espinhos — Lagoa dos Talos — Lagoa de São Francisco — Lagoa do Mato — Lagoa dos Grigórios — Lagoa Salgada — Lagoa Velha — Lagoa dos Caboclos — Lagoa de Baixo — Lagoa do Monteiro.

Distrito de JERICOACOARA: Lagoa da Gijoca, que é a segunda do Estado do Ceará, pela sua capacidade hidrográfica, pois mede 57 quilômetros de circunferência — Lagoa do Tingui — Lagoa Formosa — Lagoa das Garrafas — Lagoa do Cavalo Bravo — Lagoa Umburanas — Lagoa das Piabas — Lagoa do Junco — Lagoa da Toca — Lagoa do Castaninho — Lagoa de São Francisco — Lagoa do Murici — Lagoa da Gameleira — Lagoa da Onça — Lagoa da Capivara — Lagoa do Balseiro — Lagoa do Mangue Seco — Lagoa das Carapebas — Lagoa das Coroas — Lagoa das Pedras — Lagoa das Cangalhas — Lagoa do Meio — Lagoa do Morro — Lagoa Grande.

NOTA — Em 1973 a Lagoa da Gijoca transbordou, tomando dezenas de casas e ameaçando a capela de Caiçara. Então o deputado Orzete Ferreira Gomes conseguiu com o Governador César Cals de Oliveira, a visita àquela área do engenheiro Otamar Falcão, da Superintendência de Obras do Estado, que procedeu os estudos necessários e mandou abrir um sangradouro até o mar, obra que evitou a inundação e resolveu o problema. O sangradouro mede, aproximadamente, seis quilômetros de comprimento por 50 metros de largura. O serviço, feito em regime de mutirão, empregou 700 dias de trabalho. Os danos foram enormes, pois ruiram 80 casas em Gijoca e 35 em Caiçara. O jornal "Unitário", em sua edição de 17.6.73, estampou uma circunstanciada reportagem sobre a ocorrência.

POVOAMENTO

PRIMEIROS POVOADORES

Para escrever alguma cousa alusiva aos primeiros habitantes do hoje município de Cruz, teríamos que retroceder no tempo quase quatro séculos.

Efetivamente, como o distrito de Jericoacoara integra o território dessa nova unidade da federação cearense, seria coerente que o presente capítulo tivesse início naquela famosa praia que constitui a maior atração turística do Estado do Ceará.

Sim, porque foi lá, que, segundo reza a tradição oral, no amanhecer do século dezessete já existiam indígenas oriundos de algumas tribos desta Região.

Foi naquela bonita enseada, que, consoante informam historiadores eméritos, como Guarino Alves, Padre João Mendes Lira e outros, em fevereiro de 1500 aportou o navegante espanhol, Vicente Yanez Pinzon. Antes, portanto, que Pedro Álvares Cabral desse o Brasil por descoberto, para o Reino português.

Foi ali, também, que, em 1613, quando Jerônimo de Albuquerque erigiu o Forte de Nossa Senhora do Rosário, já morava gente em número suficiente para formar um arraial, tal como registra a História. Foi ao pé daquele serrote encrustado no extremo norte do Ceará, que, no dia 5 de outubro de 1614, Frei Manoel da Piedade realizou a Festa de Nossa Senhora do Rosário, com órgão e flautas, e que, conforme escreve o historiador F. Sadoc de Araújo, "foi a a primeira missa celebrada nas praias da Ribeira do Acaraú".

Por tudo isso, quem se der ao trabalho de fazer um estudo sobre os primitivos moradores do município de Cruz, deve começar pelo povoamento da praia de Jericoacoara, também conhecida por **Baia das Tartarugas**. Ela que, por efeito do Decreto nº 90.379, de 29 de outubro de 1984, firmado pelo Presidente João Batista de Oliveira Figueiredo, foi considerada Área de Preservação Nacional, pela sua inestimável riqueza ecológica. Aliás, a primeira do Estado do Ceará e a segunda do Nordeste.

Entretanto, não estamos fazendo história, mesmo porque nos faltam condições de efetuar um trabalho aprofundado e minudente sobre o aludido assunto que achamos muito fascinante.

Desta maneira, apenas compilamos alguns apontamentos referentes aos povoadores do antigo lugarejo denominado Cruz.

Segundo fala a tradição oral, a localidade onde hoje se ostenta a simpática cidade de Cruz, começou a ser povoada no primeiro quartel do século dezoito. Uma resenha escrita

+ 022610/2005

pelo Pe. Manoel Valdery da Rocha, Vigário daquela Paróquia, registra que "em 1711 os primeiros habitantes fixam residência em Cruz".

Como já tivemos oportunidade de registrar em outro capítulo desta monografia, essa denominação lhe foi dada em 1725, aludindo a uma cruz ali colocada sobre a sepultura de uma vítima da pavorosa seca que naquele ano se abateu sobre o Nordeste, e que, Inácio Ribeiro Pessoa, em seu livro "Município de Santana" informa que "durou quatro anos, e se fez sentir no Ceará de um modo fatalíssimo aos seus habitantes".

COLONOS PORTUGUÊSES

Nosso conterrâneo Francisco Ewerton da Silva Lopes, detentor de rara inteligência e sólida cultura, nos dá conhecimento de que "mais ou menos no meado do século XVIII, se estabeleceram aqui no Acaraú diversos colonos portuguêses".

Ao que se conhece, esses estrangeiros desembarcaram no porto de Cacimbas, e iam se instalando como podiam, de preferência nas praias acarauenses, desde Almofala até Castelhano. Em regra geral, ocupavam-se do cultivo da terra, do rebanho e do Comércio. Alguns procuravam outros pontos além do Baixo Acaraú, tais como Sobral, Uruburetama, Serra Grande, etc.

Muitos, porém, ficavam aqui mesmo no então povoado da Barra do Acaraú, exercendo aquelas profissões, e outros trabalhando na indústria do xarque, que aqui marcou época durante toda a segunda metade do século dezoito.

E o historiador Renato Braga, nos dá notícia, em seu "Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará", que "em torno da indústria da carne-seca girou toda a economia setecentista do Nordeste pastoril".

TRONCOS GENEALÓGICOS

O tempo correu e transcorreu, e outros colonos de além-continente foram chegando e se fixando nesta Região, alimentando o intuito de trabalharem até conseguir uma reserva econômica que lhes garantisse o futuro, em condições convenientes.

Entre esses patrícios de Luiz de Camões, muito provavelmente estava incluído o comerciante Manoel Carlos de Albuquerque, que foi se estabelecer em Sobral, onde, consoante diziam os antigos, casou-se e constitui família.

Do consórcio de Manoel Carlos de Albuquerque nasceram vários filhos. E um deles, de nome Francisco Teixeira Pinto,

veio residir no então lugarejo denominado Cruz. Ali contraiu matrimônio com a sra. Ana Maria de Vasconcelos, construiu casa de morada, e passou a viver da agricultura e do pastoreio.

Desse casamento lhe nasceram dez filhos, sendo 7 homens e 3 mulheres.

Acontece que, inusitadamente, Francisco Teixeira Pinto deu sobrenomes diferentes a seis de seus filhos homens.

Eis a relação de seus filhos, com os respectivos sobrenomes: Antônio Teixeira Pinto, Alexandre Bernardino de Albuquerque, Albano José da Silveira, Bernardino Francisco de Albuquerque, Manoel Grigório do Nascimento, Miguel Teixeira Cavalcante, Teotônio Francisco de Menezes.

Antônio Teixeira Pinto, que foi Major da Guerra Nacional, casou-se, em Santa Quitéria, com a sra. Rufina Maria de Oliveira Magalhães, e veio morar no então povoado de Cruz, onde seu pai residia. Desse casal descende a Família Oliveira Magalhães.

Do Alferes Albano José da Silveira, procede a Família Silveira. Aliás, ao que reza a tradição, outro ramo da Família Silveira deriva da viúva portugesa, Joana Correia da Silva, a qual, no ano de 1750, desembarcou no porto de Cacimbas. Em 1760 conseguiu uma sesmaria que lhe foi concedida por Sua Majestade, Dona Maria I. Mencionada sesmaria localizava-se no território do hoje Município de Cruz, media duas léguas e "compreendia desde o lugar Porteiras até o Marco da Guarda".

Teotônio Francisco de Menezes, que fez parte da primeira Câmara Municipal de Acaraú, deu origem à Família Menezes.

A família Albuquerque deriva de Alexandre Bernardino e de Bernardino Francisco de Albuquerque, também filhos de Francisco Teixeira Pinto.

Essa família, desde seus primeiros tempos, instalou-se de preferência no distrito de Jericoacoara.

Uma das filhas de Francisco Teixeira Pinto, chamada Rita Maria do Espírito Santo, matrimoniou-se com Antônio Carlos de Vasconcelos, dando origem à Família Vasconcelos. Aliás, como no caso da Família Silveira, outro ramo da Família Vasconcelos, ao que diz a tradição oral, procede de Mateus Mendes de Vasconcelos, nascido no povoado de Travanca, em Portugal. Mateus Mendes de Vasconcelos emigrou para a Ribeira do Acaraú, e se fez um líder político de elevado prestígio no município de Santana do Acaraú.

De Manoel Grigório do Nascimento, filho, também de Francisco Teixeira Pinto, provém a Família Nascimento ou Malaquia.

Mas, outras famílias têm outras origens. Assim, a família Sousa tem como seu ancestral maior o agropecuarista Francisco Manoel de Sousa, que já atingiu a 6ª geração, e a

família Farias, que provém de José Luiz de Farias, através de uma sua filha que veio de Santana, na 2ª metade do século dezenove.

Relativamente à Família Muniz, igualmente tradicional no município de Cruz, ao que conseguimos colher em nosso trabalho de pesquisas, no terceiro quartel do século dezoito ali chegou o patriarca João Muniz Rodrigues. E ali consorciou-se com a sra. Maria do Carmo da Conceição, e constituiu família composta de 13 filhos, os quais, em sua maioria, ficaram morando aqui mesmo na Região do Baixo Acaraú.

Alguns dos filhos de João Muniz Rodrigues ficaram residindo naquele então povoado, onde passaram a exercer as profissões que naquelas recuadas épocas existiam por estas bandas.

Pois bem: os descendentes destas duas tradicionais famílias, constituem, presentemente, o mais numerosos contingentes populacional do município de Cruz.

Dessas duas árvores genealógicas — Francisco Teixeira Pinto e João Muniz Rodrigues — ao longo dos anos, se vêm destacando autênticos líderes daquela comunidade.

Nossos antepassados falavam, também, de outro cidadão lusitano, de nome Tomé, que se estabeleceu no povoado de Cruz, em princípio do século dezenove.

E, como que confirmando mencionada notícia, o Cônego F. Sadoc de Araújo, em sua "Cronologia Sobralense", 2º v.p. 99, nos dá ciência de que no "dia 3 de fevereiro de 1818, na Barra do Acaraú, deu-se o casamento do português Tomé de Sousa e Silva, natural de Angra, com Joaquina Maria, filha do Capitão José Luiz Pereira Brandão".

OUTRAS FAMÍLIAS E OUTRAS PESSOAS

No defluir do tempo, outras famílias e outras pessoas ali foram se instalando, integrando-se na comunidade e tomando parte ativa na solução dos problemas da terra que as acolhia com a hospitalidade peculiar ao seu povo.

E, por isso mesmo, essas famílias e essas pessoas se tornaram cruzenses, pelo amor e pelo trabalho em prol de sua terra adotiva.

O AMOR FAZ MILAGRES

E a localidade se tornou Distrito, e o Distrito se fez Município, e a povoação se fez Vila, e a vila se elevou à Cidade.

Tudo isso graças ao espírito de luta e desejo incoercível de ver o engrandecimento do torrão-berço, no ardor atuante do amor e do patriotismo que constitui a principal característica daquele povo laborioso e fraterno.

Entre os habitantes da cidade e do município de Cruz, quando se trata de defender os superiores interesses da terra, ninguém pode distinguir, entre aqueles que ali nasceram e os que vieram de outras paragens, a quem pertence o empenho maior e a maior dedicação.

E essa unidade de vistas e de gosto pelo progresso da terra, pelo desenvolvimento que aquele pedaço de Ceará vem registrando, através dos anos, responde pelo êxito do eficiente labor daquele povo.

Em verdade, graças à união e à operosidade daquela gente, aquele município-criança já revela apreciável destaque entre as demais unidades da federação cearense.

GENTE DE OUTROS MUNICIPIOS

Entre as pessoas que vieram de outras unidades cearenses, e até de outros Estados, e fixaram residência na cidade de Cruz, e que ali se encontram, compartilhando,como cruzenses de coração e colaboração, relacionamos as seguintes:

— Pe. Manoel Valdery da Rocha — Pároco de Cruz
— Antônio Raimundo de Araújo Neto — Pref. Municipal
— Antônio Magalhães dos Santos — Comerciante
— Arimá Pinto — Comerciante
— Dr. Antônio dos Santos Oliveira Lima — Eng. Agrôno.
— Francisco Mateus da Silva — Transporte
— Francisco das Chagas Aguiar — Comerciante
— Francisco Albuquerque Pereira — Industrial
— Francisco Sebastião Silva — Industrial
— Francisco das Chagas Vasconcelos — Bancário
— Francisco José de Sousa — Comerciante
— João Altevir de Freitas — Industrial e ex-Subprefeito de Cruz
— João Marques de Freitas — Comerciante
— José Marseus Capistrano — Pastor da Igreja Bíblica
— José de Fátima Araújo — Funcionário da COELCE
— João Marques Pereira — Comerciante
— José Stênio Ferreira — Mecânico
— Manoel Ribamar de Vasconcelos — Comerciante
— Manoel Marques de Freitas — Comerciante
— Osmundo Lopes da Rocha — Comerciante, Ex-Vice-Prefeito de Acaraú
— Roberto Oliveira Lima — Encarregado do Escritório da COELCE
— Raimundo Pereira de Sousa — Pastor da Assembléia de Deus
— Sebastião de Sousa Ribeiro — Funcionário da Fazenda Estadual
— Pe. José Edmilson Eugênio Nascimento — Pároco de Gijoca

FORMAÇÃO POLÍTICA

AS SESMARIAS

A doação de sesmarias, que, segundo o historiador Raimundo Girão, "começou a ser posta em prática a partir de 1654, até a Resolução datada de 17 de julho de 1822", era feita em nome do Rei, fosse pelos Vice-Reis do Brasil, pelos governantes das Capitanias, pelos Capitães-mores ou pelos Governadores das Províncias.

E todo o processo doatório seguia "uma estrutura feudal antiga", tal como afirma Monsenhor Francisco Assis do Couto.

No Ceará esse favor do Governo Imperial começou pelo Acaraú, em 1683. E, consoante diziam os **antigos**, as sesmarias muito contribuiram para a expansão da lavoura e da pecuária.

Tal fato se dava, porque, conforme estabelecia a legislação pertinente, se dentro do prazo de cinco anos a sesmaria concedida não fosse convenientemente cultivada, estaria nulo o ato concessório. E, em consequência, o beneficiário perderia o benefício.

Ora, ninguém desejava mencionado fato. E então, todos os sesmeiros tomavam o máximo interesse para que a gleba que lhe era concedida, fosse explorada, especialmente para a agricultura.

Acontece que cinco sesmarias atingiram o território onde hoje se localiza o município de Cruz.

A primeira, concedida ao Cel. João Pereira Veras, em data de 19 de junho de 1705, o foi pelo Capitão-mor João da Mota; partia de Jacoca, e media seis léguas, sendo 3 para cada lado do rio Acaraú. Outra, de 3 léguas, do rio Acaraú a Córrego do Falcão, foi concedida a Antônio Correia Peixoto, pelo Capitão-mor Domingos Simões Jordão, em data de 28 de novembro de 1736. Outra, também de 3 léguas, "no sítio Castelhanos", concedida ao Tte. Cel. Manoel Barbosa de Morais, pelo mesmo Capitão-mor Domingos Simões Jordão, a 28 de março de 1737. Outra, de 2 léguas, "compreendida desde o Marco do Guarda até à Porteira Velha", já na orla marítima, concedida a Joana Correia da Silva, em 1760, por Sua Majestade Dona Maria I. E ainda outra, de 3 léguas, concedida pelo Governador Manoel Inácio de Santana ao Capitão Diogo Lopes de Araújo Costa, a 18 de junho de 1817, que se limitava "a oeste, com terras da Cruz; ao Poente, com as Ilhargas do Castelhano; ao Norte, com terras da Timbauba; e, ao Sul, com terras de Lagoa do Mato".

Achamos interessante salientar aqui a coragem, a tenacidade e até o sacrifício dos sesmeiros, na luta para conseguir essas glebas que "Sua Majestade que Deus guarde" houve por bem conceder àqueles que, com razão e necessidade, lhe requeresem.

Muitos desses primitivos agropecuaristas se constituiram autênticos pioneiros, em seu notável trabalho de desbravamento dos sertões inóspitos e bravios, fosse nas várzeas entremeadas de riachos e lagoas, fosse na espessa jângal da mata bruta.

Na tentativa de obterem o pedaço de chão de que careciam, e de instalarem suas fazendas, eles enfrentavam quaisquer empecilhos e quaisquer situações, com energia e intrepidez realmente admiráveis.

Como já registramos, a primeira Data de Sesmaria concedida aqui na Região do Baixo Acaraú, o foi ao fazendeiro pernambucano, Manoel de Góes e aos seus companheiros: Fernando de Góes, Francisco Pereira Lima, Manoel de Almeida Arruda, Amaro Fernandes de Abreu, Estevão de Figueiredo e Simão de Góes Vasconcelos.

Mencionada sesmaria totalizava 21 léguas, sendo 3 léguas para cada requerente.

Em seu requerimento, os peticionários esclarecem que "vieram comboiando seus gados vacum e cavalar até esta Capitania, por distância de dusentas léguas de matas fechadas e terras de Tapuyos bárbaros, com muito dispêndio de suas fazendas e perigos de suas vidas". Até que "toparam um Rio de nome Caracú, nas ribeiras do qual se podem colher fontes e pastar gados".

O professor José Humberto Araújo, estudioso do assunto, aludindo à petição de Manoel de Góes, afirma que "o que impressiona nas alegativas do sesmeiro e seus companheiros é a informação de que se deslocaram de Pernambuco, em demanda do Maranhão, tangendo seus gados através de uma região selvagem, povoada por índios hostís, até toparem com o rio Acaraú, onde se estabeleceram como seus primeiros povoadores, há mais de 300 anos. A vocação pastoril desses colonizadores da região, está, portanto, perfeitamente caracterizada".

Conforme registra "Cronologia Sobralense", v.I, p. 39, as chamadas Datas do Góes foram marcadas até 6 léguas a partir do mar, onde foi fixado o marco de limites". E adianta: "Daí surgiu o nome Marco dado à cidade de São Manoel, nas margens do rio". Ainda segundo a obra citada, apenas 2 dessas datas foram ocupadas. E, "em 1702, as datas não ocupadas foram novamente solicitadas em sesmarias, por Antônio da Costa Peixoto e Leonardo de Sá".

Ainda sobre sesmaria e sesmeiros, diz o historiador F. Sadoc de Araújo que "as terras banhadas pelo rio Acaraú foram povoadas dentro de um critério de seleção de sesmeiros, gente de boa linhagem, predominando entre as famílias primeiras, sentimentos de elevadas virtudes morais e tendências para o aprimoramento cultural".

A légua de sesmaria mede 6.600 metros, ou seja 10% a mais da légua comum, que mede apenas 6 quilômetros.

PRIMEIROS PASSOS

Pois bem: nessas sesmarias e em outras áreas integrantes de seu território, a comunidade cruzense iniciou sua estrutura como povoação. Daí partiria para sua organização política, e a consequente construção de seu progresso. Tal fato, naquelas épocas distantes, encerrava um problema de solucionamento extremamente difícil. Mas para conseguir seu desiderato, jamais faltou ao povo de Cruz a fibra de quem não sabe recuar.

Quanto à formação política propriamente dita, do hoje município de Cruz, não foi diferente das outras povoações desta Região do Baixo Acaraú.

Efetivamente, contando poucos habitantes, e todos eles entregues a seus afazeres de lavradores e criadores; distantes dos centros adiantados, ali dificilmente chegariam os chamados "favores do governo", ou melhoramentos de origem **oficial**.

É verdade que dentro daquela comunidade, existiam alguns líderes realmente interessados por que o povoado viesse a trilhar "a estrada luminosa do progresso". Sua gente, representada por homens honestos e trabalhadores, sonhava com um lugar ao sol; desejava ver sua terra desenvolver-se e ganhar conceito dentro do Estado.

Aos chefes do município de Acaraú, a cujo território pertencia a povoação, não faltava boa vontade, no sentido de ver aquela comunidade conquistar os benefícios públicos que merecia. Mesmo porque alguns desses mesmos chefes estavam ligados às famílias Silveira, Magalhães, e outras.

E foi por isso, que, entre os candidatos a Vereador nas eleições que aqui se realizaram a 20 de outubro de 1850, figurou o nome de um filho de Francisco Teixeira Pinto, no caso, o Capitão Teotônio Francisco de Menezes, o qual foi eleito com mil e três votos, e fez parte da Primeira Câmara Municipal de Acaraú, instalada a 5 de fevereiro de 1851.

O DISTRITO

E o tempo, que não espera por ninguém, continuou em sua marcha ininterrupta, na cronometria dos dias, dos meses e dos anos.

Na defluência desses mesmos anos, outros filhos do então povoado de Cruz integraram o poder legislativo do município de Acaraú. E foram eles outros tantos elementos que se empenharam pelo engrandecimento de sua terra.

Esses sentimentos, e essa vontade coletiva de crescer e evoluir, é natural em todos os aglomerados humanos onde impera o patriotismo autêntico. E tal predicado nunca faltou na população cruzense, numa bela manifestação de zelo pelo torrão-berço.

Afinal, no ano da graça de 1957, em sessão ordinária da Câmara Municipal de Acaraú, realizada a 29 de outubro, o Vereador José Fabião Filho apresentou um projeto de lei criando o Distrito de Cruz.

Então, no jornal "O Acaraú", edição de 1º de novembro daquele ano, publicamos um artigo em que dizíamos:

— "Em sessão da Câmara Municipal de Acaraú, efetuada a 29 de outubro último, o Vereador José Fabião Filho apresentou um projeto, elevando à categoria de Vila o vizinho povoado de Cruz."

"O novo distrito será constituído com território dos distritos de Aranaú e Jericoacoara".

"Muito oportuna a iniciativa de nossa Edilidade, por isto que a povoação de Cruz, pela sua densidade demográfica, bem que está a merecer o melhoramento em referência, o que aliás, desde alguns anos constitui objeto de justa aspiração de sua gente".

Como era de esperar, o projeto em causa recebeu aprovação total dos componentes daquela casa legislativa, que então tinha em sua presidência o líder político acarauense, José Júlio Lousada.

Quanto à criação do distrito, obedecendo as formalidades legais, a matéria foi enviada à Assembléia Legislativa do Estado, que lhe deu o conveniente destino.

E, em consequência, em data de 30 de setembro de 1958, o Dr. Paulo Sarasate Ferreira Lopes, então na governança do Ceará, sancionou a Lei nº 4.440, da mesma data, "criando o Distrito de Cruz do Município de Acaraú."

O novo Distrito foi demarcado dentro dos seguintes limites:

— "Ao Norte, começa no leito do Rio Acaraú, em Porteiras, segue pelo travessão divisório das terras de Benedito Magalhães de Farias e João Evangelista de Farias, até às Ilhargas da Cruz; daí à Lagoa de Baixo, passando perto da morada de Miguel Fonteles da Silveira; daí ao Córrego do Cedro, rumando para o Poço Doce, em linha próxima das residências de Ramiro Mendes de Sousa e Francisco Luiz da Silveira, de onde vai à Fazenda Santo Estevão, até a casa de José Júlio Lousada. Ao Poente, partindo da citada casa de José Júlio Lousada, toma a estrada carroçável de Lagoa dos Monteiros, até alcançar as extremas do município de Bela Cruz, com o qual se limita pelo Sul. A Leste o Rio Acaraú, desde a localidade Jenipapeiro, até o lugar Porteiras".

A PARÓQUIA E A LEI 225

A 17 de março de 1957, S. Excia. Dom José Tupinambá da Frota criara a Paróquia de São Francisco da Cruz.

E esse ato constituia um passo realmente notável, para o efetivo desenvolvimento daquela Vila, daquele distrito e de toda aquela área. E, sobretudo, constituia um incentivo inapreciável para a justa pretensão daquela comunidade, que tinha em seu Pároco o aliado maior.

Os anos foram desfilando na passarela do tempo. E o povo cruzense, tendo a frente suas lideranças, prosseguiu em sua pertinácia, tentando conseguir mais melhoramentos para sua terra.

Por efeito da Lei nº 225, de 10 de novembro de 1960, o Prefeito Joaquim Rocha de Vasconcelos, delimitou as zonas Urbana e Suburbana daquela Vila.

Referido diploma legal é do teor seguinte:

— "Faço saber que a Câmara Municipal de Acaraú decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

"Art. 1º — Ficam assim delimitados os perímetros urbano e suburbano da Vila de Cruz.

Art. 2º A) — Perímetro urbano: Partindo do ponto onde fica situado um quarto para depósito pertencente a João Muniz da Silveira, até à casa residencial de Geralda Firmo de Vasconcelos, ao Norte; ao Nascente, desde a casa de José Francisco do Nascimento, até à casa residencial de Domingos Francisco de Menezes; ao Sul, desde esse ponto até à casa residencial de Raimundo Costa Sousa. Ao Poente, desde à casa residencial de José Expedito Fonteles, até à casa de morada de Francisco das Chagas Silveira.

B) — Perímetro Suburbano: ao Norte, desde a confrontação do Cemitério Paroquial, pelo travessão que divide as terras de Miguel Albano da Silveira e Francisco das Chagas Nascimento. Ao Nascente, o Rio da Cruz, até a direção da Lagoa dos Talos; ao Sul, mesma lagoa e seu prolongamento, até o Cemitério Paroquial, inclusive, o qual serve de limite pelo Poente, no ponto inicial do limite norte.

Art. 3º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal de Acaraú, em 10 de novembro de 1960.

Joaquim Rocha de Vasconcelos
Prefeito Municipal".

Também no ano de 1960, a 17 de fevereiro, foi criado o Cartório de Registro Civil, com o Oficial Manoel Bernardo de Sousa, que ainda se encontra no exercício do cargo.

UM MOVIMENTO COLETIVO

O tempo ia decorrendo em caminhada de todas as horas. E a vila de Cruz progredia, exibindo, agora, um aspecto novo, com novos e elegantes prédios que se iam construindo.

O comércio ampliava seu movimento, e a renda pública aumentava.

E este fato constituia como que um penhor daquilo que a comunidade cruzense mais desejava, que era a elevação de seu distrito à categoria de município, seu objetivo maior.

E essa aspiração popular crescia e se justificava, na medida em que o índice de desenvolvimento do distrito e de sua sede mais e mais se acentuava.

Com efeito, a gente de Cruz sabia que sua terra reunia as condições que se faziam necessárias para a consecução de sua autonomia administrativa e forense.

Com a expressidade numérica de sua população e a fisionomia urbanística da vila, bem como com o montante de suas rendas fiscais, aquele adiantado distrito dispunha, já, de elementos bastantes para reivindicar sua emancipação política.

E, em virtude de tudo isso, em 1962 teve início ali uma grande campanha pro-município.

A sugestão veio de um acarauense ilustre, no caso o Padre José Edson Magalhães, então Vigário daquela Paróquia. Ele conhecia como ninguém, as possibilidades da terra e de seu povo.

E, por isso mesmo, além de sugerir a campanha, lhe deu seu apoio, aliás de grande valor. E dela compartilhou até sua vitória final.

O então Prefeito de Acaraú, Joaquim Rocha de Vasconcelos, igualmente emprestou seu apoio à campanha, que dia a dia ,aumentava e se consolidava.

A SUBPREFEITURA

No dia 25 de março de 1963, tomou posse o Prefeito eleito de Acaraú, João Jaime Ferreira Gomes, o qual não só aplaudiu o movimento, mas também integrou-se nele, com manifesta vontade de vê-lo vitorioso.

E, passando das palavras aos fatos, logo no dia 28 de maio daquele ano, firmou a Lei nº 242, de igual data, estabelecendo Subprefeitura naquela simpática Vila.

Esse ato representava um passo a mais, para que aquele distrito alcançasse a meta que sua população perseguia.

A Lei nº 242 tinha a seguinte redação:

"João Jaime Ferreira Gomes, por eleição legal.

Faço saber que a Câmara Municipal de Acaraú decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º — Fica estabelecida uma Subprefeitura no distrito de Cruz, deste município, que terá as regalias de sua categoria administrativa.

Art. 2º — A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal de Acaraú, em 28 de maio de 1963.

João Jaime Ferreira Gomes
Prefeito Municipal".

O PRIMEIRO MUNICIPIO

Enquanto o tempo prosseguia em sua caminhada de todas as horas, a vila de Cruz progredia, exibindo um aspecto novo, com novos prédios que se iam construindo. O comércio prosperava e, consequentemente, a renda pública acusava crescente elevação.

Infelizmente, em nosso trabalho de pesquisas, não encontramos o livro de registro de atas da Câmara Municipal de Acaraú, onde, certamente colheríamos informes seguros sobre o assunto de que aqui tratamos, que é a criação do Município de Cruz.

Ao que estamos seguramente informados, em junho daquele ano, o Vereador Raimundo Costa e Sousa, apresentou à Câmara Municipal de Acaraú, um projeto de lei, criando o Município de Cruz.

O Prefeito João Jaime Ferreira Gomes, juntamente com o Padre José Edson Magalhães, conseguiu, junto às lideranças de Jericoacoara, a cessão de uma área de terra estimada em 30 Km², a fim de que o distrito de Cruz totalizasse 300 Km², e com esse território, podesse requerer sua autonomia política, com mais condições.

Na Câmara Municipal de Acaraú, o projeto foi aprovado, sem nenhuma restrição, como era de esperar.

O processo foi, então, à Assembléia Legislativa do Estado, "para os fins convenientes". Naquela Casa do Povo, o Pe. José Edson Magalhães acompanhou sua tramitação e conseguiu que o Relator da matéria, deputado Plácido Aderaldo Castelo, desse parecer favorável a sua aprovação, o que realmente aconteceu. E, em consequência, a emancipação foi aprovada.

E, na data histórica de 19 de dezembro de 1963, o Cel. Virgílio Távora, então Governador do Ceará, sancionou a Lei nº 6956, "criando o Município de São Francisco da Cruz".

Mencionada Lei é redigida nos seguintes termos:

"O Governador do Estado do Ceará.

"Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei.

"Art. 1º — É elevado a categoria de Município o distrito de São Francisco da Cruz, desmembrado do Município de Acaraú, com sede na Vila de igual nome, a qual fica elevada a categoria de cidade.

Art. 2º — O Município de São Francisco da Cruz, criado por esta Lei, terá os seguintes limites territoriais:

a) — Ao Norte, com o Município de Acaraú: começa no lugar Porteiras, no ponto inicial do travessão divisório das terras do litoral com terras das Datas de Cruz, daí seguindo, pelo mesmo travessão, até o lugar Córrego do Medeiros; prossegue, por uma reta, até o Poço da Pedra, no lugar Bento Lobo; e daí, pela estrada existente, até a Lagoa do Mato, inclusive; daí, por uma reta, até a Fazenda Santo Estevão, de propriedade de José Júlio Lousada, inclusive; seguindo pela estrada de rodagem de Caiçara, e, por esta, até encontrar a variante das Pedrinhas; prossegue pela variante até o ponto inicial do travessão que divide as terras de José Batista da Rocha com as de Raimundo de Vasconcelos;

b) — A Leste, com o município de Acaraú, começando no lugar Jenipapeiro, no rio Acaraú, e por este até o lugar Porteiras;

c) — Ao Sul, com o município de Bela Cruz; começa no centro do leito do rio Acaraú, no lugar Jenipapeiro; daí, seguindo pela rodagem que vai até a vila de Prata, na casa de Luiz Pereira Brandão, daí segue por um travessão que divide as terras de Ezaú Francisco do Nascimento, até o lugar Baixinha, prosseguindo pela estrada de rodagem que vai ao lugar Jenipapeiro, e daí parte, pela estrada de Solidão, até encontrar a Fazenda São Tomé, de propriedade de Benedito Marques da Rocha;

d) — Ao Oeste, com o município de Acaraú; segue pelo travessão de Pedrinhas, e que divide as terras de José Batista da Rocha e Raimundo Nonato de Vasconcelos, até o lugar Aroeirinha, ponto final do dito travessão demarcatório das Ilhargas, com terras de José Lúcio de Vasconcelos, e daí, pelo travessão que divide as terras de José Maria Elcias, até a Fazenda São Tomé, propriedade de Benedito Marques da Rocha.

Art. 3º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Ceará, em Fortaleza, aos 19 de dezembro de 1963.

Virgílio Távora
Gentil Barreira".

Verdadeiramente indescritível, foi o regosijo que empolgou a população cruzense, ante o triunfo de sua causa. Alegria muito justa, porque aquele diploma legal representava o coroamento vitorioso de uma campanha em que todos se haviam empenhado de corpo e alma.

SONHO DESFEITO

Entretanto, o contentamento do povo de Cruz durou apenas dois anos. E o Município nem chegou a ser instalado.

Sim, porque em data de 14 de dezembro de 1965, por força de um projeto do deputado Francisco Jorge de Abreu, o então Governador Joaquim de Figueiredo Correia sancionou a Lei nº 8339, tornando sem efeito todas as leis que, nos anos de 1963 e 1964, haviam criado municípios e distritos, entre os quais estava o Município de Cruz.

Como era natural que sucedesse, os efeitos dessa Lei chocou profundamente a comunidade cruzense, que assistiu, então, o desmoronamento de um sonho grandioso e justo, que a custa de muito trabalho se tornara realidade.

A população ficou como atônita com um desfecho tão inesperado e brutal, depois de uma campanha tão bela que a todos contagiara.

DENOMINAÇÃO DAS RUAS

Em data de 10 de novembro de 1967, o então Prefeito de Acaraú, Francisco Adenor Martins, sancionou a Lei nº 264, daquela mesma data, denominando as ruas da Vila de Cruz.

Mencionada Lei tem a redação seguinte:

"Lei Municipal nº 264, de 10 de novembro de 1967

Denomina as ruas e praças de São Francisco de Cruz e dá outras providências

A Câmara Municipal de Acaraú decretou e eu sanciono à seguinte Lei:

Art. 1º — Fica denominada Rua Cel. Teixeira Pinto, a que passa em frente à residência de Josino Bernardino da Silveira; Rua 6 de abril, a que passa em frente à residência Paroquial; Rua Mons. Sabino, a que passa em frente à residência de João Damasceno Muniz (Janjão); Rua 7 de Setembro, a que serve de estrada e passa em frente à residência de João Silveira Muniz; Rua Professor João Pereira, a que passa em frente do Mercado Público; Rua Francisco Bernardino, a que passa em frente à Igreja Matriz; Rua Capitão Antônio Raimundo, a que passa ao Nascente da Praça da

Igreja Matriz; Rua Antônio Carlos Vasconcelos, a que passa em frente à residência de Luiz Gonzaga da Silveira; e Praça Padre Édson, a Praça da Matriz.

Art. 2º — Os recursos para as despesas de placas e emplacamento serão consignados no Orçamento.

Art. 3º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal de Acaraú, em 10 de novembro de 1967.

Francisco Adenor Martins
Prefeito Municipal".

NOVA CAMPANHA

Somente depois de vinte anos, isto é, em 1983, a comunidade cruzense, em todos os seus segmentos, tendo a frente suas lideranças mais expressivas, iniciou uma nova campanha, objetivando sua autonomia política.

E desta vez seu entusiasmo era maior, e maior também era a sua pretensão relativamente ao território.

Sim, porque os promotores do movimento não pleiteavam somente 30 Kms do distrito de Jericoacoara, mas queriam toda a sua área de 510 Km².

A vila de Cruz progredira muito durante esses vinte anos, apresentando, agora, uma fisionomia de autêntica cidade.

E a mentalidade do povo cruzense como que amadurecera, tal era o empenho com que todos os segmentos sociais integravam a campanha, num impressionante exemplo de união, para o bem comum.

Acreditamos que o notável trabalho de evangelização e conscientização ali realizado, de abril de 1958 a agosto de 1965, pelo Mons. José Edson Magalhães, e continuado de setembro de 1965 até nossos dias, pelo Padre Manoel Valdery da Rocha, contribuiu eficaz e positivamente, para o aprimoramento e a intensidade desses sentimentos de confraternização e amor a gleba nativa.

Entre aqueles que mais se destacaram nesse mutirão coletivo, é de justiça mencionar: Pe. Manoel Valdery da Rocha, João Muniz Sobrinho, Antônio Raimundo de Araújo Neto, José Aroldo Muniz e Afonso Fontes.

A campanha prosseguia sob excelentes auspícios, pois, como noticiou o "Diário do Nordeste", em sua edição de 9 de setembro de 1983, "o movimento pró-emancipação de Cruz contava com o apoio dos dois representantes do município de Acaraú: Domingos Fontes e Orzete Ferreira Gomes, bem como a Igreja, através dos padres Aristides e Valdery".

Aconteceu, todavia, que uma ponderável parcela da população de Acaraú ,tendo a frente seu Prefeito Jaime Ferreira Gomes Filho, discordou, não da criação do município de Cruz, mas da maneira como os seus promotores o desejavam.

É que, na mesma época, o distrito de Itarema também estava requerendo sua emancipação administrativa e forense, isto é, pleiteava sua separação do município de Acaraú. E este contava, então, 2.417 Km² de superfície.

Ora, se desses 2417 Km², fossem retirados os 820 Km² do distrito de Itarema, os 510 Km² do distrito de Jericoacoara e os 270 Km² do Distrito de Cruz, restariam ao município de Acaraú apenas 817 Km², ou seja um terço de seu território.

Nestas condições, o povo de Acaraú precisava e tinha razão de procurar, para o problema, uma fórmula que não o prejudicasse tanto.

O Prefeito João Jaime Filho estava no seu papel. E ninguém, em sã consciência, poderia negar-lhe o direito de defender o território de seu município.

Mas, não obstante as demarches efetuadas neste sentido, o resultado foi o fracasso total das negociações.

E o processo da criação do Município de Cruz, prosseguiu seu curso normal.

Mas o que se faz preciso agora, é que não se conserve ressentimentos capazes de prejudicar o relacionamento que sempre existiu entre às duas comunidades vizinhas.

Fortes laços familiares ligam boa parcela de seus habitantes, desde seus primeiros tempos.

Que as lideranças de Acaraú e Cruz tenham discernimento bastante, para não consentir que a política partidária consiga influir na cordialidade que deve continuar a existir entre as duas cidades.

Pelo contrário, ambas têm o dever de caminharem ombro a ombro, dispostas a defender, unidas, os superiores interesses desta Região.

As queixas e rivalidades mesquinhas nada produzem de construtivo, porque, como já disse alguém, "só o amor constroi para a eternidade".

★ ★
★

Pois bem: em maio de 1983, os deputados Orzete Ferreira Gomes e Domingos Fontes, apresentaram, na Assembléia Estadual, o projeto de Lei elevando a categoria de município aquele próspero distrito.

O PLEBISCITO

E em data de 01 de setembro daquele mesmo ano, o Presidente daquela Casa do Povo assinou um decreto, determinando a realização da Consulta Plebiscitária nos distritos de Cruz e Jericoacoara, para a criação daquele município.

Para dirigir os trabalhos de preparação para essa pesquisa de opinião popular, foi nomeada a Comissão de Emancipação do Município, a qual ficou constituída dos srs. Padre Manoel Valdery da Rocha, João Muniz Sobrinho, Antônio Raimundo de Araújo Neto, João Altevir de Freitas e João Silveira Muniz.

Decorreram quatro meses de preparação e propaganda entre os eleitores dos dois distritos, chamados a opinar sobre a importante questão.

E a 8 de janeiro de 1984, teve realização o Plebiscito, que decorreu dentro da normalidade esperada e desejada.

Foram inscritos 8.228 eleitores, dos quais votaram 4.915. O resultado da votação foi o seguinte: 4.551 eleitores disseram SIM, 126 disseram NÃO. Houve, também, 221 votos nulos, e 17 eleitores votaram em branco.

APROVAÇÃO DO PROJETO

Em sessão realizada a 30 de janeiro de 1984, o Tribunal Regional Eleitoral, depois de apreciar todo o processo, que tomou o nº 628, homologou a Consulta Plebiscitária ocorrida a 8 do mesmo mês.

Voltando o Processo à Assembléia, na Comissão de Constituição e Justiça, então sob a presidência do deputado Alfredo Marques, o Relator da matéria, deputado Etevaldo Nogueira Lima, expendeu parecer favorável a criação do Município.

O tempo correu e transcorreu, e, em sessão de 16 de maio daquele mesmo ano, aquela casa de legislação aprovou o projeto de criação do Município.

SEGUNDO MUNICÍPIO

Oito meses depois, isto é, em data de 14 de janeiro de 1985, o Vice-Governador Adauto Bezerra, então no exercício de Governador, sancionou a Lei nº 11.002, da mesma data, criando o Município de Cruz.

Era o coroamento vitorioso de uma notável campanha histórica, em que tomara parte a totalidade da população de Cruz, que via, agora, convertida em positiva realidade, uma aspiração por todos acalentada, durante tantos anos.

A lei nº 11.002 tem a seguinte redação:

"O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1º — É elevado a categoria de município o Distrito de Cruz, desmembrado do Município de Acaraú, com sede no distrito de igual nome, a qual fica elevada a categoria de cidade.

Art. 2º — O Município de Cruz, constituído da totalidade do atual território do distrito de igual nome, com a inclusão do território do Distrito de Jericoacoara, também desmembrado do Município de Acaraú, terá a seguinte linha divisória: a) Ao Norte, com o Município de Acaraú, começando em Porteiras, seguindo em linha reta, até às Ilhargas da Cruz; daí seguindo até o Córrego do Cedro, e ainda em linha reta, até o Poço Doce, em direção da Lagoa do Mato, de onde vai a nascente do Córrego das Varas, e segue pelo mesmo córrego até encontrar as terras de Formosa, pelas quais vai, em linha reta, até o Oceano Atlântico, continuando pelo litoral até a enseada de Jericoacoara, extremando com o município de Camocim. b) A Leste, com o Município de Acaraú: tendo como linha divisória o Rio Acaraú, (que em Arrombado toma o nome de Rio do Mosquito), desde a localidade de Jenipapeiro até o lugarejo denominado Porteiras. c) Ao Sul, com o Município de Bela Cruz: partindo da localidade São Joaquim, seguindo pela estrada que vai ao córrego de Dentro, continuando pelos mesmos limites do Município de Bela Cruz, até a localidade de Jenipapeiro, na margem esquerda do Rio Acaraú. d) A Oeste com o município de Camocim: partindo da enseada de Jericoacoara em linha reta, passando pela Lagoa das Pedras, terminando na localidade de São Joaquim.

Art. 3º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio da Abolição do Governo do Estado do Ceará, em Fortaleza, aos 14 de janeiro de 1985.

ADAUTO BEZERRA
Ernando Uchoa Lima".

ELEIÇÕES

Dez meses depois, em data de 15 de novembro de 1985, realizaram-se as eleições municipais, para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores da nova unidade da federação do Estado do Ceará.

O pleito decorreu sem qualquer incidente que prejudicasse os trabalhos, que foram dirigidos pelo Dr. Francisco Benevides de Freitas Vieira, então Juiz de Direito da Comarca de Acaraú, onde tiveram lugar as apurações.

No município de Cruz havia, então, 10.336 eleitores inscritos, habilitados a votar. Destes, 8.676 compareceram as urnas.

Dois candidatos disputaram o cargo de Prefeito Municipal de Cruz: João Muniz Sobrinho e João Altevir de Freitas. Venceu o primeiro, que obteve 5.299 votos.

Os onze Vereadores para compor a Câmara do novo Município, foram os seguintes:

José Aroldo Muniz, com 766 votos
Raimunda Irene Muniz Martins, com 736 votos
Manoel Messias da Silva, com 534 votos
Francisco Teixeira de Vasconcelos, com 527 votos
José Valci Costa, com 487 votos
João Marques de Freitas, com 460 votos
Tomaz José de Sousa, com 376 votos
Miguel Arcanjo Alexandre, com 375 votos
Antônio Afonso de Morais, com 269 votos
Maria Nilza de Vasconcelos, com 246 votos
Edvá Esmerino da Silva, com 238 votos

INSTALAÇÃO DO MUNICIPIO

A instalação do município de Cruz ocorreu a 1º de janeiro de 1986, e foi condignamente festejada, consoante a detalhada reportagem escrita pelo Pe. Manoel Valdery da Rocha, e publicada no "Correio da Semana", em sua edição de 18 do mesmo mês.

As festas tiveram início com alvorada, às 4 horas da manhã, salva de 21 tiros e passeata pelas ruas, ao som da Banda de Música de Bela Cruz.

A instalação da Câmara aconteceu às 10 horas, e às 12 teve lugar um desfile de carros, onde vinham, em carro aberto, o Prefeito e o Vice-Prefeito, até à Praça Mons. Edson Magalhães, onde foram hasteadas as bandeiras do Brasil, do Ceará e de Cruz, e descerrada a placa de bronze comemorativa daquele evento histórico.

Às 17 horas foi concelebrada uma missa em ação de graças, atrás da Igreja Matriz. No mesmo local se deu a a cerimônia de posse do Prefeito e do Vice-Prefeito, respectivamente, João Muniz Sobrinho e Antônio Raimundo de Araújo Neto. A seguir foi cantado o Hino Oficial do Município, quando o Padre Valdery apresentou a simbologia do Município, excelente trabalho de sua criatividade. Em seguida 30 jovens executaram o "Bailado das Bandeiras", após o que houve uma homenagem IN MEMORIAM, encerrando-se as comemorações com o lançamento da Pedra Fundamental

do Município, ou MARCO ZERO, onde foram guardados todos os documentos alusivos ao memorável acontecimento histórico.

Como documento histórico, inserimos, a seguir, cópia da Ata de instalação do Município de Cruz:

ATA DA INSTALAÇÃO DO MUNICIPIO DE CRUZ

Ata da primeira Sessão solene de Instalação da Câmara Municipal de Cruz, do Estado do Ceará, realizada ao primeiro dia do mês de Janeiro de 1986 (Mil Novecentos e Oitenta e Seis), nesta cidade de Cruz, do Estado do Ceará, no edifício onde funcionará a Câmara Municipal à Praça Matriz, na Sala das Sessões, às 10 horas, sob a Presidência do Sr. José Aroldo Muniz, vereador mais votado dentre os presentes, presentes ainda as seguintes autoridades: Empresário Afonso Fontes, Advogado Aroldo Mota, do Sr. José Osmar do Nascimento, do Dr. Geraldo Morais, do Sr. João Silveira Muniz — Presidente do P.F.L. e demais pessoas representativas da sociedade local, procedeu-se à realização das solenidades de instalação da Câmara Municipal de Cruz, de acordo com a legislação em vigor. Pelo livro de presenças, verificou-se o comparecimento dos senhores Vereadores: José Aroldo Muniz, Raimunda Irene Muniz Martins, José Valci da Costa, João Marques de Freitas, Miguel Arcanjo Alexandre, Francisco Teixeira de Vasconcelos, Manuel Messias da Silva, Tomaz José de Sousa, Maria Nilza Vasconcelos, Antonio Afonso de Moraes e Edvar Esmerino de Albuquerque. Com a presença de todos os Vereadores, o Sr. Presidente, solicitou aos edis que exibissem os seus diplomas. O Sr. Presidente declarou aberta a Sessão solene de instalação da Câmara Municipal de Cruz, quando serão empossados os senhores Vereadores, Prefeito e Vice-Prefeito, eleitos no dia 15 de Novembro de 1985. Declarou, ainda que o Município de Cruz foi criado pela Lei nº 11.002 de 14 de Janeiro de 1985, após uma ampla campanha de emancipação que contou com o incentivo e a coordenação do Padre Manoel Valdery da Rocha, do Dep. Domingos Fontes, do Empresário Afonso Fontes, do Industrial João Muniz Sobrinho, Vereador Antonio Raimundo de Araújo Neto e a participação unânime da população. Convidou o Vereador José Valci da Costa para secretariar os trabalhos. O Sr. Presidente convidou os senhores Vereadores a se levantarem e prestarem o seguinte compromisso: "PROMETO CUMPRIR COM DIGNIDADE O MANDATO QUE ME FOI CONFIADO, OBSERVANDO AS LEIS DO PAIS, DO ESTADO, TRABALHANDO PELO ENGRANDECIMENTO DO MUNICIPIO". Após a chamada, cada Vereador, de pé, confirmou o compromisso, declarando: "ASSIM PROMETO". Prestado o compromisso, os senhores Vereadores foram declarados empossados pelo Presidente. O Senhor Presidente designou os

Vereadores Irene Muniz e Miguel Arcanjo para introduzirem os senhores João Muniz Sobrinho e Antonio Raimundo de Araújo Neto, Prefeito e Vice-Prefeito, respectivamente para prestarem o compromisso e tomarem posse perante esta Câmara. Os Senhores Prefeito e Vice-Prefeito prestaram compromisso nos seguintes termos: "PROMETO CUMPRIR, DEFENDER E MANTER A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL E DESTE ESTADO, OBSERVAR AS SUAS LEIS E DESEMPENHAR COM PROBIDADE AS FUNÇÕES DE PREFEITO E PROMOVER O BEM-ESTAR COLETIVO". Em seguida o Sr. Presidente convocou os senhores Vereadores para a eleição da Mesa Diretora da Câmara Municipal numa Sessão às 11 horas de hoje. O Sr. Presidente mandou registrar a presença dos Senhores Aderbal Muniz do Nascimento e Antônio Muniz Neto. Nada mais havendo a registrar nesta Sessão, para constar, eu, José Valci da Costa, na qualidade de Secretário desta Sessão, assinei a presente Ata, a qual depois de lida e aprovada, vai devidamente assinada pelo Sr. Presidente e demais Vereadores Presentes. Sala das Sessões, 1.1.86. (Ass.). José Valci da Costa, José Aroldo Muniz, Raimunda Irene Muniz Martins, Manuel Messias da Silva, Antônio Afonso de Moraes, Maria Nilza de Vasconcelos, Edvar Esmerino da Silva, Miguel Arcanjo Alexandre, João Marques de Freitas, Tomaz José de Sousa e Francisco Teixeira de Vasconcelos."

★ ★
★

No Recenseamento realizado pelo Superior Tribunal Eleitoral, em todo o território brasileiro, no ano de 1986, no município de Cruz foram cadastrados 10.433 eleitores, tendo votado, no mesmo ano, 9.821. Em 1988, por ocasião das eleições de 15 de novembro, o número de eleitores era 12.221, tendo votado então 10.610.

VEREADORES

Ao longo do tempo, vários cidadãos cruzenses fizeram parte da Câmara Municipal de Acaraú. E, muito provavelmente, todos eles fizeram o que lhes foi possível em benefício de sua terra natal.

Em nosso trabalho de pesquisas, conseguimos 13 nomes desses filhos do hoje município de Cruz, que aqui relacionamos, em ordem cronológica:

Teotônio Francisco de Menezes — 1850
Ismael Antônio de Vasconcelos — 1928
José Fabião Filho — 1957

Raimundo Costa Sousa — 1960
Raimundo Silveira Bastos — 1962
João Ladislau de Paula Magalhães — 1962
João Silveira Muniz — 1966
João Altevir de Freitas — 1968
Isaias José do Nascimento — 1969
Raimundo Nonato de Vasconcelos — 1973
José Odécio de Albuquerque — 1983
Florêncio de Sousa Araújo — 1983
Francisco das Chagas Vasconcelos — 1983

SUBPREFEITOS

Com atinência aos próceres políticos que na Vila de Cruz exerceram o cargo de Subprefeito daquele distrito, damos a seguir uma relação nominal, com os períodos de exercício de cada um:

Isaias José do Nascimento, de 21.1.1962 a 31.7.1963
José Augusto de Sousa, de 2.8.1963 a 7.7.1967
João Silveira Muniz, de 8.7.1967 a 28.3.1971
Isaias José do Nascimento, de 11.3.1977 a 12.8.1980
João Altevir de Freitas, de 13.8.1980 a 31.12.1982

CIDADÃOS CRUZENSES NA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

No regime imperial o cargo de administrador do município era exercido pelo Presidente da Câmara Municipal.

Desta maneira, mencionada autoridade acumulava a dirigência dos poderes executivo e legislativo.

Tal fato acontecia, porque a Constituição de 24 de março de 1824 omitiu a função de chefe do poder executivo municipal.

Aludida situação continuou até o advento da República.

Na verdade, com a implantação do regime republicano, a primeira Constituição do Estado do Ceará, sancionada a 16 de junho de 1891, instituiu o cargo de Intendente, que passou a exercer o poder executivo, como administrador do município, enquanto o Presidente da Câmara dirigia o poder legislativo.

Durante 12 anos, o Intendente foi eleito pela Câmara Municipal. Entretanto, por efeito da Lei nº 704, de 12 de agosto de 1904, essa autoridade passou a ser nomeada pelo Presidente do Estado, sempre com o título de Intendente. Somente com a Lei nº 1190, datada de 5 de agosto de 1914, o título Intendente foi substituido pelo de Prefeito Municipal.

Pois bem: dois cidadãos cruzenses exerceram o cargo de administrador do município de Acaraú.

Foram eles: o Major Antônio Teixeira Pinto, eleito em 1887, e o Tte. Cel. Francisco Rodrigues de Oliveira Magalhães, que foi eleito para o cargo de Intendente do município de Acaraú, em data de 25 de maio de 1893.

CRUZENSES NA GUARDA NACIONAL

A Guarda Nacional do Império foi criada por Lei de 18 de agosto de 1831, e reorganizada pela Lei nº 602, de 1 de setembro de 1850.

O papel desempenhado pelos seus componentes, já na manutenção da ordem, já no respeito ao cumprimento da lei e moralização dos costumes, tem lugar destacado na história das cidades onde atuaram.

O eminente escritor Gustavo Barroso acha que a criação dessa corporação "foi, no setor militar, o ato mais relevante da Regência".

Pois bem: aqui em Acaraú a Guarda Nacional foi representada por 4 Companhias, criadas pelo Dec. nº 908, de agosto de 1852. E, entre os membros componentes dessas Companhias, que constavam de 37 elementos, figuraram seis cidadãos cruzenses, que são os seguintes:

Tte. Cel. Francisco Rodrigues de Oliveira Magalhães
Major Antônio Teixeira Pinto
Capitão Teotônio Francisco de Menezes
Tenente Albano José da Silveira
Alferes Alexandre Bernardino de Albuquerque
Alferes Gabriel Antunes de Menezes

JUIZES DE PAZ

Três cidadãos de Cruz exerceram o cargo de Juiz de Paz, autoridade muito respeitada, à qual estava afeta a segurança da comunidade. Foram eles:

Alexandre Bernardino de Albuquerque, eleito a 28.11.1852
Albano José da Silveira, eleito a 6.9.1879
Francisco José da Silveira, eleito a 30.12.1902

SIMBOLOGIA DO MUNICIPIO

Os símbolos do município de Cruz, admirável criação do Pe. Valdery da Rocha, possuem uma significação marcante.

A Bandeira, de cores verde, amarela, branca e vermelha, é formada de uma cruz em duplo traçado superposto, e guarnecida por 2 quadrados e 2 retângulos, com o Brasão localizado no centro. Este tem os seguintes significados: a Torre do Brasão do Ceará, lembrando, à direita a Lagoa da Cruz; e à esquerda lembra as praias, com o Portão de Jericoacoara. Os ramos representam a mandioca e o cajueiro, principais riquezas do município. As cores da Bandeira são as do Brasil, do Ceará, da Espanha — pátria de Vicente Yanez Pinzon, que em 1500 aportou em Jericoacoara. A área verde representa o mapa do município, o vermelho figura o cristianismo. O verde e o amarelo, juntos, lembram a Itália — Pátria de São Francisco, e o branco significa a paz, neste ano a ela consagrado internacionalmente.

UM CRUZENSE DE RENOME

Ao encerrar o presente capítulo, achamos oportuno registrar o nome do cidadão cruzense mais ilustre de todos os tempos.

Trata-se do Tte. Cel. Francisco Rodrigues de Oliveira Magalhães, que nasceu naquele então povoado, no dia 15 de abril de 1845, e faleceu aqui em Acaraú, a 12 de agosto de 1907.

O Tte. Cel. Rodrigues de Magalhães, ainda jovem transferiu sua residência para esta cidade, onde ingressou na vida política do município, que lhe deve assinalados serviços.

Entre os cargos públicos que exerceu em sua brilhante carreira política, mencionamos os seguintes: Eleito Intendente deste município, a 25 de maio de 1893; eleito deputado estadual, em 1897; nomeado Promotor de Justiça, pelo Governador Antônio Pinto Nogueira Acioly, a 30 de setembro de 1899.

Esse eminente homem público casou-se quatro vezes, deixando uma numerosa e ilustre descendência, à qual legou um grande exemplo de nobreza de caráter e de amor à terra que lhe deu o berço nativo, por cujo engrandecimento sempre trabalhou com dedicação e dignidade.

DISTRITO DE CAIÇARA

Pela Lei nº 11.323, de 22 de maio de 1987, a Assembléia Legislativa do Ceará homologou a decisão da Câmara Municipal, criando o Distrito de Caiçara, no Município de Cruz. O distrito abrange uma área de 115 Km², com uma população estimada em 2.500 habitantes, envolvendo a sede e as comunidades de Preá, Cavalo Bravo, Formosa, Rancho do Peixe, Córrego das Panelas, Córrgo dos Anas, Córrego dos Bentos e Santo Estevão, entre as principais.

UM NOVO MUNICIPIO

Em princípio de 1987, algumas lideranças do Distrito de Jericoacoara, apoiadas por representantes seus na Assembléia Legislativa do Ceará, deram início a uma campanha pela criação do município de Gijoca de Jericoacoara, o qual, naturalmente, seria constituido com território do município de Cruz.

Concretizadas as primeiras medidas, o Processo foi remetido à mesma Assembléia. Ali, no dia 7 de outubro de 1987, a Comissão de Municípios aprovou a realização do necessário Plebiscito, para prosseguimento do mencionado Processado, o qual foi, então, enviado ao Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Ceará, para que o mesmo determine as providências cabíveis.

ELEIÇÃO DE 15 DE NOVEMBRO

Consoante as normas instituídas pela Constituição promulgada a 8 de outubro de 1988, no dia 15 de novembro do mesmo ano realizaram-se, em todo o Brasil, eleições para os cargos de Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador.

No município de Cruz, onde então existiam 12.071 eleitores aptos a votar, teve lugar o pleito para escolha de seus dirigentes. Para os cargos de Prefeito, candidataram-se os srs. Antônio Raimundo de Araújo Neto e Manoel Nelson da Silveira. Compareceram às urnas 10.610 eleitores, sendo eleito Antônio Raimundo de Araújo Neto, com 6.659 sufrágios, com seu Vice-Prefeito, João Marques de Freitas.

Para compor a Câmara Municipal foram eleitos os seguintes Vereadores: Geraldo Marques da Cunha, com 569 votos; Tomás José de Sousa, com 396 votos; Carlos Alberto C. Cavalcante, com 384 votos; Raimundo Abdonir Silva, com 368, Francisco Benedito de Farias, com 354 votos; Edvar Esmerino da Silva, com 342, Francisco Teixeira de Vasconcelos, com 342 votos; Manoel Messias da Silva, com 337; João Batista Muniz, com 335 votos; João Batista de Albuquerque, com 242 votos e José Carlos de Araújo, com 242 votos.

A solenidade de posse dos candidatos eleitos, teve realização no dia 1º de janeiro de 1989, na conformidade da lei pertinente.

CONSTITUINTE MUNICIPAL

Na conformidade do que prescreve a Carta Magna Brasileira, a 17 de outubro de 1989 deu-se a instalação da Assembléia Constituinte, com poderes para elaborar a Constituição do município de Cruz. O Presidente escolhido foi o Vereador Francisco Teixeira de Vasconcelos. E os Constituintes têm, agora, 4 meses, para escrever a Constituição daquele próspero município ribeirinho.

O diploma legal que instituiu a nova unidade municipal, tem a seguinte redação:

"Lei nº 11.323, de 22 de maio de 1987

"O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

"Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º — Fica criado no Município de CRUZ o Distrito de CAIÇARA, cuja sede será o povoado de igual nome, que fica elevado à condição de Vila.

Parágrafo Único — O Distrito criado nesta lei, pertencente ao Município de Cruz, terá os seguintes limites territoriais:

AO NORTE — Com o Oceano Atlântico, desde o travessão dos herdeiros de José Júlio Lousada até o Riacho Doce, onde derrama as águas da Lagoa da Gijoca.

AO LESTE — Nas terras dos herdeiros de José Júlio Lousada, na Fazenda Santo Estevão, rumando em linha reta até o Oceano Atlântico, na localidade de FORMOSA.

AO SUL — Começando na Lagoa da Gijoca, no travessão de Pedrinhas, até encontrar o travessão de José Leorde, onde separa as terras do litoral, seguindo pelo mesmo travessão até encontrar o travessão divisório das terras de José Maria Ossias e Raimundo Nonato de Vasconcelos, seguindo pelo mesmo travessão até encontrar a Estrada de Caiçara e, por esta estrata, até à Fazenda Santo Estevão.

AO OESTE — Começando em Riacho Doce, seguindo pelo mesmo, até a Lagoa da Gijoca, seguindo pela mesma Lagoa até encontrar o travessão de Pedrinhas.

Art. 2º — Em face da criação do Distrito de CAIÇARA, o Distrito de Jericoacoara passa a ter os seguintes limites:

Ao Norte — Começando no Riacho Doce até a enseada de Jericoacoara, nos limites do Município de Camocim.

AO LESTE — Começando no travessão de João Batista da Rocha, desde a Estrada de CAIÇARA, rumando ao Sul, até os limites do Município de Bela Cruz, em Solidão.

Ao OESTE — Com o Município de Camocim, desde a enseada de Jericoacoara, passando pela Lagoa das Pedras, até encontrar a Fazenda São Joaquim, nos limites dos Municípios de Bela Cruz e Camocim.

Ao SUL — Começando na Fazenda São Joaquim, nos limites de Bela Cruz e Cruz, até encontrar o travessão de João Batista da Rocha, em Solidão.

Art. 3º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, aos 22 de maio de 1987.

TASSO RIBEIRO JEREISSATI
José Sérgio de Oliveira Machado"

DENOMINAÇÃO DAS RUAS DE CAIÇARA

Projeto de Lei nº34/88

Dispõe sobre a denominação das ruas da Vila de CAIÇARA

Faço saber que a Câmara Municipal de Cruz aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei.

Art. 1º — Denomina as ruas da Vila de Caiçara, sede do Distrito de Caiçara, neste Município.

1º — É nome de ruas da Vila de Caiçara: Rua Mons. Sabino, inicia na Rua Afonso Fontes, cruza as Ruas José João, Professora Fransquinha e continua pela estrada que dá acesso a Caiçara. Rua Afonso Fontes, inicia na Rua Mons. Sabino e termina na Rua Pe. Valdery. Rua Pe. Valdery, inicia na Rua Afonso Fontes, cruza a Rua José João e termina na Rua Professora Fransquinha. Rua Professora Fransquinha inicia na Rua Mons. Sabino e termina na Rua 22 de Maio. Rua 22 de Maio, inicia na Rua José João e termina na Rua Domingos Muniz. Rua Domingos Muniz inicia na Rua Mons. Sabino e termina na Rua 22 de Maio.

Art. 2º — Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das sessões, 05 de Setembro de 1988

Raimunda Irene Muniz Martins — Vereadora
Presidenta da Câmara Municipal

FORMAÇÃO RELIGIOSA

Outra vez temos que recuar no tempo quase cinco séculos, para registrar alguma cousa sobre a formação religiosa do município de Cruz.

E assim fazemos, porque, segundo opinam alguns historiadores, no limiar do século dezesseis, ancorou na enseada de Jericoacoara, naquele município, o mareante castelhano, Vicente Yanez Pinzon. E "ali fincou uma grande cruz de madeira".

Pois bem: essa cruz teria sido o primeiro sinal de fé cristã de que se tem notícia, naquela unidade da federação cearense.

Mais de um século depois, isto é, no ano de 1613, o Capitão Jerônimo de Albuquerque erigiu, naquela praia famosa, um pequeno santuário, consoante informa o historiógrafo Raimundo Girão.

O tempo prosseguiu... E, de longe em longe, diversos missionários por ali passaram, em seu abençoado trabalho de evangelização.

AS PRIMEIRAS CAPELAS

Os anos continuaram decorrendo, ao sabor da areia cessada pela ampulheta do tempo.

E, no ano da graça de 1880, a comunidade do lugarejo Caiçara, tendo à frente seu líder Antônio Pereira Brandão, inaugurou ali uma Capela, em honra de São Francisco.

Enquanto esses fatos sucediam, no então povoado de Cruz, os cidadãos Francisco Bernardino de Albuquerque e Albano José da Silveira, iniciavam os trabalhos de construção de outro templo, igualmente consagrado a São Francisco de Assis.

As famílias ali então residentes, tomaram parte ativa nas promoções realizadas, no objetivo de angariar recursos financeiros, para socorrer as despesas necessárias para o custeio da obra. Todos queriam colaborar, e o faziam numa bela manifestação de seus sentimentos religiosos.

Finalmente, em fins de 1884 a capela estava pronta para que nela fossem celebrados os atos do culto em comum.

A imagem do Padroeiro do templo, que é de fabricação portuguesa, em 1883 fora encomendada, pelo Pe. Antônio Xavier de Maria Castro, então Vigário da Paróquia de Acaraú.

Sua bênção aconteceu na Igreja Matriz de Acaraú, a 19 de dezembro de 1884, pelo mesmo Padre Antônio Xavier.

BENÇÃO DA CAPELA

No dia sempre memorável, de 20 de dezembro de 1884, a imagem foi transportada, processionalmente, em andor, da cidade de Acaraú para a povoação de Cruz. E seus condutores foram seus **Padrinhos** designados pelo Vigário: Leocádio da Costa Araújo, Major Francisco Teófilo Ferreira, João Augusto de Castro Moura, Joaquim Martins dos Santos Filho e Capitão Paulo José Rodrigues.

No mesmo dia teve lugar a bênção solene da capela, oficiada pelo Pe. Vicente Gifoni Patrício, com a presença de centenas de pessoas, oriundas de diferentes pontos aqui da Região do Baixo Acaraú.

A bênção da capela foi dada com licença de Dom Joaquim José Vieira, em Provisão datada de 9 de maio de 1884.

FALA DOM JOAQUIM

A capela de São Francisco, de Cruz, tinha dimensões regulares, porque, em Carta Pastoral datada de 14 de setembro de 1885, de Dom Joaquim José Vieira, 2º Bispo do Ceará, transcrita no 2º Livro de Tombo da Paróquia de Acaraú, pág. 154, aquele eminente Prelado escreveu o seguinte sobre a mesma:

"Capela de Cruz. O orago é São Francisco das Chagas, está situada a légua e meia desta. Erecta no ano passado, no seio de uma pequena povoação ocupada na quase totalidade, por fazendeiros de uma só família, tem proporções mais ou menos razoáveis; e o instituidor, o cidadão Francisco Bernardino de Albuquerque, animado dos mais nobres sentimentos de religião, já começou, não só concorrendo com seus próprios bens, como com as oblatas oferecidas pelos fiéis, a dar os passos necessários, no sentido de paramentá-la convenientemente para o culto público".

REFORMAS DA CAPELA

No defluir de meio século, a igrejinha passou por algumas reformas, sendo dotada de consistório e outros benefícios.

Entretanto, com permissão e incentivo do saudoso Mons. Sabino de Lima, então Pároco de Acaraú, nos anos de 1934 a 1938, a capela de São Francisco da Cruz, como naquele tempo era chamada, teve uma restauração de marcante significado.

Os trabalhos assim determinados por Mons. Sabino, conforme a planta elaborada, demoraram cinco anos, porque os recursos para a obra foram conseguidos lentamente, na base de leilões, quermesses e outras promoções, além de contribuições espontâneas.

O comerciante Urbano José da Silveira e o capitão Antônio Raimundo de Araújo, autênticos líderes daquela comunidade, com a colaboração de todos os segmentos da sociedade local, conseguiram, enfim, o que pretendiam: o templo foi ampliado, teve seu teto substituído, paredes elevadas, pintura geral, etc.

Com as administrações de seus dois Vigários — Mons. José Edson Magalhães e Pe. Manoel Valdery da Rocha — a Igreja Matriz de Cruz se tornou um dos templos mais belos e mais bem cuidados do interior do Ceará.

É assim que mencionado templo possui magnífico serviço de som, com oito alto falantes, oito ventiladores para conforto dos fiéis, e outros melhoramentos.

A imagem do Padroeiro, que é um primor de arte sacra, em 1985 foi cuidadosamente reincarnada, pelo escultor belacruzense, João Venceslau de Araújo.

MOVIMENTOS PRÓ-PARÓQUIA

A criação de uma Paróquia naquela povoação, desde muitos anos, vinha sendo a aspiração maior da comunidade cruzense.

À medida que o povoado progredia e sua população aumentava, crescia, por igual, o desejo dos cristãos cruzenses de que para ali viesse um guia espiritual, de que tanto necessitavam.

Leais aos sentimentos de fé herdados de seus antanhos, os homens e mulheres daquela terra, almejavam exercitar essa mesma fé orientados pelo seu Vigário.

Os anos foram transcorrendo cronométricamente... E o primeiro movimento pró-criação da Paróquia, foi chefiado pelo comerciante Raimundo Celso Araújo, nos idos de 1943. A iniciativa foi do Pe. José Inácio Mendes Parente, então Vigário Cooperador da Paróquia de Acaraú.

Infelizmente, porém, esse movimento não logrou resultado.

O tempo prosseguiu, em sua caminhada de todos os momentos.

Sete anos depois, no ano de 1950, registrou-se uma nova tentativa, visando aquele inapreciável benefício espiritual. Lideravam, então, a nova campanha, os cidadãos Francisco Pereira de Sousa, Miguel Albano da Silveira e Raimundo Costa Sousa. Mas esses também não conseguiram a vitória tão ardentemente desejada por aquela comunidade.

Todavia a semente ficou germinando. E em 1956, aqueles homens, firmes em sua pretensão, começaram um novo movimento, desta vez apoiado pelo menorista acarauense, José Edson Magalhães.

E a campanha continuou com mais entusiasmo, mais esperança e mais possibilidades, apesar do pessimismo de alguns.

Em o jornal "O Acaraú", edição de 15 de outubro de 1956, comentamos a luta do povo de Cruz, neste sentido. E adiantamos: "Segundo estamos informados, o Exmo. Sr. Dom José Tupinambá da Frota e o Pe. Sabino de Lima, respectivamente, Bispo de Sobral e Pároco de Acaraú, também estão empenhados na criação de uma Paróquia naquela próspera Vila, que realmente precisa e merece".

CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

O assunto foi meticulosamente estudado, e, na data histórica de 17 de março de 1958, o inolvidável Bispo Conde de Sobral, assinou a Portaria de criação da Paróquia de São Francisco da Cruz.

Aludida Portaria é do seguinte teor:

"Aos que esta nossa Portaria virem, saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sendo dever dos Bispos promover e assegurar o bem espiritual dos fiéis confiados à sua solicitude pastoral, nós, atendendo ao desejo da população residente na Povoação de Cruz, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Acaraú, depois de ouvido o Parecer e Votos unânimes dos Reverendos Consultores Diocesanos e do Reverendo Pároco de Acaraú, em virtude das Faculdades que nos confere o Cânon 1427, do Código de Direito Canônico, da nossa Ordinária, havemos por bem criar, como pela presente Portaria criamos, a Paróquia de Cruz, desmembrado da Paróquia de Acaraú o respectivo território, e elevamos à dignidade de Igreja Matriz a atual Capela de São Francisco de Assis, conferindo-lhe os mesmos direitos e privilégios e prerrogativas das outras Matrizes deste Bispado.

Os limites desta Paróquia são os seguintes: Ao Norte, limita-se com o Oceano Atlântico e daí parte do travessão que divide as terras do Guriú com as da Lagoa Grande, até à foz do Rio Acaraú, na Ilha do Mosqueiro. Ao Nascente, com a Paróquia de Acaraú, a começar na embocadura do Córrego do Nazário, subindo por este até à Fazenda Santa Tereza (exclusive); daí tomando a estrada que vai para a Fazenda Pimenteira (exclusive) seguindo na mesma estrada até o Cambota, donde parte numa reta para as Fazendas Embiratanha, Aroeira, São Gerardo e Lagoinha (exclusive); daí sobe pelo Córrego de Dentro, passando pela Fazenda Santa Teresinha, daí seguindo pela antiga Estrada Real, até Pedra Branca, no Rio Pesqueiro, até à Fazenda de João

Mariano (inclusive), seguindo pelo travessão que divide as terras do Guriú com as do Lago Grande, até encontrar o Oceano.

Seja esta nossa Portaria lida à Estação da Missa Paroquial na Matriz de Acaraú e na Capela de São Francisco da Cruz, transcrita integralmente no respectivo livro do Tombo e arquivada na forma de costume.

Dada e passada nesta cidade de Sobral, e Câmara Eclesiástica, sob o nosso sinal e selo das Nossas Armas, aos dezessete de Março do ano de mil novecentos e cinquenta e oito.

José, Bispo Diocesano
Padre José Palhano de Sabóia
Secretário do Bispado".

O PRIMEIRO VIGÁRIO E SEU TRABALHO

A população cruzense festejou, então, a vitória dessa batalha de tantos anos, com regosijo excepcional, aliás muito justificável.

Sim, porque a instituição da Paróquia e a consequente permanência alí de um sacerdote, iníciava um novo advento para toda aquela área, a começar pela Vila de Cruz. Advento de vida cristã mais intensa e bem orientada; advento de progresso espiritual e social.

Aconteceu que logo no dia seguinte, 18 de março, Dom José lavrou uma segunda Portaria, nomeando o Pe. José Edson Magalhães para o cargo de Vigário da nova unidade diocesana.

Destarte, coube a um sacerdote acarauense a grande tarefa de dirigir os destinos espirituais daquela vasta e populosa Paróquia, pois seu território mede 1.000 Km², com a população de 15.000 pessoas, aproximadamente, naquela época.

A cerimônia de posse do Pe. Edson Magalhães teve realização a 6 de abril de 1958. Foi uma festa em que tomou parte uma verdadeira multidão, realmente alegre, realmente feliz.

Estivemos presente à magna solenidade, e podemos constatar o contentamento transbordante da população cruzense, ante o inestimável benefício que estava recebendo, naquele dia memorável.

Efetivamente, o Pe. José Edson Magalhães, jovem, culto, virtuoso e dinâmico, dentro de pouco tempo fez sentir junto a seus paroquianos, a ação marcante de seu trabalho evangélico e educacional, imprimindo um ritmo novo à vida religiosa e social da comunidade.

Tal como o Padre Édson, jovem, culto e imbuido do ideal de trabalhar, com dedicação e operosidade, na Sagrada Vinha da Igreja cristã, Pe. Valdery da Rocha continuou a obra admirável de seu antecessor. E, como ele, integrou-se na comunidade que em boa hora foi confiada aos seus cuidados de Pastor do Cristo.

E, como guia espiritual daquela gente e amigo daquela terra, desde então vem desempenhando um papel marcante na história religiosa e social de Cruz. Fez-se seu líder maior, como seu líder maior se fizera Pe. Edson Magalhães. Em consequência, não houve solução de continuidade na vida paroquial. Padre Valdery, além de seus trabalhos pastorais, concluiu a Casa Paroquial, construiu a sede da "Escola Fundamental São Francisco", a Casa das Irmãs, o Centro Pastoral de Cruz, (CEPAC) e as capelas de: Monteiros, Carrapateiras, Castelhano, Imbé, e a do Patronato das Irmãs, dedicada a N. Sra. do Perpétuo Socorro. Construiu, também, a Casa Paroquial de Gijoca e reformou as de Caiçara, Aranaú e Prata.

No seu paroquiato, surgiram, na Paróquia de Cruz, as CEBs. E atualmente existem na Paróquia, em pleno funcionamento, 40 Comunidades Eclesiais de Base instaladas em outros tantos povoados do território paroquial.

Mencionadas Comunidades Eclesiais já construiram e estão mantendo 14 Centros Comunitários, que constituem pontos especiais de reuniões familiares e de trabalhos, bem como de lazer para seus componentes.

Sessenta Centros Catequéticos foram organizados na Paróquia, e estão incutindo nas crianças as luzes da Doutrina Cristã, dirigidos que são por Catequistas convenientemente treinadas e instruidas para este mister.

ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

As associações pias fundadas na Paróquia de São Francisco de Cruz, ao longo de seus 28 anos, são as seguintes:

— Centro da Obra das Vocações Sacerdotais, fundado a 30 de setembro de 1958.

— Pia União das Filhas de Maria, fundada a 8 de dezembro de 1958.

— Apostolado da Oração, fundado a 25 de julho de 1960.

— Cruzada Eucarística Infantil, fundada a 3 de abril de 1969.

VOCAÇÕES RELIGIOSAS

Diversas jovens, filhas do município de Cruz, atendendo ao chamado de sua vocação, integram hoje algumas Ordens Religiosas, dentro e fora do Ceará.

IRMÃS MISSIONARIAS

As Irmãs Missionárias do Coração de Jesus, chegaram à então Vila de Cruz, em data de 7 de fevereiro de 1982.

E para ali vieram graças aos esforços do Pe. Valdery da Rocha, Vigário daquela unidade diocesana de Sobral.

Tendo como Superiora a Irmã Maria da Piedade Portela, a Comunidade conta, sempre, com mais duas Irmãs. Atualmente Ir. Fátima e Ir. Margarida.

E, ao passo que Irmã Portela exerce o cargo de Diretora da Escola Fundamental São Francisco, as outras Religiosas integram o Corpo Docente do mesmo colégio, afora os serviços que prestam à população cruzense, especialmente à classe mais carente.

CAPELAS

A Paróquia de São Francisco da Cruz conta, atualmente, nove capelas, assim localizadas:

— Capela de São Francisco, no povoado de Caiçara, inaugurada a 4 de outubro de 1880, com a bênção, pelo Pe. Antônio Xaxier Maria de Castro.

— Capela de São João Batista, na vila de Aranaú, inaugurada em 1888, com a bênção, pelo mesmo Pe. Antônio Xavier.

— Capela de Nossa Senhora do Livramento, na vila de Prata, inaugurada a 14 de janeiro de 1940, com a bênção, pelo Pe. Sabino de Lima.

— Capela de Santa Luzia, na povoação de Gijoca, inaugurada a 13 de dezembro de 1963, com a bênção, pelo Pe. José Edson Magalhães.

— Capela de Nossa Senhora das Graças, no povoado de Monteiros, inaugurada a 15 de novembro de 1970, com a bênção, pelo Mons. Odécio Loiola Sampaio, Vigário de Bela Cruz.

— Capela de Nossa Senhora das Graças, no povoado de Carrapateiras, inaugurada a 30 de dezembro de 1972, com a bênção, pelo Pe. Manoel Valdery da Rocha.

— Capela de Santo Antônio, no povoado de Imbé, inaugurada a 25 de janeiro de 1981, com a bênção, pelo Pe. Valdery Rocha.

— Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Patronato das Irmãs Missionárias, na cidade de Cruz, inaugurada em 1982, com a bênção, pelo mesmo Pe. Valdery da Rocha.

— Capela de São Pedro, no povoado de Castelhanos, inaugurada a 30 de junho de 1979, com a bênção, pelo Pe. Valdery Rocha.

— Capela de Jericoacoara, cuja pedra fundamental foi lançada a 5 de feveiro de 1955, pelo Pe. Expedito Silveira de Sousa. A obra já bem adiantada, lá está ainda, esperando sua conclusão, realmente necessária.

O Pe. Valdery tem dado um trato especial à capela de Santa Luzia, de Gijoca. É assim que em 1982 construiu dois braços, colocando-a em forma de Cruz. E neste ano de 87 fez-lhe uma notável reforma, com elevação das paredes, forro total do teto, modificação da fachada, outras reformas.

JUBILEU PAROQUIAL

No dia memorável de 6 de abril de 1983, a Paróquia de São Francisco de Assis, de Cruz, comemorou vinte e cinco anos de vida ativa, no serviço da Igreja de Cristo.

A magna festividade, de tão marcante significado para a história daquela unidade diocesana, se revestiu de brilhantismo e piedade.

Um Tríduo Pastoral precedeu ao Dia da Festa. E nesse Tríduo tomaram parte não somente a população católica de Cruz, mas também as capelas e representações de Paróquias vizinhas.

Foi executado um bem elaborado programa que pôs em evidência não somente a criatividade do Pe. Valdery da Rocha, mas também o espírito cristão da comunidade cruzense. Houve Torneio Esportivo e a colaboração da Banda da Polícia Militar e do Coral Jubileu de Prata.

O ponto alto dos festejos comemorativos, foi a concelebração realizada no dia 6, para encerramento do Tríduo.

Monsenhor José Edson Magalhães, Vigário da Paróquia de Acaraú e Representante do Exmo. Sr. Bispo, dom Valfrido Teixeira Vieira, presidiu a concelebração.

Na oportunidade, aquele ilustrado sacerdote conterrâneo, que oferecera uma valiosa, ou antes, decisiva contribuição para o êxito da campanha pró-paróquia de Cruz, leu um precioso trabalho seu, historiando fatos que antecederam a criação da Paróquia.

Trata-se de um depoimento criterioso e minudente de quem testemunhou a luta e as demarches então efetuadas, até o término do importante movimento comunitário, que, graças a Deus, teve o seu "final feliz", para felicidade daquela gente amiga.

Com permissão de Mons. Edson Magalhães, respigamos esse seu trabalho para nossa modesta monografia, como um documento de indiscutível significação, para a história religiosa do município de Cruz.

FALA MONS. JOSÉ EDSON MAGALHÃES

A Comunidade paroquial de São Francisco de Assis, da Cruz, na caminhada que empreende no tempo, resolveu parar para celebrar, com solenidades especiais, um acontecimento profundamente significativo na sua existência: A CRIAÇÃO DA PARÓQUIA.

O ponto culminante das comemorações é este sacrifício de ação de graças a Deus. Participando, com alegria, deste seu gesto de louvor e agradecimento, aqui estão Igrejas Paroquiais Irmãs, destacando-se a Igreja-Mãe, a SESQUICENTENÁRIA Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, do Acaraú.

Celebrar o acontecimento de 25 anos de Paróquia supõe, não apenas, fazer desfilar e contemplar os resultados, os frutos da sua ação fecunda ao longo do tempo. Exige, também, olhar para trás e ver fatos e pessoas que estão na origem do grande acontecimento.

A história é feita de fatos e os fatos são tramados e vividos por pessoas. Antes que morram todos os personagens que participaram de movimentos, objetivando a criação da Paróquia da Cruz, desaparecendo, assim, a sua mais autêntica fonte de informações, é preciso que alguém deponha para a história. É o que pretendemos fazer agora.

Nos recuados idos de 1943, por inspiração do Pe. José Inácio Mendes Parente, o senhor Celso Araújo assumiu a idéia da criação de uma Paróquia, com sede na Cruz. Ele contava com a colaboração de várias pessoas. Dessa vez, todavia, a semente não germinou. É confusa a história de um empréstimo que teria sido feito a um terceiro, do dinheiro arrecadado na campanha financeira.

Em 1950, foi retomado o trabalho em favor da elevação da Capela de São Francisco de Assis, da Cruz, à distinção de Matriz. Homens e mulheres de Cruz, sobretudo dos arredores, eram, em bom número, membros das diversas associações religiosas existentes na Paróquia do Acaraú: Apostolado da Oração, Obra das Vocações Sacerdotais, Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Mães Cristãs, etc. Não se evidenciavam, porém, sinais de um empenho concreto no sentido de se preparar o povo em geral, religiosa e espiritualmente, para assumir a necessidade e a importância do acontecimento.

Talvez um fato contribuísse para tanto: outrora quando se pensava em criar uma paróquia, a grande preocupação por parte da comunidade interessada, estava centrada na campanha material, que assegurasse uma importância financeira mínima, sem a qual não seria criada a Paróquia. Em face disso, o que agora ocupa a atenção do grupo liderado por

Francisco Pereira de Sousa, Miguel Albano, Raimundo Costa Sousa, pró-criação Paróquia da Cruz, é mais uma vez preparar um depósito exigido.

Sobreveio a seca de 1951, retardando, de novo, o processo de criação da Paróquia. O dinheiro arrecadado, acrescido de novas ajudas, perfez um total de entre 40 a 50 contos de réis, foi depositado, por Miguel Albano, na Cooperativa Agrícola Mista de Acaraú, sendo sacada em 1958, para juntar ao que foi conseguido na campanha final.

Em julho de 1956, renasceu entre muitos, a esperança de se concretizar a antiga aspiração. Tudo aconteceu assim: por ocasião das festas comemorativas do Jubileu de Prata Sacerdotal do, então, Pe. Sabino de Lima, lideradas pelo menorista José Edson Magalhães, crescia o movimento visando a criação de uma diocese no Vale do Acaraú, com sede na cidade do mesmo nome. Como consequência, havia uma boa vontade em aumentar o número de Paróquias na região.

Assim, o sonho da população de Cruz e, particularmente, da população de Caiçara — muito mais engajada na atividade para se organizar em Paróquia, parecia encontrar caminho para sua realização.

Na presença de uma comissão que na oportunidade das comemorações dos 25 anos de ordenação do Pe. Sabino, pedia a dom José Tupinambá da Frota a criação da Paróquia da Caiçara, o mesmo dom José chamou o menorista José Edson Magalhães confiando a ele a tarefa de coordenar e dinamizar as atividades referentes à criação da referida Paróquia.

Tão logo encerraram-se as festas do seu Jubileu de Prata Sacerdotal, Pe. Sabino solicitou do menorista José Edson assumir a direção do movimento de criação da Paróquia de Cruz, em vez de fazê-lo com relação a Caiçara, ficando aos seus cuidados de vigário, que dispunha de transporte próprio, acompanhar a caminhada desta última.

Contando com a valiosa e decisiva colaboração de Miguel Albano da Silveira e Francisco Pereira de Sousa foi possível ao menorista José Edson fazer andar e concretizar a idéia da criação da Paróquia.

A grande dificuldade, só a custo de muito esforço superada, foi a incredulidade de boa parcela do povo, com fundamento no fato, de não terem alcançado sucesso as tentativas anteriores.

Enquanto lentamente avançava-se na campanha, Caiçara no seu entusiasmo, já tinha entregue a sua fiança. É interessante lembrar um detalhe que explica a não criação da Paróquia da Caiçara, entre o final de 1957 e começo de 1958, facilitando, em parte, a consecução do objetivo dos cruzenses. O Pe. Belarmino Augusto Lopes, único naquele instante sem

função definida na Diocese e a quem dom José oferecera a Paróquia da Caiçara a ser criada, depois de passar alguns dias no afastado lugarejo, comunicou ao pastor diocesano não se sentir em condições de suportar a pesada solidão da Caiçara nem conviver com as suas dificuldades, embora reconhecendo ser bom o seu povo. Deste modo ficava adiada para um tempo indeterminado a resposta concreta ao anseio do povo que habita aquela considerável extensão geográfica.

Aqui, finalmente, aos troncos e barrancos atingiu-se a cota estabelecida pela Diocese, de 100 contos de réis que deveria ser convertida em Patrimônio para a futura Paróquia. Imediatamente, uma comissão tendo à frente Francisco Pereira de Sousa, em Sobral, acmpanhando-se dos prestimosos amigos drs. Tomaz Aragão e João Ribeiro Ramos, foi recebida em audiência pelo bispo diocesano, para tratar oficialmente do assunto em foco.

A primeira reação de dom José foi negativa. Alegou, Sua Excia. como motivo para não criar, no momento pretendido a Paróquia de Cruz a falta de padres, prometendo fazê-lo, no entanto, uns três anos depois. Realmente, o número de ordenações já diminuia sensivelmente àquela época. Foi aí, então, que o Pe. José Edson, já convidado por dom José para trabalhar no Seminário Diocesano, teve o seu nome sugerido pela comissão, na qualidade de animador do movimento da criação da Paróquia.

Ponderando o venerando bispo que geralmente eram grandes as dificuldades e os problemas de uma paróquia nova e pobre para serem enfrentadas por um padre recém-ordenado e jovem, os participantes do grupo adiantaram-lhe que o Pe. José Edson estaria entre parentes e muito próximo da sua família. (Diga-se de passagem que, de fato, os pais desejavam muito ter o filho perto de si. E esta era uma oportunidade favorável. Por isso é que Joaquim Magalhães, o pai do indicado, tomou a iniciativa de chamando Miguel Albano motivá-lo para dinamizar mais a campanha dizendo-lhe: "ou vocês criam a Paróquia da Cruz agora ou nunca).

O coordenador do movimento, porém, Pe. José Edson Magalhães, lutava tão somente pela concretização da idéia, com a qual tinha se comprometido em julho de 1956, ainda como seminarista. Não estimulou nem contrariou, contudo, a articulação que no fim da jornada concentrou-se no seu próprio nome.

Voltemos ao Palácio de Dom José. Diante do exposto, Dom José sensibilizou-se e prometeu criar a Paróquia se, por ventura, o indicado realmente aceitasse. Houve um contato posterior de elementos da comissão com Pe. Edson e Pe. Sabino, em Acaraú, informando-lhes o resultado da conversa com o bispo. Pe. Sabino, injustamente acusado de

não ter se interessado tanto quanto devia pela criação da Paróquia da Caiçara, dispôs-se, a partir daí, não apenas a concordar, como também a entrar no esforço de elevar Cruz à categoria de Paróquia, por algumas razões:

1. Reconhecia ser a presença assídua do Padre na região abaixo do rio Acaraú, muito importante para um atendimento maior e melhor às necessidades pastorais que aumentavam;
2. Lembrava-se do que propusera em julho de 1956.

Contra o bem, há sempre um Judas conspirando. Correndo na cidade de Acaraú a notícia da provável criação da Paróquia de Cruz, comerciantes receiosos de prejuízos futuros para os seus negócios, às ocultas, através de abaixo-assinado para o bispo, procuravam frustrar o plano. Antecipando-se à execução do traiçoeiro intento, Pe. Sabino e Pe. Edson agiram com extraordinária rapidez, conseguindo num só dia, o parecer e voto favoráveis dos reverendos consultores diocesanos.

Desta maneira, a capelinha de São Francisco de Assis da Cruz, construída em 1884, e reformada de 1934 a 1938, no paroquiato do Pe. Sabino de Lima, sob a direção eficiente de Urbano José da Silveira, aos 17 de março do ano de 1958, estava elevada à dignidade de Igreja Matriz, por portaria assinada pelo bispo diocesano dom José Tupinambá da Frota.

Desígnio de Deus para uns, destino para outros, a verdade é que aos 19 de março, dia de São José, no Palácio Episcopal, à hora do almoço, presentes o clero da cidade de Sobral, Pe. Sabino de Lima, vigário de Acaraú e Pe. José Edson Magalhães, a pedido de Dom José, o Pe. Francisco Austregésilo de Mesquita, Reitor do Seminário, hoje, bispo de Afogados da Ingazeira, em Pernambuco, lia a portaria de nomeação, lavrada no dia anterior, do Pe. José Edson Magalhães, para vigário da nova Paróquia de Cruz, terra de Antônio Teixeira Pinto e Francisco Rodrigues de Oliveira Magalhães, seu bisavô e avó paterno, respectivamente.

Se o que aconteceu, quando aconteceu e como aconteceu foi o que realmente deveria ter acontecido não é problema para a história. O que fez a história é o acontecimento. Se existe filho é porque apareceram pais e houve um tempo de gestação. Qual foi a jogada, quem nela entrou, a que ela chegou, isso é interessante e necessário ser registrado. Aí está, na sua essência a realidade do fato criação da Paróquia da Cruz.

Foi esta a última Paróquia criada na Diocese de Sobral, nestes 25 anos.

No dia 06 de abril de 1958, domingo da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, finalmente era instalada a Paróquia de São Francisco da Cruz e tomava posse o seu primeiro vigário Pe. José Edson Magalhães, em solenidade simples, porém, emocionante e muito concorrida, presidida pelo Mons. Sabino de Lima Feijão, delegado especial do Bispo diocesano, para o ato em apreço.

Participando da solenidade, estiveram, além do Pe. Sabino de Lima, vigário de Acaraú, Pe. Odécio Loiola Sampaio, vigário de Bela Cruz e Pe. Osvaldo Carneiro Chaves, cooperador da Paróquia de Acaraú, e grande número de amigos do vigário, vindos especialmente de Acaraú, Fortaleza e Itarema.

Estava, assim, fincado o marco histórico que trazia para a Paróquia de São Francisco da Cruz novos horizontes e motivava o seu povo a lutar por um crescimento na fé, com repercussões claras e fortes nos mais diferentes níveis da sua vida de comunidade.

A arrancada começava sob os rudes golpes de uma impiedosa seca, mas também na esperança, na força e na luz da Ressurreição. A hora providencial da grande dádiva de Deus era igualmente a hora da responsabilidade e do compromisso de fazer passar por todos os recantos da nova Paróquia a chama recebida de vigários, missionários e leigos, que no seu zelo e segundo as condições do seu tempo, tanto bem fizeram ao povo que passou a constituir uma nova comunidade paroquial.

E, de fato, a história dos dois paroquiatos, contada anteontem e ontem, mostrou que durante esses 25 anos, a chama não esmoreceu; ao contrário, tornou-se cada vez mais viva; clareou o caminho de milhares de pessoas; aqueceu o frio de muitos; arrancou das trevas a tantos; fez andar a centenas de irmãos e irmãs que estavam parados; reanimou a esperança de desiludidos; penetrou em muitos lares fechados; valorizou a juventude, entusiasmou as crianças, não esqueceu os pobres nem marginalizou a velhice. Um grande número conscientizado, convidado e convocado a entrar no processo de participação da construção do Reino de Deus.

Ainda criança, a Paróquia da Cruz foi contemplada com os imensos benefícios do Concílio Vaticano II, e pode, assim, sem muitos conflitos, adaptar-se às exigências de um mundo novo. Métodos de realizar trabalhos apostólicos foram modificados. Novos e diversos caminhos foram abertos para responder às necessidades pastorais de uma realidade cada dia mais diferente. A fé, porém, é a mesma que nos foi legada pelos nossos antepassados: a fé do nosso batismo.

A esperança que nos faz dar passos é a mesma que levou as gerações passadas a tantas renúncias e sacrifícios.

O amor que hoje nos faz mais compreensivos e tolerantes, e exige de nós respeito aos outros no seu modo de ser, nos seus direitos e nas suas aspirações, é o mesmo amor que outrora se manifestava, na maioria das vezes, negando, proibindo, super-protegendo, mas também, sem nunca deixar de ser solidário na doença, sem nunca deixar de dividir a refeição com o viajante, o mendigo, sem nunca negara pousada ao retirante, sem nunca deixar de estar presente nos momentos especiais das famílias.

A partir da criação da Paróquia, as raízes religiosas, culturais, sociais, familiares permaneceram. Porém, inegavelmente, muita coisa mudou e mudou profundamente. Toda a região desenvolveu-se no conjunto dos diversos aspectos da sua vida. Foi Cruz, todavia, que mais floresceu simpática, faceira, e irrequieta: está aí, irradiando todo o vigor dos seus 25 anos de Paróquia.

Agradecendo a Deus os benefícios recebidos, durante estes 25 anos, ao mesmo tempo peçamos a Ele, por intermédio de Jesus Cristo Ressuscitado, mais esperança, mais luz, mais força, e coragem, porque terminado deslumbramento, retomaremos o ritmo da nossa caminhada, cada vez mais fatigante e desafiadora.

Peçamos pela Paróquia de São Francisco da Cruz, para que ela não falhe nunca na sua tarefa de evangelizar, de proclamar Jesus Cristo e sua mensagem transformadora. Que ela carregada da seiva do mesmo Jesus Cristo e habitada pelo Espírito Santo, anuncie aos homens, sempre mais cheios de ambições, do poder, do prazer, do ter os valores do Evangelho, os valores da Verdade, da Justiça, da Fraternidade e da Paz, vividos tão intensamente pelo seu simpático Padroeiro São Francisco, que reproduziu em profundidade a vida e o estilo de Divino Mestre.

Peçamos por todos os paroquianos da Cruz, da criança ao velho, para que não apenas celebrem a sua fé mas lutem destemidamente por vivê-la em todas as situações, porque a fé verdadeira é acontecimento.

Peçamos ao Redentor um crescimento sempre maior de cada um, na consciência da sua missão de batizado, de apóstolo e na consciência crítica da realidade de uma sociedade que se transforma, ajudando-a a encontrar no Evangelho luzes e respostas para seus problemas sociais, para as suas angústias e esperanças.

Acaraú, 06 de abril de 1983
Mons. José Edson Magalhães"

FESTA DE SÃO FRANCISCO

Desde 1884, isto é, há precisamente 103 anos, vem se realizando, na hoje cidade de Cruz, anualmente, a festa em honra de São Francisco de Assis, e que já se tornou tradicional.

É que o grande Pobrezinho de Assis é Padroeiro da Igreja Matriz daquela cidade e daquela Paróquia. A festividade começa no dia 25 de setembro, com o hasteamento da bandeira, e termina no dia 4 de outubro, com cerimônia solene.

A Festa de São Francisco, na cidade de Cruz, é uma das mais concorridas da Região do Baixo Médio Acaraú.

O PATRIMÔNIO DA MATRIZ

Consoante fomos informados em 1968, quando estivemos coletando informações para um trabalho que então escrevemos, sobre a Paróquia de Acaraú, o patrimônio da hoje Matriz da Paróquia de Cruz, teve início com umas poucas cabeças de gado bovino.

Esse gado teria sido oferecido por Albano José da Silveira, Francisco Bernardino de Albuquerque, e outros cidadãos daquela comunidade. Isto logo depois da inauguração da capela de São Francisco, naquela povoação.

A fazenda se localizava no sítio "Caetetú", sob os cuidados de Antônio Rafael de Vasconcelos.

Nessa mesma época, Luiz José de Farias e o referido Antônio Rafael de Vasconcelos, fizeram doação de cinquenta braças de terra, naquela localidade, para constituir ou para aumentar o patrimônio da capela. Mencionada terra constava de dois documentos, os quais estão registrados no 1º Cartório da Comarca de Acaraú, sob nºs 298 e 333.

Quase toda a área onde se localiza a cidade de Cruz, também pertence ao patrimônio da Matriz. Uma parte desse terreno foi doada, em 1900, por Francisco Bernardino de Albuquerque, e a outra, doada em 1920, pelo capitão Antônio Raimundo de Araújo.

Também a sra. Francisca Romana de Albuquerque, fez doação à Igreja Matriz, de uma casa residencial, cuja escritura está registrada no 1º Cartório desta cidade, sob nº 7.804. Essa casa, convenientemente reformada pelo Mons. Edson Magalhães e Pe. Valdery da Rocha, é a Casa Paroquial, onde reside o Vigário daquela Paróquia.

Em data de 27 dezembro de 1969, o cidadão Miguel Albano da Silveira fez doação à Igreja Matriz da Paróquia de Cruz, de meio equitare de terra, localizado na área central daquela cidade.

Com relação ao gado pertencente à Igreja, que sempre foi pouco, consoante fomos informados, em 1938 os trabalhos de reforma da capela já não podiam continuar, por falta de recursos financeiros. E, além desta dificuldade, algumas dívidas contraidas com aquisição de material, etc., já não comportavam demora para o pagamento.

Em tal conjuntura, Mons. Sabino de Lima teve de autorizar a venda das poucas cabeças que restavam, a fim de efetuar o pagamento dos débitos mais urgentes, e evitar a paralização total da obra já em vias de conclusão.

E foi assim que acabou a fazenda do Patrimônio da capela de São Francisco, do então povoado de Cruz. Isto consoante nos informaram.

OS FABRIQUEIROS

Para administrar os bens da capela, depois Igreja Matriz, (inclusive o gado vendido em 1938), o Vigário de Acaraú nomeava Fabriqueiros, os quais anualmente prestavam contas de suas respectivos administrações.

Relacionamos, a seguir, os nomes dos cidadãos que, desde 1884 até hoje, têm ocupado mencionadas funções:

— Antônio Rafael de Vasconcelos — 1884 a 1908
— Ezequiel Antônio de Vasconcelos — 1909 a 1910
— Inácio Ribeiro Pessoa Filho — 1911 a 1915
— Urbano José da Silveira — 1916 a 1933
— João Damasceno Coelho de Magalhães — 1934 a 1935
— Mons. Sabino de Lima Feijão — 1036 a 1958
— Mons. José Edson Magalhães — 1958 a 1965
— Pe. Manoel Valdery da Rocha — 1965 até hoje

RELIGIÃO PROTESTANTE

As seitas protestantes ou evangélicas chegaram ao hoje município de Cruz, no ano de 1960, com a Igreja Bíblica, instalada no povoado de Paraguai, do distrito de Jericoacoara, no dia 25 de maio daquele mesmo ano.

Foi organizada, naquela povoação, pelo Pastor americano, Roberto Williams. E deu início à sua ação religiosa com o Ministro Larry Lepka, tendo como presbíteros: Francisco de Paula Rufino e José Batista Firme.

Os cultos foram sendo realizados em Salão adquirido, até que, a 31 de agosto de 1975, já com o Pastor Emiliano Ferreira da Costa, aconteceu a inauguração de seu templo, naquela localidade.

Atualmente, a Igreja Bíblica de Paraguai mantém um Salão para cultos, no arraial Córrego do Urubú, e na sua direção está o Pastor Larry Lepka, também de nacionalidade americana.

Na cidade de Cruz, esta mesma seita teve início com o mesmo Pastor Roberto Williams, em 1970, que organizou a Igreja ali.

De princípio os cultos eram efetuados em salas particulares. O templo daquela Igreja foi construido, na cidade de Cruz, em 1974, e inaugurado a 15 de julho do mesmo ano.

Seu atual dirigente é o Pastor José Marseus Capistrano.

No povoado de Poço Doce, naquele município, também foi organizado um núcleo daquela seita, que teve seu ato inaugural em 5 de maio de 1985, e tem na sua direção o Pastor americano, Perry Peplow.

Quanto à seita Pentecostal ou Assembléia de Deus, esta chegou à cidade de Cruz já em 1985. E deu começo à sua ação, realizando cultos em salões particulares.

Entretanto, depois de algum tempo, conseguiu o terreno de que necessitava, e está construindo seu templo, naquela cidade.

Está sendo dirigida pelo Pastor Raimundo Pereira de Sousa.

PARÓQUIA DE GIJOCA

O Pe. Manoel Valdery da Rocha, Vigário da Paróquia de Cruz, dividia seu tempo entre os trabalhos pastorais e o magistério, como Diretor e docente de uma das Faculdades da Universidade do Vale do Acaraú.

Então achava ele que assim não seria possível dar ao seu rebanho a assistência desejada, mesmo porque aquela unidade diocesana cobria uma área de 1.070 Km², com uma população estimada em 30.000 almas.

Em tais condições, Padre Valdery pediu e conseguiu de S. Excia. Dom Valfrido Teixeira Vieira a criação da Paróquia de Santa Luzia, tendo por sede a povoação de Gijoca, cuja Portaria tem o seguinte teor:

"Aos que esta nossa Portaria virem saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sendo dever dos Bispos promover e assegurar o bem espiritual dos fiéis confiados a sua solicitude pastoral, nós, atendendo ao desejo da população residente na área territorial de Gijoca, da Paróquia de São Francisco de Cruz, depois de ouvido, na forma do Cânon 515 § 2, do Código de Direito Canônico, o Parecer do Conselho Presbiteral e dos Reverendos Párocos de Cruz e Bela Cruz, havemos por bem criar, como pela presente Portaria criamos, a Paróquia de Gijoca, desmembrada das Paróquias de São Francisco da Cruz e de Nossa Senhora da Conceição de Bela Cruz, e elevamos à dignidade de Igreja Matriz a atual Capela de Santa Luzia de Gijoca, conferindo-lhe os mesmos direitos, privilégios e prerrogativas das outras Matrizes deste Bispado de Sobral.

Os limites da Paróquia de Santa Luzia de Gijoca são os seguintes:
Ao NORTE: Com o Oceano Atlântico, partindo do travessão que divide as terras de Guriú com as de Lago Grande, nos limites da Paróquia de Camocim, até o travessão que divide as terras de José Júlio Lousada, em Formosa.

Ao SUL: Com a Paróquia de Bela Cruz. Partindo da Fazenda Solidão (de Domingos Muniz), inclusive, seguindo pela estrada que vai à Fazenda São João (inclusive), passando pelas Fazendas de Isaias Malaquias, João Elias, José de Paula, Baixa dos Vieiras e Fazenda Santa Maria, de Doca Rocha.

A LESTE: Com a Paróquia de Cruz. Começando no Oceano Atlântico e seguindo pelo travessão de José Júlio Lousada até a Fazenda Santo Estevão, indo daí até a entrada da estrada Monteiros-Caiçara, no encontro do travessão de João Batista da Richa pelo qual, em direção ao Sul, vai até os limites da Paróquia de Bela Cruz, em Solidão. A OESTE: Com as Paróquias de Granja e Camocim, pelo Rio Inhanduba, com início nas Fazendas São João e seguindo pelo mesmo rio até o Oceano, no travessão que divide as terras de Guriú.

Seja esta nossa portaria lida à Estação da Missa Paroquial, nas Matrizes de Cruz, Bela Cruz e na Capela de Gijoca, transcrita integralmente no respectivo livro do Tombo e arquivada na forma de costume.

Dada e passada nesta cidade de Sobral e Câmara Eclesiástica, sob o nosso sinal e selo de Nossas Armas, aos vinte e um de setembro do ano de mil novecentos e oitenta e sete.

Valfrido Teixeira Vieira
Bispo de Sobral".

A instalação da nova unidade diocesana de Sobral ocorreu no dia 17 de setembro de 1987, em clima de autêntica festa popular e cristã, com a posse de seu Pároco, Pe. José Edmilson Eugênio Nascimento. A importante cerimônia histórico-religiosa compareceu elevado número de fiéis, e contou com a presença dos Vigários das paróquias vizinhas: Pe. Manoel Valdery da Rocha, Pároco de Cruz, Mons. José Edson Magalhães, Paróco de Acaraú, Mons. Odécio Loiola Sampaio, Páraco de Bela Cruz, e Mons. Valdir Lopes, Paróco de Marco.

JUBILEU SACERDOTAL DO PÁROCO DE CRUZ

Ordenado sacerdote no dia 6 de dezembro de 1964, o Padre Manoel Valdery da Rocha, a 6 de dezembro findante, completou 25 anos de sacerdócio. E há mais de 24 anos vem exercendo o munos paroquial na Paróquia de Cruz.

Operoso e culto, comunicativo e amigo, aquele zeloso Operário da Sagrada Vinha integrou-se virtualmente ao rebanho que lhe foi confiado, e vem prestando inestimáveis benefícios a seus paroquianos, não só no setor religioso, mas também, no setor cultural, assistencial, etc.

Daí o interesse e o entusiasmo da comunidade cruzense, pelo maior brilhantismo das comemorações do Jubileu de seu querido Pastor, que, na verdade, marcaram um capítulo especial na história daquela cidade. Ali numerosas casas residenciais foram pintadas. A cidade como que vestiu roupa nova, para festejar o evento notável.

O Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto, inaugurou, naquele dia, a Banda de Música Municipal Padre Valdery, numa homenagem especial da Municipalidade ao grande Páraco.

Entretanto, o ponto culminante das comemorações, foi a missa solene do encerramento, que, coincidentemente, foi concelebrada por 25 sacerdotes, inclusive SS. Excias. Dom Valfrido Teixeira Vieira, Bispo da Diocese de Sobral e Dom Manuel Edmilson da Cruz, Bispo Auxiliar de Fortaleza.

ENSINO E EDUCAÇÃO

MESTRE-ESCOLAS

O eminente escritor Coelho Neto afirmou que "é na escola que um povo se transforma em nação".

E a escola primária é como que o alicerce da cultura popular.

As luzes da instrução chegaram ao hoje município de Cruz, já no último quartel do século dezenove, com o mestre Antônio Rafael de Vasconcelos. Seguiram-se-lhe, nesta meritória cruzada de alfabetização, os mestres João Pereira, em 1908, Francisco Ferreira do Nascimento, em 1910, e Antônio Severo, também em 1910.

No curso dos anos, outros "operários incansáveis da instrução do povo" exerceram o magistério naquela área, como Mestre Macário José de Farias, José Fabião Pereira e outros.

Ainda na primeira metade deste século, lecionaram na então Vila de Cruz, as professoras: Filomena Martins dos Santos, Ana Ferreira da Cruz Nascimento e Geralda Miranda dos Santos, pagas pelo Estado.

A partir de 1924, quando foi instalada a Colônia de Pescadores Z-3, na vila de Jericoacoara, ali foi aberta uma escola primária, onde lecionaram: o professor João Braz e as professoras Ana Martins de Oliveira .Severiano, Leonor Santos Moura e Raimunda Araújo Melo, que dirigiu aquela casa de ensino até o ano de 1956. Atualmente ali ensinam: Lúcia Ilande Melo e Liduina Melo.

Simultaneamente a mestra Adelaide Marques de Sousa, durante alguns anos, exerceu o magistério nas povoações de Caiçara e Lagoa dos Monteiros. Era da classe das Professoras Rurais, do Estado.

ESCOLAS DO ESTADO

No ano de 1950, o então Governador Faustino de Albuquerque e Sousa, mandou construir várias escolas no interior do Estado, as quais deveriam ser ocupadas por professoras se não diplomadas, ao menos com o curso primário completo.

E, em data de 9 de outubro daquele ano, o Prefeito Manoel Duca da Silveira inaugurou, no povoado de Gijoca, uma Escola Típica Rural, que foi o primeiro prédio escolar construído no hoje município de Cruz.

Naquela escola têm exercido a profissão, sucessivamente, as professoras: Maria de Jesus Barbosa, Maria do Livramento Nogueira, Maria Librada dos Santos, Maria Nasaré de Vasconcelos Albuquerque e outras.

No dia 2 de fevereiro de 1951, o Prefeito interino Joaquim Rodrigues de Oliveira Magalhães, procedeu a inauguração da Escola Típica Rural, na então Vila de Cruz.

Estivemos presente ao ato inaugural dessa escola, e o noticiamos no jornal "O Acaraú", em sua edição de 1º de março do mesmo ano.

Naquele estabelecimento de instrução, lecionaram, seguidamente, as professoras: Maria Lindaura Araújo, Tereza Jordele Araújo, Maria Miraci de Farias Muniz e Maria Celeste Cruz. Em outro período deste capítulo, tornaremos a escrever sobre essa Escola.

OUTRAS ESCOLAS

Entrementes fundou-se a Escola Paroquial, no povoado de Paraguai, regida, sucessivamente, pelas professoras Maria Ozana Viana e Maria Celeste Viana, pela Prefeitura Municipal.

Igualmente funcionaram naquela área a Escola Bíblica de Paraguai e a "Escola São Francisco", em Caiçara, onde lecionaram as professoras Edite Magalhães, Vera Lúcia Capistrano e Maria Edite Muniz.

INSTITUTO SÃO FRANCISCO

Com a criação da Paróquia de São Francisco de Cruz, em 1958, e consequentemente a nomeação de seu primeiro Pároco, Pe. José Edson Magalhães o problema da educação naquela próspera vila tomou um novo ritmo.

É que o Pe. Edson Magalhães assumiu suas funções ministeriais ali tendo o ensino da população como uma de suas metas prioritárias.

E não somente isto, mas eles também pretendia dar ao ensino uma nova orientação, de modo que as escolas preenchesem sua finalidade, adotando normas pedagógicas modernas e eficientes, com resultados positivos no aprimoramento do nível cultural e social dos estudantes.

E assim pensando e agindo, logo no dia 4 de março de 1959, inaugurou, em sede própria, o "Instituto São Francisco", ao qual a população cruzense deve uma soma considerável de benefícios, neste setor.

Para dirigir mencionado estabelecimento educacional, foi convidada a zelosa professora Maria de Fátima Rodrigues Brandão, que ali trabalhou, com exemplar dedicação, até o ano de 1966, quando foi substituida, seguidamente, pelas professoras Maria Celeste Cruz e Maria José de Vasconcelos.

Com o Pe. Manoel Valdery da Rocha, que ali assumiu o monus Paroquial a 12 de setembro de 1965, aquele conceituado estabelecimento de instrução continou a prestar à juventude cruzense os benefícios que uma escola bem orientada pode dispensar.

Destarte, em 1971 aquela casa educativa foi elevada à categoria de Ginásio, e passou a denominar-se "Escola Fundamental São Francisco".

Sua primeira Turma de Humanistas recebeu Certificado de conclusão de curso no dia 7 de dezembro de 1974, contando a Turma 24 Concludentes.

E a "Escola Fundamental São Francisco" prossegue em sua jornada gloriosa, difundindo as luzes do Saber entre as novas gerações daquela cidade e daquele município.

No ano em curso, aquele templo educativo conta 399 alunos do 1º Grau e 86 do Curso Pedagógico, que, legalmente autorizado, teve início em 1984, para formação do magistério de 1º Grau.

Na data histórica de 13 de dezembro de 1986, a "Escola Fundamental São Francisco" entregou diplomas de Professor a sua Primeira Turma, composta de 28 Concludentes, fato que representa uma vitória que deve ser registrada com elevado destaque, nos anais daquela cidade.

E tudo isso, graças, antes de tudo, ao empenho do Pe. Manoel Valdery da Rocha, que assim abre uma era nova para a vida cultural daquela unidade cearense.

Tendo como Diretor o próprio Padre Valdery, e como Secretário a Prof. Izabel Romana Muniz, aquele estabelecimento de educação tem, em seu Corpo Docente, as seguintes professoras:

Antônia Roseli Roberto de Oliveira
Edilson Wantas do Nascimento
Francisco Oliveira de Vasconcelos
Maria de Fátima Rodrigues Lima
Maria Lúcia Silveira
Iracema Célia Vasconcelos
Maria da Piedade Portela
Maria de Lourdes Albuquerque
Maria Socorro de Vasconcelos Nascimento
Maria de Lourdes Muniz
Maria de Fátima Vasconcelos
Maria Stela Morais
Maria Socorro de Vasconcelos
Teresinha de Jesus Tomaz

A matrícula do estabelecimento, em 1989, atingiu a cifra de 447 alunos, sendo: 57 no Pré-escolar, 148 de 1ª à 4ª Série 160 de 5ª à 8ªSérie e 82 do 2º Grau.

O estabelecimento, instalado em prédio amplo e provido de todos os requisitos necessários ao seu perfeito funcionamento, possui quadra de esportes, área de lazer, serviço de som, biblioteca, etc. Já neste ano de 1989, o Prefeito

Antônio Raimundo de Araújo Neto melhorou a quadra esportiva daquela casa de ensino, dotando-a de excelente iluminação.

ENSINO ESTADUAL

Voltamos a falar sobre a "Escola de 1º Grau São Francisco" (anteriormente Escola Típica Rural), cujo terreno, medindo 10.000 m², foi doado pelo cruzense Celso Patrício de Farias.

Em 1966, o prédio foi convenientemente melhorado, quando foram construídas mais duas salas de aulas. E, então, ali lecionaram as professoras Maria Stela Pinto, Maria Ivoneide de Vasconcelos, Maria de Lourdes Araújo e Maria Celeste Cruz.

No curso do tempo, essas educadoras foram substituídas naquela casa de instrução popular, que continua a executar seu programa, que é bem servir a crianças e jovens daquela cidade.

Atualmente a "Escola de 1º Grau São Francisco" tem na sua direção e no seu Corpo Docente as seguintes professoras:

Diretora — Izabel Narcisa Muniz
Vice-Diretora — Maria de Lourdes Muniz

Docentes:

Ana Olívia da Silva Ribeiro
Maria Elení de Vasconcelos
Maria de Fátima Nascimento Silveira
Marlúcia Ivoneide Nascimento Vasconcelos
Maria Alice do Nascimento
Maria do Socorro Muniz
Maria de Lourdes Albuquerque
Maria Lúcia da Silveira
Maria Silene do Nascimento
Maria Solange de Sousa

Presentemente o estabelecimento conta 430 alunos matriculados.

★ ★
★

O prédio escolar estadual construído em 1950, no povoado de Gijoca, atualmente está ocupado por uma escola regida pelo Professor José Osmar Fonteles, formado pela UVA.

ENSINO MUNICIPAL

O ensino municipal no município de Cruz, começou em 1951, naquela cidade, com as professoras Maria Lindaura Araújo e Maria Mirací de Farias Muniz. E no povoado de Paraguai, com as professoras Maria Ozana e Maria Celeste Viana. Todas nomeadas pelo Prefeito Manoel Duca da Silveira.

Com o defluir dos anos, o número de mestres municipais foi aumentando, mesmo porque todos os Prefeitos de Acaraú dedicaram atenção especial ao problema da instrução do povo, procurando, nas possibilidades do erário, instalar escolas em todos os povoados do município.

Entretanto, com a emancipação daquele distrito, como era natural que acontecesse, o Prefeito João Muniz Sobrinho vem dando ênfase a esta importante questão, de acordo com o justo almejo das populações.

É assim, que, a 27 de outubro de 1986, foi aprovada a criação do Departamento Municipal de Educação e Cultura, que foi instalado à Rua Bernardino Farias, 405 e está aparelhado de modo a bem servir aos professores, seja promovendo cursos de qualificação para as mestras, seja com distribuição de material didático aos alunos e de acompanhamento pedagógico através do serviço de supervisão escolar, tanto na sede municipal, como na zona rural.

A direção do órgão está confiada à professora Maria Alice do Nascimento e tem como Supervisoras: Maria Lucilene da Costa, Maria do Socorro Vasconcelos e Maria Jossileudá de Sousa. Como Técnica: Maria de Fátima Vasconcelos; como Chefe do SIEM (Serviço de Informação e Estatística do Município) Luciene Aila da Costa; e como Auxiliares: Maria Cleonice de Sousa e Maria do Socorro Dias da Cruz e Silva.

A Prefeitura mantém atualmente 53 escolas, sendo 5 na sede municipal, com 1804 alunos, e 48 na zona rural, com 3.462 alunos. Total: 5.266.

No que se relaciona com prédios escolares, conta o município com 33 prédios, sendo um particular, dois do Estado e 30 municipais.

Os mencionados prédios municipais estão distribuídos nas seguintes localidades: Caiçara, 1 sendo pelo Prefeito Francisco Adenor Martins, em 1969 — Lagoa Salgada, 1 pelo Prefeito João Jaime Ferreira Gomes, em 1973 — Baixio, 1, em 1981, pelo Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto — Córrego da Forquilha 2, em 1982, pelo mesmo Prefeito — Córrego do Urubu, 1, em 1970, pelo Prefeito Francisco Adenor Martins — Vila de Jericoacoara, 1, em 1978, pelo Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto — Paraguai, 1, em 1981, pelo mesmo Prefeito — Monteiros, 1, em 1982, pelo mesmo Prefeito — Cajueirinho, 1, em 1984, pelo Prefeito João Jaime Ferreira

Gomes Filho. E nas localidades de Poço Doce, Córrego das Panelas, Preá, Lagoa Velha, Aroeira, Solidão, Mangue Seco, ampliação em Lagoa Salgada e conclusão do CERU e escola de Cajueirinho, foram construídos já em 1986, pelo Prefeito João Muniz Sobrinho; Canafístula, Belém, Lagoa dos Caboclos, Tucuns, Mangue Seco, Sede, Pitombeiras, Gijoca, foram construídos em 1987 e nas localidades de Gijoca dos Lulas, Cedro e Poço Doce, já em 1989, pelo Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto. Neste ano de 1989, o Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto construiu prédios escolares em: Lagoa do Monteiro, Cedro, Gijoca e Poço. E ampliou a Escola de Porteiras e restaurou a Escola João Ladislau de Paula Magahães, em Caiçara.

MOBRAL

Quando funcionava o Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRAL — existiam no território hoje ocupado pelo Município de Cruz, 17 Postos, distribuídos nas seguintes localidades: Aningas, Aoeira, Brasília, Belém, Cruz, Cajueirinho, Caiçara, Formosa, Gijoca, Lagoa de Baixo, Lagoa dos Caboclos, Lagoa do Jacinto, Lagoa do Monteiro, Lagoa Velha, Paraguai e Zacarias.

Atualmente, com o Programa de Educação Básica — PEB — é de crer que as autoridades daquele município consigam um número de Postos suficiente para atender à necessidade que se registra neste importante setor da instrução popular.

CURSO DE DATILOGRAFIA

A 19 de novembro de 1973, a professora Maria do Socorro Dias instalou na hoje cidade de Cruz, um Curso de Datilografia, providência que veio atender aos desejos da juventude cruzense. Tanto assim que, quatro meses depois, isto é, a 20 de fevereiro de 1974, receberam o Certificado de término de curso nada menos de 76 Concludentes.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

A 14 de janeiro de 1987, fazendo parte das inaugurações do 1º ano da administração do Prefeito Jonas Muniz, foi instalada, com muitas festividades, a Biblioteca Pública Municipal Dra. Maria Inês de Farias. O prédio da biblioteca e suas instalações honram a administração pública municipal, não só pela qualidade de sua construção, como também pelo acervo de volumes didáticos ali colocados à disposição dos seus frequentadores. A solenidade de instalação da biblioteca contou com as presenças ilustres do deputado Lúcio

Alcântara, monsenhor Valdir Lopes da Costa, de Marco, Professora Maria Minerva Sanford, representante da Universidade Estadual Vale do Acaraú, além de alguns prefeitos da região e outras personalidades que exaltaram a obra construída como um marco significativo para a cultura do povo cruzense.

FILHOS ILUSTRES DO MUNICIPIO DE CRUZ

Num testemunho de sincera homenagem, registramos aqui uma relação nominal de filhos e filhas do Município de Cruz, que, fosse em cursos superiores, fosse em cursos técnicos, fosse em cursos do 2º Grau, conseguiram um diploma que representa o troféu de sua vitória no campo luminoso da Cultura, e encerra uma glória para sua terra.

— Ângela Maria Muniz Alexandre, cursa Letras na UFC
— Aurea Stela do Nascimento, formada em Ciências Religiosas, leciona em Cruz
— Elena Maria do Nascimento, fez o Pedagógico
— Francisco Milton Araújo Vasconcelos, formado em Veterinária, trabalha em Belém-Pará
— Francisco Oliveira do Nascimento, formado em Ciências, na UVA
— Francisco de Assis Vasconcelos, formado em Ciências, na UVA
— Francisca Maria da Silveira, fez Pedagogia
— Francisco Benedito Costa, Técnico em Contabilidade, trabalha na Prefeitura de Cruz
— Francisca Farias Muniz, fez Pedagogia e leciona em Itarema
— Fabíola Régia de Freitas, formada pela Faculdade de Educação da UVA
— Geraldo Morais do Nascimento, formado em Direito, trabalha no INCRA, em Fortaleza
— Ioneide Araújo Vasconcelos, formada em medicina, trabalha em Fortaleza
— Izabel Moura Muniz, fez o Pedagógico e cursa Estudos Sociais na UVA
— Izabel Muniz de Vasconcelos, fez o Pedagógico e trabalha em Fortaleza
— Geraldo Humberto da Silveira, cursa Ciências, na UVA
— Iracema Célia Vasconcelos, fez o Pedagógico
— Izabel Romana Muniz Freitas, fez o Pedagógico
— Ione Farias Muniz, formada em Ciências pela UVA
— Izabel Narcisa Muniz, formada em Estudos Sociais, pela UVA
— José Ivã de Vasconcelos, Técnico em Contabilidade, trabalha na Agência do Banco do Brasil, em Acaraú
— José Aristeu de Sousa, formado em Direito, trabalha em São Paulo

— José Arteiro Vasconcelos, diplomado em Tecnologia, leciona em Fortaeza
— João Bosco Araújo Vasconcelos, formado em Veterinária, trabalha em Belém-Pará
— Afonso Edvaldo Sousa, formado em Economia, trabalha em São Paulo
— João Batista Cruz Nascimento, formado em Direito, trabalha em Fortaleza
— José Eliésio Vasconcelos, formado em Administração de Empresa, trabalha em Fortaleza
— José Moura Farias, formado em Direito, trabalha na Polícia Civil, em São Paulo
— José Ésio Vasconcelos, cursa a Faculdade de Ciências Contábeis, em Fortaleza
— João Altevir de Freitas Júnior, cursa Biblioteconomia, na UNIFOR
— José Osmar Fonteles, formado em Estudos Sociais, leciona em Gijoca
— José Evandro Silveira, fez Letras na UVA
— Lúcia Maria de Vasconcelos, cursa a Faculdade de Direito da UFC
— Luzia Muniz de Freitas, formada em Contabilidade, trabalha em Fortaleza
— Lúcia Muniz da Silveira Figueira, cursa Ciências Contábeis, na UNIFOR
— Maria Leonete Brandão, formada em Estudos Sociais, leciona em Acaraú
— Maria Estrela Sousa, fez o Pedagógico, trabalha em Fortaleza
— Maria Cacilda de Sousa, formada em Assistência Social, trabalha em São Paulo
— Maria José de Vasconcelos, formada em Pedagogia, trabalha em Fortaleza
— Maria Eulina de Freitas, Técnica em Administração, trabalha em Fortaleza
— Maria Nazaré Sousa, formada em Estudos Sociais, leciona no Colégio N.S. das Graças, em Fortaleza
— Maria Édna Muniz, cursa a Faculdade de Letras, na UVA
— Mariana Fonteles Araújo, formada em Filosofia, trabalha em Acaraú
— Manoel Edmilson da Cruz Nascimento, formado em Economia, em Paris, trabalha no Rio de Janeiro
— Maria Iolanda de Araújo Vasconcelos, formada em Direito, exerce o cargo de Delegada da Polícia Federal, em Belém-Pará
— Maria Gorete Lima, fez o Pedagógico e trabalha na SUDEP, em Acaraú

— Maria Gorete da Rocha Araújo, formada em Ciências Religiosas, é Encarregada do Posto da Teleceará, na cidade de Cruz
— Manoel Silveira Vasconcelos, Técnico em Contabilidade, trabalha em S. Paulo
— Ir. Maria Vilani de Sousa, fez o Pedagógico e leciona no Colégio N. S. das Dores, em Bezerros, Pernambuco
— Maria Araújo Vasconcelos Farias, fez o Pedagógico e leciona em Acaraú
— Maria Gislane Sousa, fez o Científico e trabalha em Fortaleza
— Maria Jossileuda Sousa, fez o Pedagógico e leciona na cidade de Cruz
— Maria Inês Farias, formada em Ciências Contábeis,
— Maria Edileusa Muniz, formada em Ciências, é Secretaria da Câmara Municipal de Cruz
— Maria Ângela Silveira, fez o Pedagógico
— Maria Lúcia da Silveira, formada em Estudos Sociais, leciona no Colégio da cidade de Cruz
— Maria Eleni de Vasconcelos, formada em Estudos Sociais, leciona na Escola de 1º Grau, São Francisco
— Maria de Jesus Mota, fez o Pedagógico
— Maria Aparecida Silva, fez o Pedagógico e leciona em Cruz
— Matilde Maria Muniz, fez o Pedagógico e leciona em Cruz
— Maria José de Vasconcelos Studart, fez o Pedagógico
— Maria Roseni Muniz, cursa Ciências Religiosa no Istepe (UVA)
— Maria Edilene Costa, fez o Pedagógico e trabalha na Prefeitura de Cruz
— Maria Cleide Costa, fez o Científico e trabalha em Fortaleza
— Maria Socorro de Vasconcelos Nacimento, formada em Estudos Sociais, leciona na escola estadual de Cruz
— Maria do Socorro Muniz, formada em Estudos Sociais, leciona na Escola Estadual da cidade de Cruz
— Maria de Lourdes Vasconcelos, fez o Pedagógico
— Maria de Lourdes Albuquerque, formada em Estudos Sociais
— Maria Silene do Nascimento, fez Ciências, na UVA
— Marlucie Irineide do Nascimento Vasconcelos, fez o Pedagógico
— Maria do Socorro Vasconcelos, fez o Pedagógico
— Maria Alice do Nascimento, formada em Orientação Educacional, chefia o Departamento de Educação e Cultura, da cidade de Cruz
— Maria Solange Sousa, fez o Pedagógico
— Maria Edilene Farias, fez o Pedagógico
— Maria Edna Silveira, fez o Pedagógico e leciona em Cruz

— Maria Elisabete Albuquerque, formada em Ciências Contábeis, trabalha em São Paulo
— Maria de Lourdes Vasconcelos, formada em Pedagogia, reside em Fortaleza
— Maria Neuma Muniz, formada em Estudos Sociais, trabalha em Fortaleza
— Inez Muniz de Vasconcelos Brito, formada em Letras, leciona em Fortaleza
— Maria Josilene Costa, fez o Pedagógico e trabalha na Prefeitura de Cruz
— Maria Edilene Silveira, fez o Curso Científico
— Manoel Antônio Vasconcelos, fez o Científico e trabalha no Rio de Janeiro
— Maria Luciene Costa, fez o Pedagógico e trabalha na Prefeitura de Cruz
— Maria Eliene Vasconcelos, fez o Pedagógico
— Maria Salete Silveira, fez o Pedagógico
— Maria Joicilene de Sousa, fez o Pedagógico
— Maria de Fátima Vasconcelos, formada em Estudos Sociais, na UVA
— Maria Lúcia dos Santos, formada em Ciências Religiosas
— Maria Lucídia Muniz, fez o Pedagógico
— Maria Sílvia Helena Vasconcelos, fez Pedagogia
— Maria Lucilene Silveira, fez o Pedagógico
— Maria Sílvia Farias, fez o Curso Pedagógico
— Maria Socorro de Vasconcelos, fez o Curso Pedagógico
— Maria Irene Vasconcelos, fez o Curso Científico e trabalha no Rio de Janeiro
— Maria Stela Moreira, fez o Curso Pedagógico
— Maria Celeste Cruz, formada em Ciências Religiosas, na UVA
— Maria de Fátima do Nascimento Silveira, formada em Ciências, na UVA
— Maria Selma Silveira, cursa a Faculdade de Letras, na UVA
— Manoel Antônio do Nascimento, formado em Economia, trabalha no Banco do Nordeste, em Fortaleza
— Maria Áurea de Vasconcelos, fez o Pedagógico e trabalha no Rio de Janeiro
— Maria da Conceição Nascimento, formada em Ciências Religiosas, leciona em Monteiros
— Rosália Alda de Freitas, fez o Curso Pedagógico
— Renato Araújo Vasconcelos, formado em Agronomia, trabalha em Manaus-Amazonas
— Rosália Muniz de Freitas, diplomada em Pedagogia, trabalha em Fortaleza
— Rogério Henrique Nascimento, curso Engenharia Civil, em Fortaleza

— Rita Silveira Vasconcelos, fez o Pedagógico e mora em Fortaleza
— Otacílio Marques de Freitas, nascido em Jenipapeiro, é poeta e um dos colaboradores da seleção "Escritores Brasileiros" da Crisalis Editora
— Rita de Cássia Silveira, formada em Estudos Sociais, na UVA, leciona em Fortaleza
— Socorro de Fátima Marques, formada em Ciências Religiosas no ISTEP
— Socorro Aila Costa, diplomada em Química na Escola Técnica Federal de Fortaleza, trabalha em Natal-RN
— Sílvia Moura Muniz, fez o Curso Pedagógico
— Vânia Maria Moura, fez o Curso Pedagógico, no Colégio da Cidade de Cruz
— Joaquim Moacir Vasconcelos, formado em Administração de Empresa, trabalha na Prefeitura de São Paulo
— Ester Neves Bastos, fez o Pedagógico e trabalha no FUNRURAL, em Acaraú
— Antônio Tomaz de Albuquerque, bacharel em direito, major da Polícia Militar de Goiânia

CIDADÃOS CRUZENSES POR TITULO

Por leis da Câmara Municipal são hoje cidadãos cruzenses por título honoríficos:

Pe. Manuel Valdery da Rocha
Afonso Henrique Fontes Neto (in memorian)
Domingos de Hollanda Fontes
Mons. José Edson Magalhães
Dr. Francisco Odeon Silva
Manoel Nicodemos Araújo
Dr. Edjanir Garcia da Silva

ASPECTO SOCIAL E CULTURAL

SANFONAS — RADIOLAS — CONJUNTOS

A vida social da hoje cidade de Cruz, começou com os bailes realizados em residências familiares, animados por velhas sanfonas de oito baixos.

Assim mesmo, os jovens de então encontravam, nessas danças, uma atração irresistível, que seus protagonistas ainda hoje recordam, com saudades.

Com o perpassar do tempo, vieram as vitrolas, as radiolas, e, com elas, as inesquecíveis tertúlias.

E a velha sanfona de oito baixos foi relegada a um plano secundário, e, finalmente, "partiu para não mais voltar".

Atualmente são as **Discoteques**, com os forrós movimentados do **Rock**, que empolgam e fazem vibrar a juventude, dançando, solta. E os conjuntos musicais, com suas enormes caixas de som, ensurdecendo a gente, com música viva e letras picantes.

Com atinência aos clubes sociais naquela simpática cidade, temos conhecimento de que a 31 de dezembro de 1970, o hoje Prefeito João Muniz Sobrinho, inaugurou o Copacabana Clube. Tinha uma sede um tanto original, porque coberta de palhas de carnaúba; mas, porisso mesmo, teve boa afluência de jovens.

Entretanto, não sabemos por qual ou quais motivos, o fato é que o nosso "Copacabana Clube" durou poucos anos.

Veio, depois, o "Scambal Clube", que também durou muito pouco.

Nos dias atuais, a cidade de Cruz conta, neste setor social, com o "Senadin Clube", e Danceteria Jovem Som onde acontece um forró duas vezes por semana.

Ocorre que a cidade de Cruz, já pela sua fisionomia urbana, já pelas condições de sua esfera familiar e social, está necessitando de uma agremiação legalmente constituida e organizada, com diretoria eleita e regimento estatutário, capaz, portanto, de bem orientar e conceituar a sociedade cruzense.

Precisa, sim, de uma entidade social com sede própria condigna e condizente com a situação econômica dos sócios e com as exigências de gente citadina de bom gosto, capaz, portanto, de representar a cidade.

FESTA DO ALGODÃO

A cidade de Cruz tem, também, sua festa tradicional. É a Festa do Algodão, que ali se realiza todos os anos, com crescente afluência de pessoas, não somente daquela área, mas também de municípios vizinhos, e até de Fortaleza. A eleição da Rainha do Algodão, é o ponto alto da festa, que

representa uma homenagem aos algodoais que são cultivados às margens do Rio Acaraú, e que constituem uma das riquezas que sustentam o edifício econômico do município.

CULTURA-BIBLIOTECA

Os esforços empregados pelo Mons. José Edson Magalhães e pelo Pe. Manoel Valdery da Rocha, no sentido de que, no setor educacional, o povo cruzense viesse a situar-se entre os mais adiantados desta Região, estão conseguindo um resultado animador.

Tenha-se em vista, como corroboração de nossa assertiva, o número de jovens ali nascidos, hoje diplomados em cursos superiores e em segundo grau.

Impõe-se, pois, que ali seja formada uma associação cultural, capaz de testemunhar a inteligência e o grau de conhecimentos intelectuais da juventude, e incentivá-la para o cultivo das letras e das ciências.

O Prefeito João Muniz Sobrinho construiu um bonito prédio, instalando ali "Biblioteca Pública Municipal Dra. Maria Inez de Farias".

Oportuna e louvável essa iniciativa, que vem ao encontro de uma ponderável carência da mocidade estudiosa daquela urbe, especialmente da classe estudantil.

RÁDIO E TELEVISÃO

Em nosso trabalho de pesquisas, tivemos conhecimento de que o primeiro aparelho de rádio adquirido para a então vila de Cruz, o foi pelo comerciante Urbano José da Silveira, aí pelo ano de 1932.

Quanto à televisão, o primeiro televisor público da cidade de Cruz, foi instalado a 28 de setembro de 1968, pelo então Prefeito Francisco Adenor Martins.

E em data de 10 de agosto de 1974, o Prefeito Pe. Aristides Andrade Sales inaugurou outro televisor público, naquela cidade.

Há ali, também, a Amplificadora Paroquial e o serviço de som "A Voz do Município", que a par das notícias, oferecem, igualmente, programas que interessam à cultura. Aliás, a primeira Amplificadora Paroquial de Cruz, foi instalada, pelo Pe. Edson Magalhães, a 24 de setembro de 1963.

ATRAÇÕES TURISTICAS

O município de Cruz possui, talvez, o mais atraente e mais procurado pelo turístico do Estado do Ceará.

Trata-se da praia de Jericoacoara, com seu serrote de 100 metros de altura, sua enseada histórica e sua riqueza ecológica.

A partir de 1983, quando teve início a notável campanha visando a transformação daquela praia famosa em Área de Preservação Ambiental, a afluência de turistas vem aumentando consideravelmente.

E essas pessoas ali vão não só em viagens de recreio e curiosidade, mas também com objetivos científicos, para estudar aquela maravilha da natureza, em suas fascinantes peculiaridades.

E sucede que os turistas que ali vão, não são unicamente do Ceará e do Brasil. Eles vêm de outras terras. Vêm de nações do continente americano, tais como: Uruguai, Argentina, Colômbia, Paraguai, Equador, e outros: México, Nicarágua, Estados Unidos, etc. Vêm da velha Europa: Alemanha, Portugal, Itália, Espanha, França, Inglaterra, e outros. E até de terras mais distantes: Israel, Irlanda, Arábia Saudita, Japão, e outros. São dezenas, são centenas.

A praia de Jericoacoara é tão importante neste setor, que, segundo lemos na imprensa de Fortaleza, até filme deve estar sendo rodado ali, para exibição não só no Brasil, mas no estrangeiro.

Outra atração turística daquele município ribeirinho, é a Lagoa da Gijoca, considerada a segunda do Ceará, em extensão e volume hidrográfico.

A lagoa, que mede quase dez léguas de circunferência, constitui um manacial, não somente porque nunca secou, como também, pela sua piscosidade e pela fertilidade de seus terrenos marginais, que se adaptam a numerosas culturas.

Há, igualmente, o Serrote do Cajueirinho, a Praia do Preá, e outros pontos dignos de serem visitados, pelas suas características.

FOLCLORE

O Folclore também apresenta alguns valores, naquela unidade cearense. Entre eles sobressai o Reisado ou Bumba-Meu-Boi, que ali, como aqui, é apresentado no período de Dia de Reis até Quarta Feira de Cinzas.

É uma dança popular muito apreciada, não só nos arraias, como também em muitas cidades.

Em regra geral, o grupo apresentador é formado de: **Velho**, **Velha**, 4 ou 5 **Mascarados**, e as figuras ou **Bichos**.

A porta da casa onde vai ser exibido o Reisado é fechada. E a função começa com o canto de:

Ô de casa. Ô de fora.
Manjerona, quem está aí?
Foi o cravo que chegou,
E a rosa não quer sair.

Então, o **Capitão** (que é o dono da casa) abre a porta. E as danças começam com um sapateado, pelos mais peritos, mesmo na sala. A seguir, o folguedo é transferido para o terreiro, onde as figuras são apresentadas. Está claro que não falta "a danada da cachaça".

A exibição dos **Bichos** teb início com o Boi, que entra ameaçando a meninada curiosa e alegre. E os **Mascarados** cantam versos como estes:

Ó meu boi bonito,
Meu boi do sertão,
Faz logo uma vênia
Pro meu Capitão

Ô meu boi famoso
Que veio da lagoa,
Também uma vênia
Para a Capitôa

A Capitôa é a esposa do dono da casa, e as vênias são feitas A dança prossegue... Matam o boi. Então os **vaqueiros** cantam:

Te levanta, boi,
Bem devagarim,
Que o dono da casa
Vai te dar capim

Capim, no caso, é uma boa lambada de aguardente, que faz ressuscitar o boi dançador.

Ato contínuo, vem a **Burra**, cuja cabeça é feita de madeira, com garupa de cipó. E os **Mascarados** cantam:

Minha burra, minha burra
Da serena madrugada,
Bota a sela, acocha a cilha,
Vamos ver a namorada

Refrão: Ô lê-lê, ô lê-lê,
Vamos vem como há de ser
Dança na ponta do pé,
Calcanhá o chão não ver

A figura seguinte é o **Bode**, cuja armação, como a do boi, é feita de cipó grosso e coberto de pano; uma caveira de caprino servindo de cabeça. E não faltam versos:

Lá em casa tem um pau
Que se chama mussambê.
Tudo o que a cabra come
O meu bode quer comer.
Meu bodinho cheirosinho,
Dá um passo pra se ver.

Segue-se a **Ema**, confeccionada de cipó e vestida de folhas secas de bananeira. Também para essa ave não faltam versos:

Olha o passo da Ema
Peneruê
Ela salta, ela pula,
Ela faz balancê

Finalmente, a última figura a apresentar-se é o **Bicho Caçador** ou Cavalo Marinho, que tem cabeça de equino, feita de madeira e um rabo bem longo, coberto de tucum. Também para ele são cantados versos, tais como estes:

Tomo, tomo, meu cavalo,
Tomo, tomo, devagá,
Vamo vê se nóis alcança
A cidade do Paraná

Cumpade, atira no bicho,
Meu cumpade caçadô
O bicho morreu de bicho,
Meu cumpade caçadô

Como dissemos, entre as danças populares desta Região, o **Reisado** é a mais interessante, pela variedade das figuras que apresenta.

No município de Cruz existem diversos grupos promotores deste folguedo: Há o **Reisado** do Antônio Braga, na Lagoa Salgada, dos Anas, na Caiçara, do Xico Ribeiro, em Paraguai, dos Pereiras, na Lagoa dos Monteiros, e outros.

CANTADORES

Depois do Reisado, os violeiros ou cantadores promovem uma das apreciadas diversões populares, seja nos povoados ou em residências isoladas, seja nas cidades, onde eles estão penetrando através do rádio. São eles, "os mágicos da viola", que fazem a Literatura de Cordel.

Nos romances, nas louvações, no mote, no martelo agalopado, nos versos em quadrão, na sextilha, etc., esses menestréis são justamente aplaudidos, sobretudo, pela agilidade da imaginação com que constroem seus repentes, especialmente nos desafios.

Antônio Gonçalves da Silva — Patativa do Assaré — é o representante legal da classe. E já são numerosos os escritores que vêm estudando e enaltecendo a Literatura de Cordel, que o próprio Governo vem procurando proteger e estimular, para alegria do povo.

Com o advento do rádio e da televisão as diversões folclóricas tiveram sua cotação um pouco rebaixada, pelas atrações desses modernos veículos de comunicação que, paralelamente, oferecem programas para todos os gostos.

Todavia, tal fato veio facilitar a exibição dos cantadores. É que eles vão às emissoras de rádio e de TV, e se fazem ouvir, obtendo um bom volume de audiência.

Entre os cantadores do município de Cruz, é de justiça destacar os nomes de: José Fabião Filho, Alfredo Muniz e Antônio Martins.

VIDA ESPORTIVA

FUTEBOL

Tal como acontece em todos os povoados do Estado do Ceará e do Brasil, a vida esportiva da hoje cidade de Cruz teve começo com as **peladas**, que eram efetuadas em terrenos baldios, ou mesmo em praças e ruas.

Aí pelo ano de 1960, alguns jovens da localidade, chefiados por Valcí Costa e Raimundo Mendes da Silveira, conseguiram um terreno de propriedade do sr. José Teixeira de Vasconcelos, e construiram, naquela cidade, o primeiro campo de Futebol.

A modesta praça de esporte, foi denominada de "Estádio Padre José Edson", em homenagem ao então Vigário daquela Paróquia, que é um grande amigo da juventude.

Então o futebol cruzense saiu das **peladas** e tomou um impulso digno de registro.

Não obstante o entusiasmo do início, como sempre sucede aos esportes no interior, alguns anos depois a turma começou a arrefecer, até entrar em estagnação.

Sete anos depois, isto é, em 1970, nova turma de **atletas**, então dirigida pelo desportista José Arteiro do Nascimento (Buréta), adquiriu um terreno mais amplo, doado pelo comerciante Osmundo Lopes da Rocha.

Construido o novo campo, este ficou sendo chamado de "Estádio Osmundo Lopes".

A partir de então, foi organizado o "Cruzeiro Futebol Clube", o qual teve vida ativa durante 10 anos, apoiado sempre por numerosos torcedores e admirado pela juventude cruzense.

É que, apesar de ser constituido de alementos amadores daquela cidade, o esquadrão de "Cruzeiro", desde suas primeiras apresentações em campo, tem tido atuação destacada, na vida esportiva, disputando torneios, nesta Região.

Em 1972 esse time conquistou o 1º lugar em um campeonato em que tomaram parte alguns quadros de bons atletas, entre os quais, o "Vasco" e o "Botafogo", também da cidade de Cruz.

E no campeonato intermunicipal que se realizou em 1976, para a conquista da "Taça Independência", o nosso "Cruzeiro" aguentou a barra e acabou arrebatando o ambicionado troféu, com uma apresentação que empolgou a torcida.

Presentemente, entretanto, como não podia deixar de ocorrer, o ardoroso "Cruzeiro Futebol Clube" entrou em **recesso.**

FUTEBOL DE SALÃO

Com as **férias** do futebol de campo, foi organizado na cidade de Cruz, o Futebol de Salão, com dois times, que vêm exibindo partidas mais ou menos apreciáveis.

E não somente naquela cidade, mas nas cidades de Acaraú, Bela Cruz, Marco, etc., os atletas cruzenses têm conquistado a simpatia do público aficionado desta modalidade esportiva.

Na "Escola Funtamental São Francisco", que possui uma boa quadra deste esporte, também se formaram dois quadros, entre os alunos e alunas, e, ao que nos consta, reina ali grande entusiasmo, prometendo apresentações de bom nível.

GENTE DE LAGOA SALGADA

Achamos interessante encerrar o presente capítulo escrevendo alguma cousa sobre o povo de Lagoa Salgada — uma povoação vizinha à cidade de Cruz.

E assim fazemos, porque Lagoa Salgada é berço de uma gente espirituosa e inteligente.

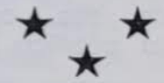
Ali, a ironia, os ditos chistosos, as pilhérias e os apelidos adequados, são testemunhos da acuidade intelectiva daquele povo modesto e pobre, mas inteligente e trabalhador.

Naquela comunidade realça o artesanato. Ali se confecciona redes de dormir, varandas, bordados, renda-de-bilro, labirinto, sacos, bolsas, abanos e vassouras de palha de carnaúba, cordas, esteiras e espanadores de tucum, etc., etc.

E, como um caso excepcional, nas duas últimas eleições saíram eleitos daquela localidade três Vereadores irmãos, que muito pouco gastaram, porque muito pouco possuiam: Francisco das Chagas Vasconcelos, Maria Nilza de Vasconcelos e Francisco Teixeira de Vasconcelos.

De Lagoa Salgada saiu para a capital de São Paulo, onde vive, com alguns filhos já formados em cursos superiores, nosso compadre José Fabião Filho, poeta de rara inteligência, com várias poesias publicadas na imprensa local.

João Fabião de Sousa, irmão de José Fabião, e também nosso compadre, é dono de uma calva que lhe atinge a cabeça quase toda, mas está feliz, porque diz ele que "é dos carecas que elas gostam mais". Certa vez, compadre João Fabião assistia aqui a procissão de Nossa Senhora, e viu o sr. Américo Rocha dirigindo as filas e fazendo gestos, para indicar o itinerário do cortejo. E ele então perguntou: "Compadre, quem nomeou seu Américo Guardo de Trânsito de procissão?"



O cego Mané Carlos, como lagoassalgadense autêntico, não perdia ocasião de dizer as suas. Aí pela década de 60, Mané Carlos morou alguns anos nesta cidade de Acaraú. Sua casinha ficava ali na Rodagem, de onde ele vinha todas as manhãs, fazer a feira. Vinha sozinho, porque uma longa bengala fazia as vezes **Guia**, e não cobrava nada. Certa vez alguém avisou a Mané Carlos: / "Cuidado, ceguinho! aí na estrada vem um caminhão". E ele: "Era de admirar se fosse uma canoa, mas um caminhão na estrada não tem nada demais".

Outra vez Mané Carlos pediu esmola a um cidadão, e este se desculpou: "Perdoi, que não tenho dinheiro miudo". E ele resolveu de imediato: "Tem nada não; eu recebo grande mesmo".

Morava também na Lagoa Salgada o avicultor Pedro de Alcântara Sousa, que era danado pela Loteria e pelo Jogo-do-Bicho. Todos os sábados, Pedro trazia uma cabaça de ovos para vender. E o apurado era totalmente gasto nos bilhetes da Loteria e nas **poules** do Jogo-do Bicho.

Aqui ele pernoitava em casa do Santos Moura, que lhe dava janta, dormida e café com rosca, no dia seguinte. Apelidaram-no de Pedro dos Ovos. E como dizia ser poeta, recitava um longo **romance**, que afirmava ser de sua autoria. O **romance** descrevia uma história de amor, onde o noivo, pobre como rato de Igreja, raptava a filha de um coronel muito rico e muito poderoso.

Pedro declamava aquilo tudo, em voz pausada e rouquenha, e terminava com esta quadra, que representava sua marca registrada:

"Falta dizer uma cousa,
Mas vou fazer a manobra:
— O nome do autor da obra
É Pedro de Alcântara Sousa"

Tal como registramos em outro trabalho nosso, o poeta José Fabião Filho, em seus dias de lazer, gostava de cantar ao som de sua viola, sozinho ou de parceria com um colega.

Repentista de mão cheia, contudo sua voz não o ajudava, absolutamente.

Certa ocasião, em um desafio com o cantador Zé Batista, que era dono de uma voz invejável, este notando a parte vulnerável do contendor, atirou-lhe esta indireta:

Cantador de peito fraco
não devia aparecer.
Eu não tenho esse defeito.
E até me orgulho em dizer
que um brado deste meu peito
faz a serra estremecer.

Antes que Zé Batista fechasse a boca, veio a resposta de Fabião:

Esta conversa de peito
não tem vantagem nem graça;
mais peito do que você
tem uma porca de raça,
que tem seis de cada lado.
E de porca nunca passa.

★ ★
★

Geralmente, nas chamadas cantorias domiciliares, um tamborete é colocado no meio do salão e sobre o mesmo é posta uma bacia de flandre, onde os ouvintes depositam suas contribuições, que constituem o **salário** do cantador. Tudo muito justo.

Ocorre, porém, que alguns espertalhões conseguem burlar a **vigilância**, saindo à francesa, sem nada deixar na bacia coletora.

Pois bem: certa vez José Fabião cantava em "Lagoa Velha", e, lá pelas 22 horas, um velho de calça no meio da canela, foi saindo de **mansinho**... Fabião, vendo-se **lesado**, atirou-lhe esta sextilha:

"Meu velho, essa sua calça
foi cortada sem medida;
é comprida pra ser curta
e é curta pra ser comprida.
Quem veste uma calça dessas
não tem mais gosto na vida.

★ ★
★

Outro registro sobre Gente de Lagoa Salgada: — A sra. Maria Santa de Vasconcelos, esposa do agricultor José Abraão Mendes, residentes naquela povoação, dentro de 10 meses deu à luz 4 crianças do sexo masculino, que cresceram sadias e fortes. O primeiro parto ocorreu a 28 de março de 1948, e o segundo a 2 de fevereiro de 1949. Noticiamos a ocorrência no jornal O ACARAÚ, de 15 de fevereiro de 1949, acrescentando: "Fatos desta natureza constituem admiráveis atestados de fertilidade humana e grande vantagem, nestes bons tempos do "ABONO FAMILIAR".

★ ★
★

Ao tempo em que o Padre Antônio Tomás era Pároco de Acaraú, e então Príncipe dos Poetas Cearenses, dois jovens residentes em Lagoa Salgada, receberam-se em matrimônio, na então capela de Cruz.

Sobre o que ocorreu durante a cerimônia do "Conjugo-vobis" o saudoso Padre Antônio Tomás escreveu o primoroso soneto que a seguir transcrevemos:

Há na capela grande ajuntamento
De povo, que se aperta curioso,
Para ver celebrar-se o casamento
Do Xisto e da Teresa — um par vistoso.

Eu que venho assistir ao sacramento
E abençoar o grupo venturoso,
Começo a forma... O seu consentimento
Externa logo o noivo jubiloso.

Mas a pobre menina envergonhada
Não se atreve a falar; de novo insisto,
E mesmo assim conserva-se calada.

Então, por detrás dela, a mãe do Xisto
Diz-lhe, com rude voz esganiçada:
— Fala, muié, responde logo isto!

★ ★
★

Um velhote de Lagoa Salgada, cujo nome é segredo, teve sua **cara metade** atacada por um bruto reumatismo, que não a deixava se locomover.

O velho, já cansado daquela luta de levantar a esposa, há 6 meses, desabafou para um amigo:

— "Sabe, compadre. Seu eu achar quem queira tratar desta velha, de metade, eu faço o negócio".

SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL

SUBPOSTO DE SAÚDE

Coube ao Governador Virgílio Távora, atendendo ao então deputado Manoel Gomes Sales, a primeira providência, no sentido de que a hoje cidade de Cruz tivesse um estabelecimento de saúde pública.

Assim é, que, pela Lei nº 6.947, de 19 de janeiro de 1963, foi criado o Posto de Saúde de Cruz, a ser instalado naquela vila.

E pela mesma lei, em seu artigo 2º, abriu-se o crédito de um milhão de cruzeiros antigos, para ocorrer as despesas com a construção do prédio-sede daquela unidade sanitária.

Infelizmente, porém, esse diploma legal deixou de ser cumprido, e o assunto voltou à estaca zero, até que, em 1967, foi aberto um Subposto de Saúde, naquela cidade.

Por ato de 9 de novembro de 1968, o dr. Francisco Odeon Silva, então Chefe do Posto de Saúde de Acaraú, foi designado para dar assistência médica àquele Supbosto, uma vez por semana.

Aconteceu, no entanto, que o estabelecimento não recebeu medicamentos, e, em consequência, as visitas médicas foram suspensas.

Em data de 13 de abril de 1969, o Prefeito Francisco Adenor Martins, juntamente com o dr. Germano Malman Muniz, então na chefia do Posto de Saúde de Acaraú, reinaugurou aquele Subposto, que então recebeu remédios e algum equipamento.

E o Posto de Saúde, como passou a ser chamado, reentrou em funcionamento, tendo como Chefe o Guarda Pedro Adamastor de Araújo, e Atendente a sra. Maria Edite de Sousa Freitas.

No curso dos anos, aquela unidade sanitária tem prestado bons serviços à população carente daquela área. Em janeiro de 1978, o Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto, contratou o dr. Carlos R. de Sousa Leão, para dar assistência àquele Posto.

Todavia, não só pela escassez de medicamentos e material, como pela falta de assistência médica, o Posto de Saúde de Cruz não vem prestando o serviço que é de esperar de um estabelecimento de tal natureza.

Atualmente o Posto, que desde 1983 não tem assistência médica, está sendo dirigido pela funcionária Maria de Fátima Vasconcelos.

O Prefeito João Muniz Sobrinho construiu o Centro de Saúde Lúcio Alcântara, para atender também a população da cidade de Cruz.

HOSPITAL BENEFICENTE

Em data de 6 novembro de 1984, a "Fundação Domingos Fontes" inaugurou, na cidade de Cruz, o "Hospital Beneficente de Cruz", instalado à Rua Celso Araújo, nº 68, em sede própria.

O estabelecimento conta 9 dependências, com duas enfermarias e dois leitos. E, equipado como está, vem prestando apreciáveis benefícios, não somente àquela cidade, mas também ao município todo.

De início aquele nosocômio teve a assistência médica do dr. Francisco Odeon Silva, que tem residência naquela cidade. E, atualmente, tem assistência médica-hospitalar dos drs. Edjanir Garcia da Silva e Antônio Leivânio T. Alves, os quais residem em Fortaleza, mas vêm ali, alternadamente, de 2ª à 4ª feira e de 5ª feira à sábado, respectivamente.

O Serviço de Promoção Social da Prefeitura local, sob a coordenadoria da Dona Irene Muniz, também está prestando notáveis benefícios à população carente, com o fornecimento de remédios receitados pelos médicos.

HOSPITAL-MATERNIDADE

A "Sociedade Beneficente José Teixeira de Vasconcelos", da qual é Presidente o industrial João Altevir de Freitas, em setembro do ano em curso, iniciou os trabalhos de construção, na cidade de Cruz, de um prédio onde pretende instalar um Hospital-Maternidade.

Consoante fomos informados pelos promotores da obra, aquele estabelecimento, dentro de seu programa de serviço, está fadado a proporcionar vultosos benefícios, já na área hospitalar, já na de maternidade propriemente dita.

MINI POSTO DE GIJOCA

O Posto de Saúde da povoação de Gijoca, foi construido pelo Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto, em terreno doado pelo Vereador Raimundo Silveira Bastos, Sua inauguração ocorreu a 29 de outubro de 1980. Sua dirigente é a sra. Maria das Graças Bastos.

O Prefeito João Muniz Sobrinho fez convênio com a Fundação Antônio Muniz, para dar assistência àquela área afastada da sede municipal.

E o Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto fez aquisição de uma Ambulância, para transportar doentes para a sede e da sede para outros destinos, se for o caso.

MINI-MATERNIDADE DE JERICOACOARA

Nos anos de 1984/85, a "Fundação Cel. José Filomeno" construiu uma Mini-maternidade na vila de Jericoacoara.

O saudoso obstétrico acarauense, dr. Galba Araújo, foi um grande incentivador dessa obra, cujos recursos para sua construção vieram da Prefeitura de Acaraú e do Ministério do Interior, através da Secretaria de Articulação com os Municípios.

O prédio está concluido e destinado a prestar notáveis benefícios àquela comunidade, notadamente às mães e crianças carentes.

URBANISMO

No que toca ao urbanismo, além das obras já existentes, o Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto construiu a rampa de entrada da cidade, pelo leste, dando-lhe um belo visual, e o Prefeito Jonas Muniz o Mercado Público de Paraguai e colocou placas de numeração e denominação de ruas, na cidade e nas povoações de Gijoca e Caiçara.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

A primeira medida no setor de assistência social, no hoje município de Cruz, foi tomada pelo Mons. José Edson Magalhães, que, no dia 1º de maio de 1959, fundou, naquela cidade, a "Sociedade de Amparo e Educação à Infância de Cruz".

Mencionada entidade assistencial, na defluência dos anos, tem prestado assinalados serviços aos estudantes não só da cidade, mas do interior do município. É ela que mantém a Escola Fundamental São Francisco, desde a sua instalação.

★ ★
★

As Irmãs Missionárias do Coração de Jesus, com seu Patronato sob a direção da Irmã Portela, vem desempenhando, naquela cidade, um trabalho realmente valioso, no setor de assistência social.

Sua atenção especial se volta para as famílias mais carecidas.

★ ★
★

Igualmente, a obra de assistência social realizada pelo Serviço de Promoção Social da Prefeitura Municipal daquela cidade, é notável.

Sua direção está confiada à Dona Irene Muniz Martins, primeira Dama do município, que vem cuidando do serviço com especial dedicação. Avulta a instalação de 25 Creches Municipais. E mais uma Creche da LBA e um Núcleo, com 1000 famílias inscritas e 31 Micro-unidades de produção, incluindo 110 famílias. Construiu um Centro Comunitário em Mangue Seco e instalou chafarizes em Lagoa Salgada e Pitombeiras.

VIDA ECONÔMICA

AGRICULTURA

Fala o historiador Raimundo Girão, que "o litoral, onde a aglomeração humana se adensa mais, compõe-se de terras baixas da costa, tabuleiros planos e arenosos, apropriados a inúmeras culturas, e são menos atingidos pelos efeitos da falta de chuva, em virtude de sua pluviosidade".

Pois bem: é nestas "terras baixas da costa e nestes tabuleiros planos e arenosos", assim como às margens do rio e lagoas, que os lavradores do município de Cruz exercem a sua pesada mas rendosa profissão.

E aquela novel unidade cearense ocupa um lugar de projeção entre as suas co-irmãs aqui da Região do Baixo Acaraú.

Com efeito, aquele município, pela sua posição geográfica e pela fertilidade de seu solo, possui vida própria.

É de notar-se, realmente, as extensas áreas plantadas, que ocupam apreciável parcela de seu território, de vez que a lavoura constitui a ocupação precípua de vultoso contingente de sua população.

E o que mais lhe garante a estabilidade econômica, é a operosidade de seu povo trabalhador e ambicioso.

A mandioca, a castanha de cajú, o feijão e o milho, nos terrenos da mata, e o algodão, a batata doce e a melancia, nas margens e no leito do rio, são elementos que lhe dão sustentação econômica. Acrescente-se os vastos coqueirais da orla marítima.

Naquele município, conforme já registramos, está localizada a lagoa da Gijoca, que é considerada a 2ª do Estado do Ceará, pelas suas dimensões, pois mede 57 quilômetros de circunsferência.

Os terrenos marginais dessa enorme lagoa, se prestam, isto é, são propícios ao cultivo de mandioca, feijão e frutas diversas, tais como laranja, manga, banana, etc. E os lavradores plantam ali amplas áreas, registrando anualmente uma produção capaz de garantir os meios de sobrevivência a dezenas de famílias.

A agricultura está representada, no município de Cruz, pelos seguintes agricultores, tal como fomos informados:

Antônio José de Carvalho — Córrego da Forquilha
Antônio Benedito de Sousa — Paraguai
José Idelzuite da Penha — Gijoca
Jovino Pinto de Araújo — Cajueirinho
Manoel Ferreira Brandão — Baixio
Pedro Pereira Brandão — Baixio
Raimundo Ferreira de Albuquerque — Solidão

Raimundo Marques da Rocha Filho — Cajueirinho
Raimundo Nonato Araújo — Paraguai
Serafim Marques de Freitas — Monteiros

PECUARIA

Depois da agricultura, vem a pecuária, como uma fonte de riqueza daquela unidade cearense.

Outro respeitável escritor, Nertã Macedo, informa que "desde que o Ceará se entende, como região povoada e afeita ao trabalho, o boi tem sido a sua fonte, quase única de subsistência".

Todavia, a população do município de Cruz não cria somente gado bovino. Este é preferido pelos criadores abastados. Mas aqueles que não dispõem de recursos para o boi e para o cavalo, exercem seu pastoreio de cabra, ovelha, suino e aves. E assim, não só tiram de sua profissão os meios de manter a família, como também contribuem, na medida de suas posses, para aumentar a riqueza do município.

Na época atual, consoante as informações que nos foram prestadas, existem no território de Cruz, segundo cuidadosas estimativas, 25.800 cabeças de gado, assim discriminadas:

Bovinos	4.200
Equinos	500
Muares	300
Asininos	800
Suinos	11.500
Ovinos	5.000
Caprinos	4.000
Aves	45.000

Conforme as informações que conseguimos colher, presentemente, o município de Cruz está representado no setor do pastoreio, pelos seguintes pecuaristas:

Aderbal Muniz do Nascimento — Serrote Branco
Antônio Muniz Filho — Baixa dos Rochas
João Muniz Sobrinho — Embiratanha
Josino Bernardino da Silveira — Pisunha
João Batista da Silveira — Cedro
José Agamenon Silva — Paraguai
João Batista Pereira — Cajueirinho
João Silveira Muniz — Aroeira
Vicente de Paula Sousa — Gijoca

INDÚSTRIAS

Com relação às indústrias no município de Cruz, está ele representado convenientemente.

Isto porque, a castanha, a farinha e o polvilho de mandioca, a cera de carnaúba e o pescado lhe asseguram uma invejável posição econômica, entre os demais municípios do Baixo Acaraú.

Em verdade, a extensa área plantada de mandioca, os viçosos cajueirais, os densos carnaubais e os 42 quilômetros de costa marítima que conta em seu território, confirmam, irrespondivelmente a assertiva que fazemos, baseados em informes seguros.

No que concerne ao pescado, é do nosso conhecimento que a pesca ali é exercida por uma alta porção desses "denodados heróis do mar". E também por um expressivo número que pesca nos rios e nas lagoas.

Atinentemente a outras indústrias, a 20 de agosto de 1968, o industrial João Altevir de Freitas, instalou, naquela cidade, uma cerâmica, sob a razão social de Cerâmica Chaparral Ltda.

Referido estabelecimento, provido de boa maquinaria, vem fabricando produtos de excelente qualidade, e que não somente são vendidos para o mercado local, mas também estão sendo exportados para outros municípios desta Região.

Nos anos de 1969/70, o industrial Manoel Lousada Gonçalves manteve, na vila de Jericoacoara, uma fabricação de conserva de peixe, acusando uma boa produção, de primeira qualidade.

Em data de 7 de setembro de 1970, a empresa Indústria e Agricultura de Castanha do Nordeste Ltda. — IACANOL — inaugurou, também naquela cidade, uma fábrica de beneficiamento de castanha de cajú.

O estabelecimento estava equipado com moderna maquinaria, e começou a funcionar sob os melhores auspícios, pois era dirigida pelo industrial João Muniz Sobrinho, atual Prefeito daquele município.

Inobstante, por motivos que ignoramos, alguns anos depois, aquela fábrica paralizou suas atividades, no momento em que abria novos horizontes para a vida industrial daquela cidade e daquele município.

No curso dos anos, acompanhando o desenvolvimento daquela unidade cearense, outras indústrias ali foram sendo instaladas, tais como as serrarias pertencentes às firmas: João Altevir de Freitas, em 10 de setembro de 1980, José Arteiro do Nascimento, Francisco Sacico da Rocha, José Fonteles Muniz e Jota Arteiro do Nascimento.

Todas essas serrarias estão aparelhadas de boa maquinaria, fabricando móveis, etc., que rivalizam com os fabricados em Fortaleza.

Uma indústria que desde recuadas épocas, existe naquela cidade e em alguns povoados daquele município, é a indústria da panificação.

Presentemente se contam ali as seguintes panificadoras:
Francisco Sebastião da Silva — Cidade de Cruz
Romeu Fonteles Muniz — Cidade de Cruz
José Osmar — Gijoca
Raimundo Nonato Carneiro — Caiçara
José Odécio Fonteles — Gijoca

Todas as indústrias aqui relacionadas, estão registrando um movimento realmente auspicioso, com marcantes reflexos na vida da comunidade, já pelo vulto de sua produção, já pelo número global de pessoas empregadas, já pela sua influência na economia municipal.

COMÉRCIO

No tocante à vida comercial de Cruz, desde longos anos, o comércio daquela hoje cidade, tem-se afirmado um dos mais promissores aqui da Região do Baixo Acaraú, graças à operosidade de seus homens de negócio.

Hoje, quem visita a cidade de Cruz, constata esta verdade. São vultosos empórios de mercadorias diversas. Lojas de tecidos, de móveis, de eletrodomésticos, armazéns de produtos da terra, agências comerciais, boutiques, armarinhos, etc., etc.

Um dos fatores que se tornaram responsáveis pelo desenvolvimento da vida comercial de Cruz, foi o comércio de exportação de produtos agrícolas.

É que a partir de 1935, as tradicionais firmas compradoras e exportadoras da cidade de Acaraú, tais como: José Batista da Rocha, Gonçalves & Silveira, J. Jaime & Cia., Rocha & Cia. Raimundo Rocha, José de Paula Pessoa e José Augusto de Vasconcelos, por motivos diversos, foram se retirando do comércio comprador, deixando o campo à mercê de quem se interessasse pelo mesmo comércio.

E os comerciantes da cidade de Cruz, ativos como sempre foram, entraram de cheio na compra desses produtos, conquistando o mercado inteiramente.

Então, toda a produção de farinha e goma de mandioca, castanha de cajú, feijão, milho, oriunda da ubertosa zona de Gijoca, Cajueirinho, Baixio, Córrego da Forquilha, Aranaú e outras localidades da mata, bem como o algodão, a cera de carnaúba e o feijão produzidos na ribeira do Acaraú, e ainda couros de bovinos e peles de criação, foram sendo carreados para os armazéns dos comerciantes de Cruz, e dali para Fortaleza. Apenas alguns comerciantes de Marco lhes faziam concorrência.

O resultado natural desse trabalho, foi o incremento rápido e marcante do comércio local.

E para abrir novas perspectivas, a 7 de agosto de 1985, foi instalado naquela cidade uma Agência do Banco Brasileiro de Descontos — BRADESCO — que tem em sua gerência o contabilista Francisco Valternam de Sousa.

Mencionado estabelecimento de crédito, veio trazer um novo impulso ao comércio cruzense, graças a seus planos de negócios, facilitando a atividade de muita gente, neste setor.

Vale registrar aqui o papel exercido na hoje cidade de Cruz, por um pugilo de comerciantes acarauenses, em diferentes épocas que ficaram para traz.

A seguir vão eles mencionados, em ordem alfabética:

Afonso Gilberto Araújo
Estanislau Araújo Rocha
José Marinones Araújo
Luiz Augusto Ribeiro
Manoel Messias Gonçalves
Maria Laura Araújo Magalhães
Modesto Boanerge da Rocha
Raimundo Coelho de Magalhães
Raimundo Celso Araújo
Raimundo Martins dos Santos

No presente, o comércio da cidade de Cruz, que continua progredindo de ano para ano, está representado pelos comerciantes a seguir registrados, para enumerar apenas dez, entre muitos:

Aderbal Muniz do Nascimento — Loja de tecidos, etc.
A. A. Morais — Máquinas agrícolas
Antônio Muniz Filho — Tecidos e armarinho
Geraldo Pinto da Silveira — Armazém
Geraldo Magela de Sousa — Eletrodomésticos, etc.
João Silveira Muniz — Tecidos e eletrodomésticos
João Batista da Silveira — Tecidos e armarinho
José Avelar de Vasconcelos — Móveis e eletrodomésticos
Josino Bernardino da Silveira — Tecidos, etc.
Osmundo Lopes da Rocha — Armazém

CASAS COMERCIAIS DA CIDADE DE CRUZ

A principal finalidade desta monografia é informar, sobre todos os aspectos da vida da comunidade cruzense.

É justamente porisso, que, fiéis ao nosso objetivo, arrolamos, a seguir, as casas comerciais e tendas de serviços existentes naquela próspera cidade litorânea:

Lojas de tecidos	8
Armarinhos	3
Lojas de calçados	3
Lojas de Eletrodomésticos	2
Lojas de Confecções	5
Mercearias	48
Armazéns	7
Discos e Revistas	1
De Máquinas Agrícolas	1
Bares	8
Botequins	18
De Peças para veículos	5
De material p/construção	2
Restaurantes	7
Lanchonetes	3
Pensões	2
Cafés	10
Farmácias	1
Atelieres de costuras	6
Remonte de calçados	2
Oficinas mecânicas	6
Fotos	1
Postos de Bicicletas	2
Consertos de Rádio e TV	2
Consertos de Relógios	2
Barbearias	3

Agência da Butano — Josino Bernardino da Silveira
Posto de Gasolina — João Apoliano de Freitas

ARTESANATO

Em todos os 780 quilômetros quadrados que compreendem o território do município de Cruz, há gente trabalhando em artesanato.

Em verdade, são bem numerosos os produtos artesanais manufaturados naquela novel unidade da federação cearense.

Tijolos e telhas de barro, ali, como em toda esta Região, são feitos, em vultosa quantidade, desde recuadas épocas.

Outros produtos artesanais fabricados em vários pontos daquele município, são: bordados, renda-de-bilro, labirintos, varandas, etc., etc.

No povoado de Lagoa Salgada se fazem redes de dormir, simples e de travessas, em fio de algodão e de nylon. Na povoação de Caiçara se fazem esteiras de junco, para sela, e redes de pesca, em fio de tucum,

Do arraial Jenipapeiro até Porteiras, são confeccionados abanos, sacos, bolsas e vassouras, de palha de carnaúba. Também são feitos espanadores, esteiras para sela e cordas, de embira de carnaúba e fibra de tucum.

Na vila de Jericoacoara estão fazendo voltas e colares de pequeninos búzios, que são cuidadosamente polidos e muito apreciados pelos turistas, por sua delicadeza e originalidade. E em diferentes pontos da praia, são tecidos **manzuás**, em arame e nylon, bem como tarrafas e **landuás**, em fio de algodão e de nylon.

Igualmente na zona de Gijoca e Lagoa do Monteiro se fazem: selas para montaria, tamancos, cangalhas e cambitos, que são manufaturados por Doce Ribeiro, João Valdivino Brandão e outros.

E um trabalho artesanal que, na cidade de Cruz e em outros pontos do município, vem registrando um movimento digno de apreciação, é a confecção de roupas para homens, mulheres e crianças.

Efetivamente, esse ramo de atividade, que ocupa centenas de mulheres, já está marcando presença na balança econômica daquele município ribeirinho. Admiráveis no trabalho de confecções e na comercialização das peças confeccionadas, algumas dessas costureiras e agentes vendedoras, não fazem negócio somente aqui na Região e em Sobral e Fortaleza. Viajam, também, para os Estados do Piauí, Maranhão e Amazonas, onde realizam transações de vulto, dentro de suas possibilidades financeiras.

TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO

COMBOIOS DE JUMENTOS E CAVALOS DE SELA

Quase todos os municípios que integram a interlândia cearense, tiveram seus primeiros meios de transporte nos carros-de-bois e nos comboios de burros e jumentos.

Carros e jumentos para o transporte de carga, enquanto a condução pessoal era feita no cavalo-de-sela, estradeiro, marchador, e até choutão, dependendo das condições financeiras de seus respectivos proprietários.

Pois bem: mesmo fato aconteceu no município de Cruz, onde, no entanto, faltaram os carros-de-bois, porque os terrenos fartamente arenosos que cobrem apreciável parte de seu território, não permitem o trânsito desses ronceiros veículos, cantados em prosa e verso, e que, no curso do tempo, tão marcantes serviços prestaram às comunidades interioranas.

CAMINHÕES E ÔNIBUS

Os comboios de jericos, durante longos anos aguentaram a barra, até que, aí pelos idos de 1950, chegaram ali os primeiros caminhões, que, pouco a pouco, foram tirando os comboios das estradas. E os morosos jumentos entraram em aposentadoria, "com todos os vencimentos".

Com atinência ao transporte pessoal, os cavalos-de-selas, amestrados ou não, foram servindo à comunidade, até que, no dia 17 de janeiro de 1967, a Empresa Redenção, chegou ali, até o povoado de Gijoca, em sua primeira viagem de ônibus, fazendo a linha de Fortaleza, com duas viagens por semana. Abrira-se, naquela área, uma era nova, no importante setor do transporte.

Nos anos de 1969 a 70, a Empresa Vale do Acaraú manteve dois ônibus por semana, fazendo a linha Sobral-Cruz. Isto durante os meses do verão, pois no inverno não havia possibilidade de tráfego.

Presentemente, a cidade de Cruz está recebendo dois ônibus de Fortaleza, diariamente, e um ônibus de Sobral, às segundas feiras.

Além desses, por ali transitam, 5 dias por semana, ônibus vindos da vila de Aranaú e das povoações de Monteiros, Gijoca e Preá.

ESTRADA E VEICULOS

As estradas que servem à cidade e ao município de Cruz, são todas carroçáveis, algumas das quais em parte se tornam intransitáveis, durante a época invernosa.

Aliás, ao que estamos informados, o Prefeito João Muniz Sobrinho vem dando especial atenção ao problema do transporte, particularmente as estradas, procurando melhorá-las, no que pensa muito bem.

Na verdade, as estradas devem merecer especial atenção dos governantes, porque sem elas não é possível o escoamento das riquezas do município.

Destarte, as estradas são autênticos fatores de expansão econômica.

Henri Ford, um dos gigantes da indústria automobilística americana, afirmou que "pelas boas estradas se conhecem os bons governos". Falou bonito e falou bem.

As principais estradas que servem à cidade de Cruz, são as seguintes:

— A que vem de Fortaleza, via Marco e Bela Cruz, e que em 1985 foi melhorada, pelo DAER, no trecho Bela Cruz-Cruz;

— A que vem de Acaraú, pela várzea, e que se torna intrafegável durante o inverno, sendo, então, substituida pelo Rio Acaraú; o tráfego é feito em canoas motorizadas;

— A que vem de Camocim, via Guriú, Gijoca e Lagoa do Monteiro;

— A que vem de Jericoacoara, via Caiçara;

— A que vem de Aranaú, via Lagoa Velha.

Como dissemos, a estrada que liga a cidade de Acaraú com a cidade de Cruz, aqui quase na foz do Rio Acaraú, vem constituindo, através dos anos, um grave problema, e que até hoje não encontrou solução.

É que o terreno entre as duas urbes, numa extensão de dez quilômetros, aproximadamente, é entremeado de baixios e riachos, além das grandes marés, cujo efeitos se fazem sentir até 16 Km rio acima.

Naquela área o rio se multiplica, e temos, então: o **Rio Humaitá, Rio das 4 Bocas, Rio Corredor, Rio do Calumbí, Rio das Carapebas** e **Rio da Cruz.** Todos esses pequenos cursos dágua dificultam, mais ou menos, o trânsito e impossibilitam o tráfego de veículos, no inverno.

No decorrer dos anos, todos os Prefeitos de Acaraú se têm ocupado desse problema, construindo barragens e pontilhões, os quais apenas representam paliativos que se anulam logo nas primeiras chuvas.

Com referência a ação de nossos parlamentares, sabemos que desde o deputado Humberto Moura, tentativas não sido feitas, no sentido de que o DNOCS mande ao menos construir a ponte sobre o Rio Acaraú. Todavia, até agora não conseguimos os resultados almejados.

Finalmente, neste ano da graça de 1986, o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem — DAER — entrou em

ação direta, tentando dar solução a este secular problema que tanto e tanto vem prejudicando os dois municípios vizinhos.

É assim que aquele Departamento contratou, com a firma Salles & Furlani, os trabalhos de construção da mencionada rodovia.

Começou com a abertura da estrada em largura oficial, e está levantando aterros e construindo barragens e bueiros. Um bom número de máquinas acha-se ali em serviço, oferecendo a esperança de que, desta vez, a gente veja a obra terminada, sem faltar a ponte sobre o Rio Acaraú. Seu engenheiro chefe é o dr. José Almir dos Santos.

Esse será, sem dúvida, um dos maiores benefícios que poderão advir para as comunidades de Acaraú e Cruz.

O Prefeito João Muniz Sobrinho teve cuidado especial com estradas. E assim abriu e conservou estradas para Lagoa Salgada, Cajueirinho, Poço Doce, Monteiros, Gijoca, Caiçara, Pitombeiras, Lagoa Velha, Cedro, Vila de Prata, Canafístula, Solidão, Baixio, Córrego dos Anas, Cavalo Bravo e outras.

Já o Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto, entre outros, construiu um pontilhão de 20 metros sobre o Rio, possibilitando a ligação entre as cidades de Cruz e Acaraú, com um trabalho bom, onde estão trafegando, não só carros pequenos, mas também, caminhões grandes e ônibus.

VEÍCULOS E AGÊNCIAS DE TRANSPORTE

Na cidade de Cruz existem em trânsito os seguintes veículos:

Automóveis	76
Jipes	4
Camionetas	30
Caminhões	34
Motocicletas	42

São as seguintes as Agências de Transporte na cidade de Cruz:

Empresa Redenção — José Fonteles Muniz
Empresa Itapemirim — Luiz Gonzaga Vasconcelos
Empresa Vale do Acaraú — Raimundo Silveira

CENTRO TELEFÔNICO

O primeiro Centro Telefônico da cidade de Cruz, foi instalado a 1º de agosto de 1969, pelo Prefeito Francisco Adenor Martins.

Infelizmente, no entanto, essa providência, que seria de marcante utilidade para aquela comunidade, não chegou ao resultado esperado.

Agora, porém, com o Prefeito João Muniz Sobrinho, foi construido um prédio onde está instalado um Centro Telefônico, de 150 ramais.

AGÊNCIA POSTAL DE CRUZ

A primeira iniciativa objetivando a instalação de uma Agência Postal na vila deCruz, partiu do Prefeito Francisco Adenor Martins, que, em data de 24 de março de 1969, oficiou ao Diretor da Empresa de Correios e Telégrafos, propondo um convênio entre a Prefeitura de Acaraú e a ECT, para que ali fosse implantado mesmo benefício público.

Coube, porém, ao Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto a consecução desse melhoramento, sendo a Agência Postal de Cruz inaugurada a 10 de dezembro de 1978, com a Encarregada Maria Elenir Vasconcelos, que foi substituida no cargo pelo funcionário Francisco Assis de Albuquerque.

A Agência Postal da povoação de Gijoca, conseguida pelo Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto, foi instalada a 29 de outubro de 1980. Seu terreno foi doado pelo Vereador Raimundo Silveira Bastos, e sua Encarregada é a sra. Maria das Graças Bastos.

TELECEARÁ

O MONOCANAL da Teleceará, na cidade de Cruz, foi instalado a 6 de março de 1983. A repartição é chefiada pela sra. Maria Gorete Rocha Araújo, que tem como Telefonistas Auxiliares: Francisca Lucimar Silveira e Maria do Socorro Nascimento.

O Prefeito João Muniz Sobrinho ampliou o sistema para 3 bancas, com 150 terminais, para a comunicação interurbana.

★ ★
★

Na povoação de Gijoca também foi instalada um Posto da Teleceará. E sucede que três Prefeitos tomaram parte na consecução desse melhoramento: Manoel Duca da Silveira Neto conseguiu a permissão e levou o poste para o transformador; João Jaime Ferreira Gomes Filho, construiu o prédio para o Posto; e o Prefeito João Muniz Sobrinho construiu outro prédio mais amplo e instalou o serviço, a 7 de setembro de 1986.

★ ★
★

Já construido também o Posto da Teleceará em Monteiros aguardando-se para breve sua inauguração.

ANTENA PARABÓLICA

A cidade de Cruz vinha recebendo sinais de televisão através da torre instala no serrote Mucuripe, no Município de Morrinhos.

Entretanto, o Prefeito João Muniz Sobrinho, a 10 de outubro de 1986, mandou instalar uma Antena Parabólica, naquela cidade, a fim de que sua população possa receber os sinais da TV através de satélite, o que é realmente louvável.

Neste ano de 1989, o Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto, fez aquisição de mais uma antena parabólica, possibilitando a captação de outros canais de TV.

SERVIÇOS E ÓRGÃOS PÚBLICOS

CEMITÉRIOS

CEMITÉRIO PAROQUIAL. Localizado na sede municipal, em terreno doado pelo sr. Cândido Ferreira Pinto, foi construido em 1910, pela Comunidade, e cercado de madeira. Em 1918 foi reconstruido com muro de alvenaria, pelos srs. Antônio Raimundo de Araújo e Urbano José da Silveira. Nos anos de 1950 e 1960, foi ampliado, pela Comunidade. Em 1986, o Prefeito João Sobrinho ampliou-o convenientemente, e construiu uma Catacumba Comunitária, com 15 gavetas, destinada a sepultamento de pessoas carentes. O Cemitério ficou, então, ocupando uma área de 10.000 m². Sua reinauguração aconteceu a 26 de outubro de 1986.

CEMITÉRIO DE CAIÇARA. Construido em 1887, pela Comunidade. Em 1955, os srs. Francisco Galdino de Sousa e Francisco Marques da Rocha o ampliaram, sendo sua nova bênção oficiada pelo Pe. Sabino de Lima, a 10 de janeiro de 1956.

CEMITÉRIO DE CAJUEIRINHO. Foi construido, com cerca de madeira, em 1920, pela Comunidade, inaugurado a 16 de abril daquele ano. Em 1955, o mesmo Francisco Marques da Rocha mandou substituir a cerca por muro de alvenaria, reinaugurando-o a 1º de setembro do mesmo ano. O terreno desse cemitério foi doado pelo sr. Francisco Carlos de Vasconcelos.

CEMITÉRIO DE GIJOCA. A construção é do sr. José Dionísio de Sousa, que doou o respectivo terreno. Sua bênção se deu a 19 de fevereiro daquele ano, pelo Pe. Sabino de Lima. Era cercado de madeira, e em 1952 o Prefeito João Jaime Ferreira Gomes substitui a madeira por arame.

CEMITÉRIO DE JERICOACOARA. O primeiro foi feito pela Comunidade, em 1949, em terreno doado por José de Sousa. Em 1956 foi construido outro, também cercado de madeira. mas em 1970, o comerciante Olavo Marques de Vasconcelos, doador do terreno, o reconstruiu, sendo a bênção oficiada pelo Pe. Manoel Valdery da Rocha.

CEMITÉRIO DE MONTEIROS. Construido em 1975, por Alexandre José de Vasconcelos, que fez doação do respectivo terreno.

CEMITÉRIO DE BAIXIO. Construido em 1982, pela Comunidade.

MERCADOS PÚBLICOS

O primeiro Mercado Público construido na vila de Cruz, o foi pelo Prefeito Manoel Duca da Silveira.

Os trabalhos da obra tiveram início a 1º de janeiro de 1949, dentro de um quadrilátero de 28 quartos, destinados a

comércio e outros fins. Sua inauguração se deu no dia 28 setembro daquele ano.

Vinte anos depois, isto é, em 1969, o Prefeito Francisco Adenor Martins mandou construir um novo Mercado, com dimensões mais amplas. Esse próprio municipal teve seu ato inaugural a 13 de abril de 1969.

Em 1981 aludido Mercado foi recuperado, pelo Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto, que lhe deu novas bancas com paredes forradas de azulejo.

Já em 1986, o Prefeito João Muniz Sobrinho dotou aquele Mercado de dois aparelhos sanitários.

★ ★
★

Em data de 12 de dezembro de 1981, o Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto inaugurou um Mercado Público, na povoação de Gijoca, com 32 quartos para fins comerciais, etc.

O terreno para esse Mercado foi doado pelo sr. Sebastião Fabião de Sousa.

POSTO FISCAL

O serviço de arrecadação do Estado, teve começo, na vila de Cruz, a 25 de junho de 1950, quando, por ato do Governador Faustino de Albuquerque e Sousa, o Posto Fiscal de Jericoacoara foi para ali transferido, acompanhando-o o Fiscal João Gifoni da Silveira.

Um ano depois, o Posto foi fechado, sendo reaberto a 1º de agosto de 1965, com o funcionário Pedro Cialdine da Silveira, o qual a 1º de março de 1966, foi substituido pelo Fiscal Sebastião de Sousa Ribeiro. Este, em 1973 foi substituido por José Marinones Araújo, auxiliado por José Osvaldo da Silveira, que faleceu em 1974.

Finalmente, em 1975, o Fiscal Sebastião da Silva Ribeiro, reassumiu suas funções naquele Posto, porém, ai pelo ano de 1980, mesmo Posto foi fechado novamente, sendo o seu movimento coletado pela Coletoria Estadual de Acaraú.

O Fiscal Sebastião da Silva Ribeiro permanece na cidade de Cruz, como Auxiliar da Coletoria de Acaraú, situação que, com a criação do município de Cruz, certamente vai normalizar-se dentro em breve.

CARTÓRIOS

O Cartório de Registro de Nascimentos, Casamentos e óbitos, foi instalado na vila de Cruz, a 17 de fevereiro de 1960, com o Oficial Manoel Bernardo de Sousa, que ainda se encontra no exercício do cargo.

É de crer que, elevado o distrito à categoria de Município, seja criado ali o Termo Judiciário, e, em seguida, aquela unidade cearense tenha a sua Comarca, o que resolverá um importante problema daquela comunidade, ou melhor, daquele município.

★ ★
★

O Cartório do distrito de Jericoacoara foi instalado na povoação de Caiçara, a 12 de fevereiro de 1923, com o Oficial Manoel Ferreira de Albuquerque, que ali esteve até 8.2.32. Seguiram-se-lhe os seguintes serventuários: Joaquim Carvalho da Mota, de 3.3.33 a 26.12.34. Manoel Ferreira de Albuquequer, de 15.4.35 a 20.1.36. Manoel Marques de Sousa, de 5.2.36 a 1951. Francisco Romão de Menezes, de 11.10.51 a 2.5.55. Manoel Marques de Sousa, de 30.5.55 a 22.6.58. João Ladislau de Paula Magalhães, de 19.9.63 até seu falecimento, em 1975. Então o Cartório foi posto em concurso, sendo aprovado o serventuário José Arteiro Cruz, que assumiu a 11.3.77, e ainda se acha no exercício do cargo.

ILUMINAÇÃO ELÉTRICA

O serviço de iluminação elétrica, pública e domiciliária, da hoje cidade de Cruz, começou com um motor de 30 HP, adquirido pelo Prefeito Joaquim Rocha de Vasconcelos. A inauguração desse melhoramento se registrou no dia 30 de novembro de 1962.

Quatro anos depois, no ritmo de progresso da vila, aquele motor já não estava atendendo à demanda das necessidades locais.

Então, o Prefeito João Jaime Ferreira Gomes, conseguiu um outro motor com capacidade de 53 HP, que ali foi instalado a 14 de outubro de 1966.

A energia da COELCE chegou à cidade de Cruz, também pelo Prefeito João Jaime Ferreira Gomes, sendo inaugurada no dia 25 de setembro de 1972, e oficializada a 14 de outubro do mesmo ano.

O deputado Flávio Portela Marcílio, que conseguira aquele melhoramento, representou, em sua festa inaugural, o Governador César Cals de Oliveira Filho. Entre outras autoridades, se fez presente o dr. Josemar Leão de Oliveira, Diretor da COELCE.

No curso dos anos, o serviço de energia elétrica de Cruz tem sido ampliado. E já neste ano de 1986, o Prefeito João Muniz Sobrinho, melhorou, convenientemente, a rede de iluminação e energia daquele município.

O Escritório da COELCE, na cidade de Cruz, foi instalado a 17 de setembro de 1971. E tem como Encarregado o funcionário Roberto Oliveira Lima, auxiliado por José de Fátima Araújo. Conta, atualmente, 1.495 usuários.

★ ★
★

Em data de 12 de dezembro de 1983, o Prefeito João Jaime Ferreira Gomes Filho inaugurou o serviço de iluminação elétrica, na povoação de Gijoca, pela COELCE.

Em 1988 por solicitação do 1º prefeito municipal João Muniz Sobrinho, foi construida e inaugurada a rede elétrica de Caiçara, Preá e ampliadas as redes elétricas de Cruz e Gijoca.

MATADOURO

O Matadouro Público da então vila de Cruz, foi construido pelo Prefeito Francisco Adenor Martins, e cuja inauguração aconteceu a 17 de agosto de 1967.

De então até hoje, aquele próprio municipal há recebido alguns melhoramentos, conforme as necessidades. E o Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto construiu um novo Matadouro, para melhor servir à cidade.

PRAÇA MONS. EDSON

Coube ao Prefeito Francisco Adenor Martins, a construção da primeira Praça Pública da cidade de Cruz. Esta foi inaugurada a 30 de setembro de 1969, e teve a denominação de "Praça Mons. José Edson Magalhães".

Em 1980, o Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto mandou calçar aquela Praça. E, neste ano de 1986, o Prefeito João Muniz Sobrinho, procedeu ali uma apreciável reforma, como colocação de bancos de marmorite e outros melhoramentos, emprestando uma nova fisionomia àquele logradouro.

CALÇAMENTO

O calçamento na cidade de Cruz, teve início com o Prefeito Francisco Adenor Martins, que, em 1969, mandou calçar de pedra tosca, a praça interna do Mercado Público, por ele construido.

Nos anos de 1981/82, o Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto mandou pavimentar algumas ruas, numa área estimada em 15.000 m².

Já em 1986, o Prefeito João Muniz Sobrinho iniciou um notável trabalho de pavimentação naquela cidade, que, segundo fomos informados já vai atingindo 20.000 m².

Foram beneficiados: a Praça da Matriz e as ruas Antônio Muniz, Mons. Sabino, Bernardino Farias, Padre Valdery, Professor João Pereira, e Miguel Inácio. As ruas 6 de Abril, Monsenhor Sabino, Miguel Inácio e José Malaquias, foram convenientemente alargadas.

★ ★
★

Na Vila de Caiçara, o Prefeito Jonas Muniz também implantou calçamento e uma praça.

SINDICATO DE TRABALHADORES

Coube ao Mons. José Edson Magalhães a primeira iniciativa no sentido de amparar a classe numerosa e sofrida dos trabalhadores do campo.

Foi pensando assim ,que aquele ilustre sacerdote acarauense, que então ocupava as funções de Vigário da Paróquia de Cruz, fundou naquela cidade, a 1º de maio de 1959, o "Círculo Operário de Cruz", que infelizmente não conseguiu ambiente para produzir os resultados dele esperados.

Todavia, em data de 28 de julho de 1985, foi fundado ali o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruz, que tem como seu Presidente o agricultor Raimundo Nonato Muniz.

Atualmente aquela sociedade de trabalhadores do campo, conta 635 associados, aos quais vem prestando a assistência necessária.

CADEIA PÚBLICA

O prédio destinado à Cadeia Pública da cidade de Cruz, foi mandado construir pelo Prefeito, Pe. Aristides Andrade Sales.

O ato inaugural daquele próprio público, teve lugar no dia 1º de agosto de 1976.

★ ★
★

Na povoação de Gijoca também existe uma cadeia, que foi construida pelo Prefeito João Jaime Ferreira Gomes Filho. Sua inauguração se deu no dia 10 de setembro de 1984.

JERICOACOARA

PONTA DE JERICOACOARA

Como é sabido, a enseada de Jericoacoara, mercê de sua beleza paisagística e de sua riqueza ecológica, constitui um dos pontos turísticos mais procurados do Estado do Ceará.

Como atração maior daquela praia "alva, plana, macia, extensa, fascinante", sobressai o serrote de arenito, com cem metros de altura, que entra pelo mar, e em cujas bordas arredondadas as ondas batem continuamente, promovendo "uma festa esplêndida de cores", tal como fala o poeta.

É verdade que o trânsito para chegar até ali, na distância de 24 quilômetros, é extremanente difícil, pelo rosário de dunas movediças e lagoas intermitentes que pontilham a costa naquela área, onde não existe sequer estrada carroçável. Isto porque há o interesse das autoridades, no sentido de que a fisionomia da localidade não seja desfigurada em seu conjunto natural.

Entretanto, inobstante essas dificuldades de tráfego, o fluxo de turistas para Jericoacoara vem aumentando ano a ano, mês a mês.

E essa gente não vem somente de outros pontos do Brasil. Em grande número são turistas oriundos de outros países, mais próximos ou mais distantes. Gente que vem de Uruguai, da Argentina, do Paraguai, do Equador, dos Estados Unidos, do México, da Nicarágua, da França, da Itália, de Portugal, da Alemanha, da Arábia Saudita, da Irlanda, de Israel, e de muitas outras nações. Gente que fala diversas línguas, porém, graças às mímicas e outros recursos ao seu alcance, consegue ser entendida pela população local.

Revistas, jornais e outras empresas publicitárias ali têm enviado equipes de reportagem, tornando, assim, mais conhecida aquela maravilha da natureza.

O jornalista João Paulo Araújo (O POVO, de 20.7.86) informa que, "aos poucos vem se multiplicando o número de turistas que desejam desfrutar deste pedaço de terra onde não há eletricidade. E aos poucos, também, a feição da paisagem está se modificando. Carros atropelam o silêncio com suas músicas e as latas de conservas começam a fazer parte do cenário criado pela natureza".

Ele adianta que "no último dia 12 chegou à Jericoacoara a primeira excursão organizada por uma Agência de Turismo, chefiada pela empresária Regina Raulino, que pretende fundar ali, até às primeiras férias, um hotel com piscina, água encanada e chalés cobertos de palhas, dotados de redes e camas".

Tudo isto expressa o interesse dos visitantes por aquela praia já tradicional.

E como a vila de Jericoacoara pertence ao município de Cruz, achamos interessante incluir nesta monografia algumas

notas sobre aquela famosa enseada, que, de qualquer maneira, está ligada à história da colonização do Brasil.

Assim pensando, transcrevemos, a seguir, trechos do 6º capítulo de nosso trabalho intitulado JERICOACOARA, recentemente editado pela Tipografia Minerva, de Fortaleza, sobre o qual falamos no 2º e 4º capítulos.

E o fazemos com o objetivo de que leitores de "MUNICÍPIO DE CRUZ", tomem conhecimento dos fatos históricos ocorridos naquele recanto do extremo norte do Ceará, ainda no limiar do século dezessete.

A seguir, apontamentos de "JERICOACOARA".

DESEMBARQUE DE VICENTE PINZON

A enseada de Jericoacoara, que limita no mar a costa cruzense com o município de Camocim, tem lugar de especial relevância na história do Ceará e até do Brasil.

Para registrar algumas notas sobre os fatos históricos acontecidos naquela praia, no transcorrer dos anos e dos séculos, achamos conveniente começar pelo primeiro navegador que cruzou o oceano e pisou a costa brasileira no Ceará.

É que, como é sabido, em dezembro de 1499 o mareante espanhol, Vicente Yanez Pinzon — o mesmo que comandara o navio "Nina", da frota de Cristóvão Colombo, quando este viera descobrir a América — "zarpou do porto de Palos", chefiando uma flotilha de quatro caravelas, e veio aportar em um porto qualquer do litoral brasileiro, antes que o jovem almirante português, Pedro Álvares Cabral, desse por descoberto oficialmente este maravilhoso País do Cruzeiro.

Pinzon não conseguiu oficializar seu descobrimento, embora de prioridade indiscutível", como diz o historiador Raimundo Girão, em sua "Pequena História do Ceará". Isto em consequência do Tratado das Tordesilas, celebrado a 7 de junho de 1499, entre os governos de Portugal e da Espanha.

Sim, porque, por força desse acordo internacional, de polo a polo, pertenciam a Portugal todas as terras distantes 370 léguas a leste das Ilhas do Cabo Verde. E o Brasil está dentro desse limite.

O nauta castelhano batisou a praia brasileira por ele descoberta, de "Cabo de Santa Maria de La Consolacion", possivelmente em cumprimento de promessa feita em alto mar, quando enfrentava o perigo das ondas tumultosas e apavorantes.

Cruz Filho ("O CEARÁ", 3ª ed. p. 34) acha que "deveríamos exigir um monumento a Vicente Yanez Pinzon — o verdadeiro descobridor do Brasil".

Ocorre que alguns historiadores opinam por que o desembarque do intrépido navegador de Castela teria se dado na praia de Mucuripe, em Fortaleza .

Dorian Sampaio ("Eu, Fortaleza", p. 9) depois de afirmar que "antes de Pedro Álvares Cabral haver fundeado suas caravelas na enseada de Santa Cruz, o navegador espanhol Vicente Yanez Pinzon do brasíleo soio já pisara", acrescenta: "Fê-lo no Nordeste Setentrional, justamente no Ceará. Mais precisamente em Fortaleza, na enseada do Mucuripe, que tão bela achou que batisou de Rostro Hermoso".

Valdery Uchôa Corrobora: (Anuário do Ceará, ed. de 1952, pág. 11), "5-IV-1500 — Chegada de Vicente Yanez Pinzon à ponta de Mucuripe".

Tomás Pompeu Sobrinho identificou a praia visitada pelo navegante espanhol, como "Ponta Grossa" ou "Jabarana", no município de Aracati.

Entretanto, outros historiadores igualmente respeitáveis, opinam por que o desembarque se deu na Ponta de Jericoacoara.

É assim que Francisco Adolf Varnhagen, citado por Hélio Viana, em "História do Brasil", 5ª ed. p. 40 "preferiu dá-la em a **Ponta de Jericoacoara**, no Ceará", o que é confirmado por Raimundo Girão, o qual nos dá conhecimento de que "Varnhagen inclina-se por que o **Rostro Hermoso** encontrado por Diogo de Lepe seria o cabo de **Jericoacoara**."

O historiógrafo Guarino Alves também acha que a praia visitada por Vicente Pinzon foi a nossa Jericoacoara. É ele mesmo que escreve na "Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História", v. IX, p. 66: — "Em fevereiro de 1978 eu estive no distrito de Serrote, município de Acaraú, explorando o promontório de Jericoacoara, por mim identificado como o famoso **Cabo de Santa Maria de La Consolacion**, na viagem de Vicente Pinzon, em 1500".

E o Pe. João Mendes Lira, abalisado historiador desta Região, e que também esteve naquela praia, estudando o assunto, afirma sem rodeios: — "Foi exatamente na **Ponta de Jericoacoara** que ele desembarcou", ("Sinais de Terra Vistos Por Pinzon").

O ilustrado sacerdote sobralense adianta que Vicente Pinzon teria aportado em Jericoacoara "orientado pelo morro Mucuripe, o qual se localiza no município de Morrinhos, e mede 730 metros de altura e 15 Kms de comprimento. E é visto até um grau de latitude sul até Jericoacoara".

Segundo reza a história, Pinzon teria deixado ali fincada na praia "uma grande cruz de madeira". E essa cruz teria sido enconrada por Diogo de Lepe, que logo depois de Vicente Pinzon também teria ancorado naquela famosa enseada cearense.

E, consoante registramos, a revista "Sua Boa Estrela", que mandou àquela localidade uma equipe de reportagem, em 1979, fala que "Jericoacoara divide com Aracati a honra de ter recebido Yanez Pinzon, antes que Pedro Alvares Cabral desembarcasse em terras brasileiras".

Acontece, aliás, que não é somente no Estado do Ceará que algumas localidades marítimas reivindicam o privilégio de haverem sido visitadas pelo corajoso mareante espanhol.

Também o município de Cabo, no litoral pernambucano, apoiado na opinião do historiador Pereira da Costa, reclama para si a honra dessa visita que teria ocorrido a 26 de fevereiro de 1500, quando a expedição de Vicente Pinzon ali teria sido recebida pelos índios Caetés.

Naquela cidade praieira o navegante castelhano é reconhecido como o verdadeiro descobridor do Brasil. E a data presumível de seu desembarque é comemorada condignamente, todos os anos.

Consoante registra o jornal "Tribuna do Ceará", em sua edição de 27 de fevereiro de 1986, este ano a decorrência da data precedente, (26), foi comemorada festivamente, pela comunidade daquele município pernambucano, que está localizado no Cabo de Santo Agostinho, do qual muito provavelmente obteve o topônimo.

O Prefeito Municipal, Elias Gomes, presidiu as solenidades comemorativas do importante evento histórico.

"Tribuna do Ceará" registra o seguinte: "Além da representação dos **Caboclinhos Caetés** — um grupo folclórico que promove as danças da tribo original — houve o hasteamento da bandeira espanhola, com a presença do Cónsul daquele país, Lucas Simon".

Em sua oração o Prefeito justificou: — "O Tratado de Tordesilas assinado entre os Reis da Espanha e Portugal, dava direito legal aos lusitanos sobre a terra descoberta. Entretanto não anula o fato histórico da chegada de Pinzon em nossa costa, em fevereiro de 1500".

E, ao que registra e notícia, o edil Elias Gomes terminou seu discurso, afirmando, orgulhoso e categórico:

— "O Brasil foi descoberto em nosso município".

POVOAMENTO

Com referência aos fundadores e povoadores do município de Acaraú, o emérito historiador Barão de Studart, aceitando antiga tradição, informa que foram pescadores oriundos do sul. ("Geografia do Ceará". p. 317).

Mencionados pescadores, ao que registra o egrégio historiógrafo, de início se localizaram na ilha denominada "Presídio", vizinha ao antigo porto de "Cacimbas".

Todavia, posteriormente se passaram para o local onde se acha encravada a hoje cidade de Acaraú, cujo terreno se prestava e se presta ainda à construção de casas residenciais.

Outro ilustre historiador, o cearense Gustavo Barroso, aludindo ao povoamento do Ceará, afirma que o mesmo se processou "ao longo dos rios, o gado acompanhando o homem e até o precedendo".

E, como que confirmando essa assertiva, Pompeu Sobrinho, ("O Ceará", 3ª ed. p. 17), adianta que a criação de gado "era a única indústria capaz de vingar nos longínquos sertões do Nordeste, ao início da colonização".

O poeta-historiador Cruz Filho também corrobora: "O povoamento do território do Ceará foi impulsionado pelo estímulo da indústria pastoril". E acrescenta: "Iniciada pelo litoral, a invasão branca foi-se difundindo depois potamocentricamente, a pouco e pouco, pelos sertões, ao sabor da concessão de sesmarias".

E Luiz da Câmara Cascudo concorda: "Quase todos os municípios nordestinos nasceram nos páteos das fazendas de criar".

Ora, o rio Acaraú que, pela extensão de seu curso e pela sua capacidade hidrográfica, é o segundo do Estado do Ceará, muito provavelmente foi procurado pelos pecuaristas de então, para o estabelecimento de suas fazendas.

Daí, provém a opinião de alguns escafrandistas da história, de que os primeiros habitantes deste município não foram somente os pescadores; criadores de gado também formaram em primeira linha, entre aqueles que iniciaram o povoamento desta unidade cearense.

Aliás, o historiador Renato Braga fala de "donos de currais de gado e currais de peixe. Donos de bois e de jangadas" ("Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará", p. 41).

Depois deste dispensável preâmbulo, achamos conveniente inserir neste modesto trabalho algumas notas sobre os primeiros povoadores da hoje vila de Jericoacoara. São apontamentos colhidos na tradição oral e em registros feitos por historiadores eméritos que hão se ocupado das ocorrências fascinantes daquela praia famosa.

A Revista do Instituto do Ceará, Tomo III, p. 108, nos dá ciência de que "a 14 de junho de 1614, o Capitão Manoel de Sousa Eça, que acabara de repelir uma investida das forças francesas ao Fortim de Nossa Senhora do Rosário, naquela enseada, necessitando de munições e receiando ser atacado no dia seguinte, fez reduzir a pelouros os pratos de estanho que encontrou no arraial".

Como é sabido, aqui no Brasil a palavra arraial significa aldeia, povoado, etc.

Assim, naqueles remotos tempos, Jericoacoara já contava um número de habitantes suficiente para merecer a denominação de arraial. Está claro.

O que em verdade não sabemos, é a procedência da gente que então povoava aquela afastada localidade marítima.

O Padre João Mendes Lira, em seu trabalho "Os Sinais de Terra Vistos por Pinzon", de que já falamos, nos dá conhecimento de que "as contínuas paradas de barcos no local, criaram alguns núcleos populacionais".

Jericoacoara se localiza bem distante da Ribeira do Acaraú, na qual, possivelmente, criadores de gado iam instalando algumas fazendas. E nem os rebanhos bovinos se adaptariam, como não se adaptam, àqueles terrenos pontilhados de dunas, com uma pastagem inadequada e precária.

É de crer ou de supor, por tudo isso, que os primitivos povoadores daquela área fossem pescadores, mesmo porque essa seria a profissão conveniente à população local, embora a tradição assevere que naquelas "priscas eras que bem longe vão", existiam ali muita caça e muita fruta.

Com atinência às raças componentes da população que na época morava naquela praia, é provável que predominassem os nativos, formando um amálgama com passageiros de embarcações que ali faziam paradas, e que por ventura se deixavam ficar, por diferentes motivos.

É possível também, que pessoas outras, viajando por terra, se fossem misturando aos residentes da localidade, aumentando, assim, o contingente alienígena, e formando, consequentemente, a população heterogênia que integrava a comunidade nascente.

E, daqueles tempos até os nossos dias, o efetivo demográfico de Jericoacoara, sem a participação de imigrantes nacionais ou estrangeiros, foi aumentado gradativamente, se bem que, por igual, no decurso dos anos, se vem registrando a saída de muita gente, especialmente jovens que procuram meios adiantados, e, portanto, capazes de lhes oferecer facilidades de trabalho e instrução. Eles almejam uma vida mais digna; buscam ambientes que lhes possam garantir um futuro consentâneo com seus ideais e com o entusiasmo próprio de sua idade.

Igualmente tal como já dissemos, muitas famílias dali se têm retirado, à procura de ensino mais desenvolvimento para seus filhos.

Consoante os números registrados pelo Recenseamento Geral do Brasil, efetuado em 1980, a população da Vila de Jericoacoara contava, a 1º de setembro daquele ano, 731 pessoas.

Presentemente, entretanto, o montante demográfico daquela comunidade litorânea, não consegue atingir setecentas pessoas, fato que confirma o êxodo a que já fizemos referência.

Com atinência aos hábitos e costumes do povo de Jericoacoara, não são diferentes dos de qualquer comunidade praiana do Nordeste brasileiro.

De igual maneira são o nível educacional, o padrão moral e a qualidade das aspirações.

O FORTE DO ROSÁRIO

Após as discutidas visitas dos aventureiros castelhanos a Jericoacoara, de que falamos em nota precedente, os "obstinados operários da História" nos dão ciência de que outros desembarques efetivamente ocorreram naquele longínquo porto marítimo.

Se não vejamos. O historiador F. Sadoc de Araújo, em sua "Cronologia Sobralense", v. I, p. 20, registra que "em 12 de julho de 1.612, a expedição dos francêses de Razilly e De la Ravarciere que, com seus três navios **Regente**, **Carlota** e **Santa Anna**, saiu do porto de Cancale a 19 de março, para conquistar o Maranhão, aporta na Ponta de Jericoacoara (Baia das Tartarugas), onde permaneceu por dose dias, ocupando-se na caça e na pesca".

Ainda em princípio do século dezessete, aquela paragem foi teatro de importantes acontecimentos, em os quais o Capitão Jerônimo de Albuquerque figura como protagonista maior.

Realmente, segundo o "Dicionário Geográfico, Histórico de Descritivo do Estado do Ceará", de Álvaro Gurgel de Alencar, ed. de 1939, p. 210, "aí, em 1611, já estava ancorada a esquadrilha de Jerônimo de Albuquerque, quando foi expulsar os francêses do Maranhão. Aí, em 1613, o mesmo Jerônimo de Albuquerque lançou os fundamentos duma povoação denominada N. S. do Rosário". Outro historiador de renome, o dr. Raimundo Girão, informa que na ocasião Jerônimo de Albuquerque construiu também uma pequena capela, notícia repetida na "História do Ceará", de R. Batista Aragão, 1º v. p. 40.

Outro vulto eminente da história, o escritor Carlos Studart Filho, ("Páginas de História e Pré-história", ed. 1966, p. 186) fala assim: "Adotando o gênero de construção de certa forma obrigatório naquelas regiões difíceis do Nordeste brasileiro, ali fez Jerônimo de Albuquerque levantar uma estacada de pau-a-pique a que deu o nome de Fortin de N. S. do Rosário".

E o venerando historiógrafo Rocha Pombo, em sua "História do Brasil", V. III, p. 659, ratificando tais afirmativas, também informa: "Jerônimo de Albuquerque, tendo ido à Camocim e examinado aquela paragem, não se sabe bem porque, entendeu de voltar atrás até a Baia das Tartarugas (Jericoacoara), onde fundou o Forte do Rosário. Ali esperou inutilmente por Soares, até que, suspeitoso dos índios, e sentindo escassearem-se-lhe os recursos, guarneceu o forte com 40 homens e retirou-se, por terra, para Pernambuco".

O Cônego F. Sadoc de Araújo corrobora com mais detalhes: "1º de junho de 1613. Vendo Jerônimo de Albuquerque que Martim Soares Moreno não retornava a Jericoacoara, desconhecendo seu destino, retorna a Recife, deixando o Fortim de N. S. do Rosário sob a chefia de seu sobrinho de igual nome.

B. Studart, em seu brilhante trabalho intitulado "Comemorando o tricentenário do Ceará", p. 159, oferece igualmente circunstanciados informes sobre o assunto: "Compreendendo Jerônimo de Albuquerque a necessidade de regressar, e mandando a gente de guerra por mar, voltou por terra, não se tendo descuidado de guarnecer de soldados o Forte de Nossa Senhora do Rosário, de cuja comandância encarregou o próprio sobrinho. Era um posto de grande responsabilidade, pois que Jericoacoara desafiava a visita dos corsários estrangeiros, para o resgate de diferentes drogas, e estava à mercê das investidas dos naturais, que, conhecedores das precárias condições de sua guarnição, por mais de uma vez tentaram trucidá-la, como aconteceu em 1614, quando 300 deles se abalançaram a esse intento, sendo, todavia, repelidos, com grande mortandade, apesar da penúria de sua guarnição, que havia meses só se alimentava de ervas do mato. Para acudir a esses apertos e como socorro à guarnição, foi que Gaspar de Sousa expediu a 28 de maio, um caravelão com 300 homens, sob o comando de Manoel de Sousa Eça, que chegando ali a 9 de junho, trazendo um carregamento de víveres e pólvora, teve logo de medir-se com os Franceses de Du Prat, infligindo rigoroso castigo à sua audácia."

Para melhores esclarecimentos aos leitores porventura interessados no assunto, isto é, interessados em conhecer essas sangrentas ocorrências, registramos a seguir umas notas apanhadas na Revista do Instituto do Ceará, Tomo VIII, ps. 108/109: "1614 — 18 de junho. Chega a Jericoacoara, de uma para as duas horas da tarde, um navio francês, de duzentas toneladas, mais ou menos, sob o comando do sr. du Prat (os índios chamavam Coryma), trazendo a seu bordo trezentos homens, para a colônia do Maranhão e doze missionários capuchinos, entre os quais Frei Arcângelo de Bembrock.

Vinha do Ceará, onde teve notícia da existência do Forte do Rosário".

"Tentando du Prat apoderar-se do forte, para o que fez desembarcar cerca de duzentos soldados, com Capitão, Alfares e Sargento, saem-lhe ao encontro dezoito homens, tendo à sua testa Manoel Eça e o Capitão Jerônimo de Albuquerque, os quais derrotaram completamente os assaltantes, obrigando os que sobreviveram a fugir precipitadamente para o navio, com perda de mais de doze mortos e cerca de trinta feridos".

"Esperando ser atacado no dia seguinte, Manoel Eça, a quem faltavam as munições, fez reduzir a pelouros os pratos de estanho que encontrou no arraial, mas nessa madrugada o inimigo fez-se à vela para o Maranhão, sem mesmo ter feito aguada".

"A História deve registrar os nomes dos principais soldados que tomaram parte na defesa do presídio. Foram eles os Capitães Manoel Sousa Eça e Jerônimo de Albuquerque, Alferes Cristóvão Solares, Sargento Baltazar Fernandes Barreiros e Cabos de esquadra Simão Fernandes Botelho, Manoel dias Quoteros e Francisco Araújo Moura".

O Padre-escritor Antônio Vieira (O POVO, de 20.06.85) afirma que "Acaraú foi um irrestível baluarte de resistência à dominação francesa, no Forte de Nossa Senhora do Rosário, nas praias de Jericoacoara, reproduzindo, com mais heroísmo, o feito de Leônidas com 300 espartanos contra 10.000 persas, nos desfiladeiros das Termópilas".

Consoante nota já transcrita, o historiador Rocha Pombo diz que não se sabe bem porque o Capitão Jerônimo de Albuquerque deixou Camocim, para construir seu reduto na enseada de Jericoacoara.

Muito provavelmente a preferência do chefe pela Baia das Tartarugas, foi dada em decorrência da facilidade de sobrevivência na localidade.

Tanto isto é aceitável, que o Historiador Raimundo Girão informa que "a expedição de Albuquerque pretendeu estabelecer base de operações no rio Camocim, porém achando a terra ali mísera, seca e sem água, firmou-se no **Buraco das Tartarugas**".

Daí, certamente, o entusiasmo do Pe. Cláudio Abbevilli ("Páginas de História e Pré-história", p. 186) falando de Jericoacoara: "Esse lugar é agradabilíssimo; nele abundam as frutas e a caça é numerosa".

E Carlos Studart Filho aprova (obra citada): "A predileção do chefe por aquele recanto esquecido das nossas orlas oceânicas, talvez se justificasse então de maneira diferente. Outras e bem melhores que as atuais seriam as condições de vida".

Inobstante, com o transcorrer do tempo essa apregoada fartura passou a escassear. Mesmo porque "rivalidades surgidas entre brancos e índios, tornaram difícil o abastecimento de víveres à guarnição do Fortim. O peixe, a caça, as frutas e outros produtos que vinham sendo conseguidos da indiada entraram a escassear".

E os homens deixados pelo Capitão Jerônimo de Albuquerque para guarnecer o presídio, chegaram "à penúria extrema de se alimentar de ervas bravas durante meses seguidos", como já foi dito.

O Barão do Rio Branco,, em suas "Efemérides Brasileiras" também confirma mencionadas ocorrências.

Além desse infortúnio, aquele posto de defesa sofreu diversos ataques dos nativos, como também de estrangeiros.

Comenta o historiador Carlos Studart Filho: "A existência do reduto de Nossa Senhora do Rosário foi curta, mas marcada por epsódios de intensa dramaticidade. Junto a seus muros desenvolveram-se lutas mortíferas entre lusitanos e naturais".

E aludindo a esses ataques dos indígenas, a Revista do Instituo do Ceará, v. 81, p. 163, nos dá conhecimento de que o "presídio de N. S. do Rosário, erigido por Jerônimo de Albuquerque para conseguir a conquista do Maranhão, tornou-se alvo de suas investidas, desde a fundação".

Tal como registra a história, nessa altura dos acontecimentos, o Capitão Jerônimo de Albuquerque, pela segunda vez, mandou emissários a **Jurupariaçú**, poderoso Chefe dos **Tabajaras** na Ibiapaba, tentando conseguir sua adesão, com o objetivo de levar avante o seu plano de ataque aos franceses, no Maranhão.

Infelizmente, entretanto, o belicoso cacique negou novamente sua colaboração. E informa J. Batista Aragão ("História do Ceará", 1º v. p. 41) que os **Tabajaras** trataram rudemente os mensageiros de Albuquerque.

Em tais circunstâncias, sentindo-se o valente Capitão do Ceará sem possibilidades de enfrentar as hordas gaulesas no Maranhão, protelando sua viagem até ali, resolveu voltar à Pernambuco, de onde retornou à Jericoacoara em fins de setembro de 1614.

Todavia, continuando a existir as vicissitudes e adversidades com que se vinha defrontando, o Capitão Jerônimo de Albuquerque compreendeu, finalmente, que não tinha mais condições de manter, por mais tempo, o Forte de Nossa Senhora do Rosário. Resolveu, então, desativá-lo, para que algum aventureiro que porventura ali aportasse, não viesse a utilizá-lo contra os próprios portuguêses.

Acontece que o intemerato colonizador professava a Religião Católica. E, por isso, não quis destruir seu reduto, sem prestar uma homenagem à sua venerada Madrinha.

Para terminar este apontamentos sobre o badalado posto de defesa marítima do Capitão Albuquerque, com a devida permissão, damos a palavra ao eminente historiador e mestre, Cônego F. Sadoc de Araújo, para dois registros altamente importantes sobre o famigerado reduto das forças lusitanas na costa cearense; registros extraidos de "Cronologia Sobralense", v. I, p. 22:

— "5 de outubro de 1614. Festa de N. S. do Rosário. Diogo de Campos Moreno e Jerônimo de Albuquerque se encontram no Fortim de Jericoacoara, no dia da festa de sua padroeira. Frei Manoel da Piedade, capuchinho, companheiro de tropa, celebra missa solene acompanhada de cânticos, órgão e flautas. Foi a primeira missa celebrada nas praias da Ribeira do Acaraú".

— "12 de outubro de 1614. Jerônimo de Albuquerque, sem condições de manter o Fortim de N. S. do Rosário de Jericoacoara, o fez demolir, e associando a si todos os defensores, fe-se-á vela, prosseguindo viagem rumo ao Maranhão".

"Termina assim a história heróica do primeiro fortim levantado nas praias da Ribeira do Acaraú".

★ ★
★

Apenas um ano depois, isto é, em 1615, as forças invasoras dos francêses foram expulsas, pelo mesmo Capitão Jerônimo de Albuquerque, encerrando-se aí a última tentativa francesa de colonização do Brasil.

OUTROS FORTES

Consoante a palavra abalizada de historiadores eméritos, a famosa enseada de Jericoacoara, daquela época a segunda metade do século XVII, não somente recebeu visitas de corsários estrangeiros que ali desembarcaram, mas também outros postos avançados de guerra e de defesa foram instalados naqueles confins do litoral cearense. Pelo menos projetos foram elaborados neste sentido, por órgãos governamentais interessados em guarnecer aquela área, especialmente porque aquela baia constituia uma posição estratégica de marcante relevância.

"Cronologia Sobralense", v. I, p. 22, registra que "em março de 1622, Antônio Muniz Barreto visitou a Ponta de Jericoacoara. E Carlos Studart Filho nos dá conhecimento

de que o Plano de Defesa da Província do Ceará, organizado pelo Comandante de Armas do Ceará, Conrado Jacob Niemeyer, a 27 de setembro de 1626, determina que "a enseada de Jericoacoara, geralmente notada em todas as Cartas Marítimas, e mui conhecida dos estrangeiros, deve ser fortificada com 4 bocas de fogo, e entregue a sua defesa aos desvelos de um Oficial ativo que tenha debaixo de suas vistas de Acaraú a Timonha".

Aí pelos idos de 1639/40, os holandêses levantaram em Jericoacoara um pequeno Forte, que seria naquela praia o seu entreposto de guerra, instalando ali uma base militar, para garantir seus propósitos de conquista.

Atinentemente a esse reduto alí erigido pelas forças holandesas, é ainda o historiador Carlos Studart Filho que escreve: "Jericoacoara foi também fortificada pelos holandêses, ao assenhoarem-se do Ceará, em 1639".

Confirma-o Álvaro Gurgel de Alencar, em seu "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará", ed. de 1939, p. 210: "Aí os holandêses, aproveitando-se das vantagens de uma posição estratégica, assenhoaram-se do terreno e levantaram um pequeno forte, cujas ruinas ainda são vistas em baixa maré".

Mencionado entreposto, durante algum tempo foi comandado pelo Capitão Jacob Evers, o qual, segundo Gustavo Barroso, em 1640 "arrebanhou ai os salvículas aliados, levando-os em auxílio aos seus compatriotas". Entretanto, em 1644 "os **Tabajaras** surpreenderam o fortim, matando todos os seus ocupantes".

Em 1655 ("Páginas de História e Pré-história", p. 191) "mandou André Vidal de Negreiros levantar, na Ponta de Jericoacoara, uma fortificação permanente, como meio de facilitar as comunicações por terra, entre o Maranhão, a Ibiapaba e o Ceará, até então precárias e difíceis, por causa da constante hostilidade dos nativos contra os portuguêses".

Acontece, todavia, que esse plano fracassou, em consequência, a fortificação de Vidal de Negreiros não chegou a ser construida.

Quase dois séculos depois, isto é, em 1843, o então Presidente da Província do Ceará, José Mariano de Sousa Bitancort, dizia em seu Relatório do Estado das Foritificações, que no local Jericoacoara já houvera uma bateria. E acrescentava: "Algumas peças que aí foram levadas para armar essa bateria, ou estão sepultadas na areia ou foram roubadas para bordo de embarcações que aí foram".

A propósito, Antônio Bezerra, ("Notas de Viagem", ed. de 1965, p. 41), nos dá esta notícia: "Tive ainda ocasião de ver e admirar uma peça de calibre 18, trazida, com algum

trabalho, do forte de Jericoacoara, pelo sempre lembrado dr. Privt".

Provavelmente trata-se de uma das peças da bateria mencionada pelo Presidente Bitancourt.

Termina aqui a história dos fortes levantados na praia de Jericoacoara, por forças estrangeiras interessadas em apoderar-se daquela famosa enseada, com finalidades belicosas.

ROTEIRO DO PILOTO MANOEL RODRIGUES

Para mais esclarecimentos alusivos à enseada e ao serrote de Jericoacoara, transcrevemos, em seguida, trechos do Roteiro escrito pelo piloto Manoel Rodrigues dos Santos, Comandante da Sumaca "Nossa Senhora das Graças".

O piloto Manoel Rodrigues dos Santos saiu de Recife a 19 de maio de 1759, e chegou à Jericoacoara no dia 24 do mesmo mês. Ele viajava de ordem do General Luiz Diogo Lobo da Silva, então Governador da Capitania de Pernambuco, e trazia à bordo de sua embarcação o Ouvidor Bernardo Coelho da Gama Casco, que se destinava ao Maranhão.

Estas notas são copiadas da "História do Ceará", de B. Studart, Ed. de 1982, p. 208/209:

— "Na 5ª feira, 24 do dito mês, logo pela manhã larguemos vela, e seriam 11 horas da mesma manhã, quando demos fundo na enseada de **Jaracaquara**, quanto ao morro do mesmo nome, aonde tivemos funeados com 3 braças de água".

"Advertência. Todos os barcos que vêm comerciar no Rio Camocim ou Parnaíba, infalivelmente hão de buscar esta enseada de **Jaracaquara**, para daqui formarem as horas competentes para buscar as ditas barras, cuja enseada é muito conhecida de todos que navegam para Maranhão e Pará, por ser verdadeira demarcação para formarem o seu ponto de irem corrente da costa abaixo".

"Acha-se a tal enseada ao rumo do nordeste da barra de Camocim, em distância de 7 léguas, ficando à direita o sudoeste; a qual é mui aprazível e deleitosa à vida humana, mas o que se faz mais aprazível é a comunicação que tem com o morro do mesmo nome, do qual morro se forma a mesma enseada, na face que olha para o sudoeste".

"O morro de que assim se fala, de cuja origem é dita enseada, é a terra mais conhecida que há em toda costa, por estar ligado com o mar; e não só por esta causa, mas sim por ter nas duas extremidades, tudo areiais brancos, motivo porque é visto de muito longe, e lhe dá muita graça o ver-se o mato escuro entre as areias brancas. Por toda

sua circunferência se sobe ao dito morro. Nele entra gado vacum e cavalar, a pastarem. E também dizem que nele se criava veados, emas e outros animais silvestres. Terá de altura 580 palmos e de comprido 6.500 palmos".

"Na parte do mar tem algumas pedras, entre as quais se acha uma chamada **Pedra Furada**, com uma grande furna feita da própria natureza, onde dizem que se recolhem animais indômitos".

ALEMÃOS NA BAIA DAS TARTARUGAS

Consoante informações recentes colhidas **in loco**, além dos turistas estrangeiros que têm visitado a praia de Jericoacoara, e já mencionados em nota anterior, estão chegando ali passeantes oriundos de outros países, tais como: Bolívia, Itália, Uruguai, Irlanda, Canadá, Costa Rica, México, Alemanha e de outras procedências.

A propósito, é bom registrar que desde a década de quarenta, a população de Jericoacoara comenta que na Segunda Guerra Mundial navios alemães, por mais de uma vez, estiveram naquela enseada, ignorando-se com que objetivos.

E o jornalista e escritor Osvaldo Barroso, em circunstanciada reportagem publicada no "Jornal das Multidões", edição de 14 de dezembro de 1983, nos dá ciência de que Jericoacoara era o "recanto onde os alemães escolhiam para fazer piquenique durante a Segunda Guerra Mundial".

JERICOACOARA ATUALMENTE

A histórica Vila de Jericoacoara continua sendo visitada por um número crescente de turistas que ali afluem, vindos do Brasil, da América do Sul, da América Central, da América do Norte, da Europa, da Arábia e até da Ásia.

O sr. Artur Silva Filho, Presidente da Empresa Cearense de Turismo, numa entrevista ao Diário do Nordeste, denominou aquela famosa praia de "patrimônio do mundo", e como tal deve ser preservado.

É verdade que além do problema do transporte, a localidade se ressente da carência de hotéis ou estabelecimentos congêneres.

Entretanto, essas dificuldades aos poucos estão sendo minimizadas, pelas **pousadas** que ali vêm sendo abertas aos visitantes.

A Rádio Globo, em 22 de julho de 1988, focalizou aspectos da hospedagem e dos forrós oferecidos aos turistas, naquele "paraíso selvagem".

Quanto ao transporte, existem algumas opções apresentadas por empresas do ramo. Em 1987, a Casa do Turismo, de propriedade de Fábio Rogério Nobre vem organizando um programa de 3 visitas por semana, em um microônibus, com tração nas 4 rodas. Ele tem capacidade para apenas 10 pessoas, mas oferece ar-condicionado, poltronas reclináveis e até boa música.

Ocorre, ainda, que as autoridades do município de Cruz, ao qual ela pertence, estão vivamente interessadas, não somente na sua preservação ecológica, mas também, na melhoria da Vila, de modo a proporcionar um mínimo de bem-estar aos visitantes.

É assim que, desde 1988, o Prefeito João Muniz Sobrinho iniciou ali o serviço de limpeza das ruas e a coleta de lixo, o que vem sendo continuado pelo Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto, seu sucessor. Este já construiu um prédio destinado ao funcionamento do Posto de Monocanal da TELECEARÁ, a ser brevemente instalado naquela Vila.

Em consonância com o Prefeito Jonas Muniz, o Secretário de Cultura e Turismo daquele município, instituiu o troféu "Portal de Jericoacoara", que tem a forma da Pedra Furada — símbolo daquela famosa enseada. Esse troféu é ofertado a autoridades e pessoas outras, como "uma forma de atentarmos para a preservação da natureza", — diz o Secretário.

E, consoante informa o Diário do Nordeste, de 4 de fevereiro último o Prefeito Antônio Raimundo de Araújo Neto, firmou convênio com o dr. Antônio Renato Lima Aragão, titular da SEMACE, para proteger aquela praia histórica, contra a depredação e a especulação. Aquele governante municipal pretende criar o Conselho Municipal da Defesa do Meio-Ambiente com o que terá melhores condições de proteger aquela maravilha.

JERICOACOARA E A POESIA

Um bom número de poetas tem escrito poemas exaltando os encantos da praia de Jericoacoara, com seu promontório e sua história quatro vezes secular.

Para ilustrar esta notícia, transcrevemos as primorosas trovas escritas pelo eminente acarauense e Bispo Auxiliar de Fortaleza, Dom Manoel Edmilson da Cruz, nascido na simpática e adiantada Vila de Aranaú.

"Teu nome pronunciado
Tem acordes de canção,
Recorda a ecologia,
Fala, fundo, ao coração.

Beleza das nossas praias,
Murmúrios do velho mar,
Da nossa história Termópilas,
Quem te ver tem de te amar.

Vagas raivosas do alto
Se mudam em aclamação,
Aos teus pés, sorvendo brisas
Quer seja inverno ou verão.

Do invasor ao turista
De toda parte eles vêm,
Feliz e em paz te encontrando,
Ficam felizes também.

Mas teu serrote altaneiro
Vivo apelo hoje lhes faz:
"Se em paz os acolho, amigos,
Não me furtem minha paz!"

FONTES DE PESQUISAS

Dicionário Histórico, Geográfico e Descritivo do Ceará — Álvaro Gurgel de Alencar
Cronologia Sobralense — F. Sadoc de Araújo
Notas para a História do Ceará — B. Studart
Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará — Renata Braga
Os Municípios Cearenses e Seus Distritos — Raimundo Girão
Subsídio História Eclesiástica e Política do Ceará — Padre João Mendes Lira
Pequena História do Ceará — Raimundo Girão
Páginas de História e Pré-História — Carlos Studart Filho
Município de Acaraú (Notas) — Nicodemos Araújo
Arquivo da Prefeitura de Acaraú
Arquivo da Paróquia de Acaraú
Arquivo da Prefeitura de Cruz
Arquivo da Paróquia de Cruz